

Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Programa de Pós-Graduação em Linguística

**Representação do Povo Brasileiro em Livros de Português como
Segunda Língua**

Jeane Antonio Pedrozo

Brasília – DF

2014

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

**Representação do Povo Brasileiro em Livros de Português como
Segunda Língua**

Jeane Antonio Pedrozo

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Dra. Edna Cristina Muniz da Silva

BRASÍLIA - DF

2014

TERMO DE APROVAÇÃO

REPRESENTAÇÃO DO POVO BRASILEIRO EM LIVROS DE PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA

JEANE ANTONIO PEDROZO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente/Orientadora: Profa. Dra. Edna Cristina Muniz da Silva (LIP/ UnB)

Membro externo: Dra. Kelly Cristina de Almeida Moreira (SEDF)

Membro interno: Profa. Dra. Janaina de Aquino Ferraz (LIP/ UnB)

Membro suplente: Prof. Dr. Kleber Aparecido da Silva (LIP/ UnB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que me deu forças para suportar os momentos de cansaço e a distância da minha família e por me amparar quando a solidão pesou e pensei em desistir.

A minha família, por seu amor e apoio incondicional em todos os momentos e decisões. Minha mãe Jerasi e meu pai Nilo, por todos os momentos em que suas decisões pesaram mais o bem dos filhos que o seu próprio. Janete Pedrozo, minha irmã e melhor amiga, e Adriano Pedrozo, meu irmão.

Aos meus amigos, especialmente Jaíne Araújo, por sete anos de amizade e companheirismo, na saúde e na doença. Rosana Santos, a quem o mestrado me proporcionou conhecer, por sua amizade sincera e por toda ajuda. Mara, pela amizade e trocas de conhecimento e angústias nos momentos de aflição. Ana Alethea, que gentilmente traduziu o Abstract. E a todos os meus amigos por me fazerem uma pessoa mais feliz!

Doutor Aryon Dall'Igna Rodrigues, com quem iniciei a pesquisa científica. Aqui dedico minha gratidão pelos ensinamentos e minha homenagem pelo pesquisador magnífico que foi, que fazia de qualquer instante um momento de aprendizagem.

Doutora Denize Elena, que, com seu amplo conhecimento em análise do discurso e Linguística Sistêmico-Funcional, motivou-me ainda mais na minha pesquisa nessa área.

Doutor Kleber Aparecido da Silva, por sempre acreditar no meu potencial, pela amizade e pelos ensinamentos acadêmicos desde a graduação e por aceitar fazer parte desta banca.

Doutora Kelly Almeida, pesquisadora em LSF, por aceitar fazer parte desta banca.

Doutora Janaina Ferraz, que faz parte da minha trajetória acadêmica desde a graduação em PBSL, por aceitar fazer parte desta banca.

E finalmente manifesto minha imensa gratidão a Doutora Edna Cristina, minha estimada orientadora, por acolher minha pesquisa, e também minhas dúvidas e incertezas, proporcionando-me crescimento pessoal e acadêmico. Obrigada por tudo!

*Julgue o seu sucesso pelas coisas que você teve que renunciar
para alcançá-lo.*

Dalai Lama

RESUMO

Considerando a importância do livro didático no ensino de português como segunda língua, esta dissertação tem como objetivo investigar a representação do povo brasileiro em dois livros destinados ao ensino de português para estrangeiros. Neste estudo, investigo quem são os brasileiros representados nesses livros, com base nas categorias Ator Social, proposta por Leeuwen (1996, 2008) e Agente Social, apresentada por Fairclough (2003), ao tratar da representação dos eventos sociais nos discursos. O *corpus* desta pesquisa é formado por doze textos dos livros **Tudo bem? Português para a nova geração** e **Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação**. A escolha dos textos teve caráter semântico: os textos escolhidos tratam do povo e/ou cultura brasileira. Esta pesquisa tem orientação qualitativa (BAUER & GASKELL, 2003) e as análises fundamentaram-se nas seguintes questões de pesquisa: Como a cultura e o povo brasileiro são representados nesses livros? Que imagem do povo e da cultura brasileira essas representações apresentam? Para a realização desta pesquisa, apoio-me basicamente nos seguintes pressupostos teóricos: estudos sobre representação social pela perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; EGGINS 1994; GHIO E FERNÁNDEZ, 2008); estudos sobre representação social (VAN LEEUWEN, 1996, 2008); e estudos sobre representação de eventos e Agentes Sociais (FAIRCLOUGH, 2003). As análises apresentam evidências de que a representação do povo brasileiro nesses livros não traz elementos da cultura brasileira que mostrem a pluralidade de culturas no Brasil, sendo, ainda, uma representação em que prevalece a figura do branco em detrimento do negro, índio etc., o que demonstra que esses livros continuam a expor estereótipos que não fazem mais sentido dentro do contexto social em que são empregados.

Palavras chave: português como segunda língua, livro didático, Linguística Sistêmico-Funcional, Atores Sociais.

ABSTRACT

Considering the importance of textbooks in teaching Portuguese as a second language, this dissertation aims to investigate the representation of the Brazilian people in two books for teaching Portuguese to foreigners. In this study, I investigate who are the Brazilians represented in these books, based in the categories Social Actor, proposed by Leeuwen (1996, 2008) and Social Agent, by Fairclough (2003), when addressing the representation of social events in speeches. The corpus of this research is composed of twelve texts from the books **Tudo bem? Português para a nova geração** and **Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação**. Text choice had semantic character: the chosen texts are about Brazilian people and/or culture. This research has qualitative orientation (BAUER & GASKELL, 2003) and the analyses were based on the following research questions: How Brazilian culture and Brazilian people are represented in these books? What image these representations portray of Brazilian culture and Brazilian people? This research is based on the following theoretical assumptions: studies on social representation from the perspective of Systemic Functional Linguistics (HALLIDAY, 1994; EGGINS 1994; GHIO AND FERNÁNDEZ, 2008); studies of social representation (VAN LEEUWEN 1996, 2008); and studies on representation of events and Social Agents (FAIRCLOUGH, 2003). The analyses provide evidence that the representation of Brazilian people in these books does not show racial and cultural diversity, presenting the image of white people taking precedence over black people, native Brazilians, and other groups, which demonstrates that these books continue to expose stereotypes that no longer make sense within the social context in which they are employed.

Key words: Portuguese as second language, textbook, Systemic Functional Linguistics, social actors.

LISTA DE SIGLAS

ADC = Análise do discurso crítica

CELPE-Bras = Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros

GF = Gramática funcional

LD = Livro didático

LE = Língua estrangeira

L1 = Língua materna

L2 = Segunda língua

LSF = Linguística Sistêmico-Funcional

MD = Material didático

PSL = Português como segunda língua

PBSL = Português do Brasil como segunda língua

PEPPFOL = Programa de Ensino e Pesquisa em Português para Falantes de Outras Línguas

UnB = Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO.....	15
1.1. Ensino de português como segunda língua	15
1.2 O que é ser brasileiro e quem são os brasileiros?	20
CAPÍTULO 2 – ARCABOUÇO TEÓRICO.....	26
2.1 – Antecedentes e fundamentos da linguística sistêmico–funcional.....	26
2.1.1 – Metafunção ideacional: a oração como representação	32
2.1.2 Tipos de processos.....	33
2.1.3 Circunstâncias.....	41
2.2 A representação dos eventos sociais.....	42
2.2.1 A representação de Atores Sociais	45
2.3 Análise do discurso crítica e a representação social	56
2.3.1 Textos como ação, representação, identificação	57
2.3.2 As representações dos eventos sociais	59
2.3.3 Exclusão, Inclusão e Proeminência	60
2.3.4 A representação de processos, das pessoas envolvidas e das circunstâncias	62
2.3.5 Representação dos Agentes Sociais.....	64
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA.....	69
3.1 O delineamento da pesquisa: coleta de dados	74
3.2 A natureza da pesquisa qualitativa	76
CAPÍTULO 4 – ANÁLISES, DESCRIÇÃO E RESULTADOS	80
4.1 Livro Bem Vindo! a língua portuguesa no mundo da comunicação	80
4.1.1 Texto 1 - O país e o idioma	80
4.1.2 Texto 2 - Quem somos, afinal?.....	85
4.1.3 Texto 3 - Capoeira	107
4.1.4 Texto 4 – Carnaval	112

4.1.5 Texto 5 – Sem título – Tema: progresso da cidade de São Paulo	121
4.1.6 Texto 6 – Preferência Nacional	127
4.1.8 Discussão dos resultados	134
4.2 Livro Tudo bem? Português para a nova geração	136
4.2.1 Texto 1 – Os índios brasileiros do Xingu.....	136
4.2.2 Texto 2 – Jovens preferem internet à TV, revela estudo.....	142
4.2.3 Texto 3 – Rodeios e Vaquejadas	145
4.2.4 Texto 4 – Você conhece esta história	147
4.2.5 Texto 5 – Dia do folclore.....	149
4.2.6 Texto 6 – A educação pela arte	154
4.2.7 Discussão dos resultados	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	163
Apêndice I – Textos originais do livro Bem Vindo! a língua portuguesa no mundo da comunicação!.....	169
Apêndice II – Textos originais do livro Tudo bem? Português para a nova geração	176

INTRODUÇÃO

No Brasil, atualmente, observa-se um aumento do interesse ou da necessidade de se aprender português, fato comprovado pelo crescimento, principalmente em Brasília e no Rio de Janeiro, do número de cursos privados de português como segunda língua que objetivam atender número cada vez maior de estrangeiros que chegam ao país através de contratos trabalhistas, intercâmbios culturais ou na condição de estudantes, de acordo com dados obtidos por Cunha & Santos (1999, 2002) em trabalhos sediados na Universidade de Brasília.

Com o aumento desse interesse na aprendizagem de português como língua estrangeira, surgiram também questões quanto ao material didático utilizado nesses cursos. Fontes (2002) aponta uma insatisfação com os livros didáticos (LDs) disponíveis para o ensino de português para estrangeiros, o que gera o desejo de mudanças nesses materiais, inclusive no que se refere aos temas da cultura brasileira. Considero a questão cultural de fundamental importância para o ensino de português como segunda língua, pois cada vez mais os pesquisadores entendem que língua e cultura estão intrinsecamente relacionados, indissociáveis, pois “ao se aprender uma língua além da materna, o indivíduo não está simplesmente colocando novos rótulos em velhos conceitos, mas está promovendo a construção de uma competência comunicativa e a transformação de si próprio no alargamento de seus horizontes culturais, reinventando-se a partir da posição que ocupa em cada contexto cultural, discernindo o que representa a sua própria cultura e o que representa a cultura do outro” (REIS e BROCK, 2010).

Assim, não é somente a escassez de livros didáticos para o ensino de português como segunda língua que preocupa, mas também a qualidade desses materiais. Uma questão que sempre me intrigou, especialmente durante o meu estágio supervisionado, no qual tive contato com a reação dos alunos perante esses livros, é a imagem dos brasileiros que esses livros trazem, pois essa representação não é uma representação qualquer, é a representação que fazemos de nós mesmos para o mundo.

Em geral, quando se tornam objeto de pesquisa, os livros didáticos são analisados e avaliados quanto aos seus aspectos metodológicos e pouco se diz sobre seu caráter discursivo. O intuito deste trabalho é justamente dar ênfase a esse aspecto pouco

abordado nos trabalhos desenvolvidos. Assim, pretendo investigar em dois livros didáticos de ensino de português como segunda língua como os brasileiros são representados nesses livros, analisando a fidelidade dessas representações quanto às características que apresentam do nosso povo e sua cultura.

Entendo que os LDs, como principal material que dá suporte ao professor em sala de aula de PSL, devem refletir o povo brasileiro e a cultura brasileira como eles são, assim sendo facilitador na aprendizagem do aluno estrangeiro, o que corrobora com Reis e Brock (2010), que apontam para a defesa de um ensino de língua estrangeira a partir de uma abordagem intercultural, que valoriza, além da competência comunicativa, o compartilhamento e a discussão de informações para evitar estereótipos e preconceitos (BYRAM < GRIBKOVA E STARKEY, 1997, p. 5, *apud* REIS E BROCK, 2010).

A área de ensino de português do Brasil como segunda língua pode ser considerada recente, já que o primeiro curso voltado para a formação de professores nessa área somente ocorreu em 1998, na Universidade de Brasília. Formada em 2006 nesse curso, preocupava-me a forma como são representados os brasileiros nesses livros. O interesse na imagem que esses livros traziam surgiu em uma observação de uma aula para falantes de espanhol durante o estágio supervisionado no Programa de Ensino e Pesquisa em Português para Falantes de Outras Línguas (PEPPFOL), do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, na qual observei que os textos e as imagens trazidas nos livros faziam os alunos, embora imersos na cultura brasileira, tirar conclusões gerais, muitas vezes equivocadas em relação aos nossos costumes. Em uma aula, os alunos, ao verem um desenho de pessoas na praia com corpos bonitos que acompanhavam um texto sobre atividade física na praia, esboçaram comentários do tipo: “brasileiros são obcecados pelo corpo”, “todos os brasileiros malham ou fazem cirurgias plásticas”. Tais generalizações acerca da nossa cultura me incomodaram. A partir dessa ideia, investigo qual visão de povo brasileiro trazem os livros didáticos de ensino de português como segunda língua. Nesse sentido, também procurei definir as características principais do povo brasileiro, no capítulo 1. Dessa maneira, direcionei esse trabalho para a análise do discurso relacionada à representação do povo brasileiro em livros de ensino de português como L2.

Para a análise dos textos que fazem parte desta pesquisa, apoio-me na Teoria Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994, 2004; HALLIDAY E HASAN, 1989), na Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2003) e nas representações dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 2008).

Considerando a importância dos livros didáticos no ensino de português como segunda língua e ainda a questão da representação dos Atores Sociais, segundo van Leeuwen (2008) e dos eventos sociais, Fairclough (2003), defino a seguir os objetivos desta pesquisa: (1) apresentar os gêneros do discurso utilizados nos livros didáticos utilizados nesta pesquisa; (2) analisar as representações de povo brasileiro presentes nos livros que constituem o *corpus* desta pesquisa; (3) estudar o modo como essas representações podem influenciar na visão de povo brasileiro, considerando o público-alvo desses livros.

Com base nesses objetivos, as questões que norteiam essa pesquisa são:

- 1 Como a cultura e o povo brasileiro são representados nesses livros?
- 2 Que imagem do povo e da cultura brasileira essas representações apresentam?

Para a Linguística Sistêmico Funcional (LSF), ao usarmos a linguagem, fazemos uma série de escolhas entre as possibilidades que o sistema disponibiliza. Dessa forma, “*precisamos desenvolver nossa consciência*” sobre os significados que as palavras e suas combinações em textos geram para alcançarmos efetivamente nossos propósitos em contextos específicos (HALLIDAY, 1994)¹. São justamente essas escolhas que investigo nesta pesquisa, cujo foco é a representação de povo e de cultura brasileira que trazem os livros didáticos de português como segunda língua.

A presente dissertação foi dividida em quatro capítulos. O primeiro é uma breve contextualização da área de ensino de português do Brasil como segunda língua e uma discussão sobre o que é ser brasileiro. O segundo capítulo traz o arcabouço teórico, no qual fundamento minhas análises, sendo subdividido em três partes: teoria da transitividade, de Halliday (1994), representação dos Atores Sociais, de van Leeuwen (2008) e representação dos Agentes Sociais, Fairclough (2003). No terceiro capítulo, apresento a metodologia utilizada neste trabalho, mostrando como foi a seleção dos dados, que são de natureza documental, bem como a escolha das teorias aqui utilizadas. O quarto capítulo é dedicado às análises dos textos extraídos dos livros de ensino de

¹¹ Todas as traduções desse autor, são traduções livres de minha própria autoria.

PSL, além das análises traz alguns resultados, que já começam a levar a algumas considerações. E, por fim, faço algumas considerações finais.

CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO

Neste capítulo, serão abordadas questões a respeito do ensino de português para falantes de outras línguas, no contexto de imersão na língua alvo, ou seja, ensino de português como segunda língua. Além disso, discutiremos questões relativas à definição do povo brasileiro e aspectos que definem sua cultura.

1.1. Ensino de português como segunda língua

O ensino de português como língua não materna pode ser de duas formas, isto é, ensino de português como segunda língua (L2) – no país da língua e cultura alvo – ou ensino de português como língua estrangeira (LE) – em países cuja língua materna não é o português. Para Almeida Filho (2003, p. 10-11),

Ensinar uma língua segunda é propiciar o desenvolvimento de uma L não-materna que os alunos não dominam ou que dominam com lacunas. Quando a ensinamos, estamos a facilitar compreensões (simultaneamente de conteúdos e do próprio sistema da L-alvo). Por contraste com L1 [língua materna], o ensino de L2/L oficial não pode apenas tomar a L-alvo como dada, como ponto pacífico, focalizando suas formas e regras no sistema linguístico. Por contraste com o ensino convencional de LE [língua estrangeira], o ensino de uma L2 não pode se demorar na construção do sistema primeiro e nem repousar sobre o ensino vinculado na própria L1 dos alunos como mediação para aprender uma L de fora do país.

Língua estrangeira é uma outra língua em outra cultura de um outro país pela qual se desenvolve um interesse autônomo (particular) ou institucionalizado (escolar) em conhecê-la ou em aprender a usá-la.

O panorama geral do ensino de língua portuguesa no mundo é amplo e diverso. Presente nos centros de línguas das universidades, em centenas de escolas privadas de idiomas, nas embaixadas brasileiras e em centros culturais luso-brasileiros, o português do Brasil expandiu significativamente nos 500 anos de existência. De acordo com Almeida Filho (2003), a visibilidade do Brasil internacionalmente iniciou-se na década de 50.

Na condição de maior país de língua portuguesa e com maior contingente de falantes nativos (são 180 milhões comparados aos aproximados 14 e 10 milhões das colocações seguintes de países lusófonos) o esforço educacional, cultural e político de apoio ao idioma empreendido no país, ainda em bases pré-organizatórias de política linguística, terá grande peso para o destino da lusofonia. A década de 50 no século 20 marcou especialmente um ciclo de desenvolvimento econômico e cultural do país contaminado por grande

otimismo com relação ao futuro, por forte aceleração da vida urbana e pela explosão de certa imagem mundializada e certamente projetada a partir dos Estados Unidos da América nas estilizações tropicalistas pioneiras da artista performática luso-brasileira Carmen Miranda. (ALMEIDA FILHO, 2003, p. 13)

Nas últimas décadas, o interesse pela aprendizagem de português como língua não materna tem aumentado significativamente. Fatores econômicos, sociais, políticos e culturais contribuíram para esse aumento, como, por exemplo, a assinatura do MERCOSUL, em 1991, fortaleceu o ensino de língua portuguesa no exterior. Cursos de português também são oferecidos no programa de várias universidades nos Estados Unidos da América e em vários países da Europa, como as universidades de Yale, Princeton, Cornell, Georgetown (EUA), Oxford e Cambridge (Inglaterra), Estocolmo (Suécia), Aarhus (Dinamarca), Oslo (Noruega).

A ampliação do ensino de língua portuguesa no exterior fez com que surgissem novos institutos e associações, órgãos que têm o objetivo de agregar propostas para internacionalizar a língua portuguesa nos diversos continentes, apesar de que "se o Brasil quiser jogar no 'time dos grandes' vai precisar investir [em promover o idioma português e a cultura brasileira]", acredita Joseph Marques, pesquisador do King's College que está estudando a cooperação entre os países da comunidade de língua portuguesa (CPLP).

A CPLP foi criada em 1996 e, inicialmente, reuniu Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe. Em 1989, esses países criaram o Instituto Internacional da Língua Portuguesa. A partir de 2002, com a adesão de Timor-Leste, a CPLP alcançou cerca de 230 milhões de pessoas.

Outra ação bastante positiva no sentido de unificar procedimentos em relação à divulgação da língua é o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras), que teve início em 1993, a partir de um protótipo de extração comunicacional criado e utilizado na Universidade Estadual de Campinas ao abrigo do Projeto Português Língua Estrangeira que Almeida Filho dirigiu nessa instituição entre 1989 e 1995. O certificado atualmente é conferido em quatro níveis: intermediário, intermediário superior, avançado, avançado superior.

Em 1998, a primeira aplicação do exame, com 141 inscritos, ocorreu na UFRGS, Unicamp, UFRJ, UFPE, UnB e em três instituições do MERCOSUL: Instituto Cultural Uruguaio-Brasileiro, Centro de Estudos Brasileiros de Assunção e Fundação Centro de Estudos Brasileiros de Buenos Aires. No ano seguinte, dois exames foram

realizados e envolveram 27 instituições: 14 no Brasil e 13 no exterior. Atualmente, há 47 locais de aplicação da prova no exterior, e estrangeiros que já estão no país podem fazer o exame em 22 postos e são aplicadas duas provas por ano. Em 2012, foram 7,5 mil inscritos. Só no primeiro semestre de 2013, 3.972 estrangeiros fizeram a prova.

Cunha & Santos (1999, 2002) afirmam que o aumento na procura por cursos de português como segunda língua pode estar relacionado à obrigatoriedade, que passou a existir com a oficialização do CELPE-Bras, de demonstrar proficiência em português por estrangeiros que desejem estudar ou exercer profissões liberais no Brasil.

O primeiro curso de licenciatura voltado para essa área surgiu também em 1998, como aponta Grannier (2001), “por iniciativa de Enilde Faustich, que havia percebido, no contexto dos encontros acadêmicos sobre política do idioma, realizados em outros países do MERCOSUL, a tarefa que cabia às universidades brasileiras”. Até então, como não havia um curso específico para essa área, professores de português como L1 e de professores de outras línguas como LE, especialmente de inglês e de francês, os profissionais que atuaram na área de PSL ou PLE, de acordo com Grannier (2001),

percorreram caminhos variados para obter a competência necessária: ou eram professores de línguas estrangeiras que, transferindo seus conhecimentos de ensino de LE, passaram a se dedicar ao português, aprendendo de forma autodidata quais aspectos do português seriam enfocados no ensino de PL2, ou eram professores de português como L1 que, transferindo seus conhecimentos da língua portuguesa, aprenderam de forma autodidata como ensinar uma L2 e quais os aspectos do português seriam enfocados como L2.

Posteriormente, houve a possibilidade de aprender sobre o ensino de português como L2 em cursos de pós-graduação. Mais recentemente, nas próprias licenciaturas em Letras, como na Universidade de Santa Maria e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul têm tido a oportunidade de fazer algumas disciplinas voltadas para o ensino de português como L2 (ZANDWAIS, 2000).

Com o curso de voltado para a área de Português do Brasil como Segunda Língua (PBSL), o professor de português como L2 passa a ser um profissional especialista e com sensibilidade para diversas variáveis. Como especialista, ele é conhecedor da língua portuguesa, do processo de aquisição de uma L2 e das abordagens de ensino/aprendizagem de L2. Como pessoa, ele desenvolve sensibilidade para

identificar diferentes situações de ensino e diferentes tipos de aprendizes com os quais interage, elaborar materiais didáticos e superar diferenças, aponta Grannier (2001).

Considerando esse contexto de ensino e como aluna do curso de Português do Brasil como Segunda Língua da Universidade de Brasília, deparei-me com uma realidade de poucos livros disponíveis para o ensino de português como segunda língua ou língua estrangeira.

O investimento de universidades brasileiras na pesquisa na área de PLE ou PSL deflagrou iniciativas de composição de material didático específico que acabou publicado por companhias e editoras privadas. Embora o primeiro livro didático em bases modernas de Mercedes Marchand tenha aparecido em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 1956, a partir do trabalho da autora junto à Universidade Católica daquela capital sulista, as décadas seguintes seriam marcadas por iniciativas de ensino e publicação de manuais em universidades estadunidenses. No final da década de 70, Biazioli & Gomes de Matos, do Centro Yázigy de Linguística Aplicada em São Paulo, publicariam outra série importante de ensino do PLE, o Português do Brasil para Estrangeiros. Com a explosão da pós-graduação no campo universitário e com o crescente ingresso de capital humano estrangeiro acompanhando seus investimentos na indústria brasileira, o ensino de PLE ganhou envergadura a partir dos anos 80. Várias séries como Tudo Bem, de Raquel Ramallete, Avenida Brasil, Emma Eberlein de Lima et alii, e Fala Brasil, de Elizabeth Fontão e Pierre Coudry vieram à luz nessa época.

Atualmente, foram encontrados cinco livros disponíveis em livrarias especializadas, o que pode ser considerado um número pequeno. Além disso, há uma insatisfação com os livros didáticos disponíveis para o ensino de português para estrangeiros por parte dos profissionais que atuam nessa área, havendo uma tendência ao desejo de mudanças que sejam viabilizadas por meio de materiais que favoreçam o equilíbrio entre a forma e o uso, bem como tragam temas da cultura brasileira (FONTES, 2002). Almeida Filho (2003, p. 18) também ressalta a importância da análise crítica dos materiais didáticos.

A produção de séries didáticas cresceu espontaneamente. Isso é salutar, mas faz falta a crítica sistemática dessas iniciativas para orientar novas produções e apoiar novas tendências metodológicas no ensino de PLE. Livros teóricos sobre o ensino de PLE estão disponíveis mas precisarão crescer em escopo para, com maior abrangência e especialização dos aspectos do processo de ensino-aprendizagem-formação continuada, poder melhor orientar novos profissionais ou a legião desassistida de professores já em serviço,

desconfiada de que é preciso avançar profissionalmente.

Assim, Almeida Filho (2003) chama a atenção para o fato de que é necessário intensificar a consciência sobre as especificidades do ensino de PLE e sobre a situação das iniciativas concertadas para o desenvolvimento dessa especialidade estratégica consubstanciadas em políticas explícitas de ensino da língua portuguesa brasileira e sua cultura.

A cultura é um fator relevante no ensino de línguas estrangeiras como um facilitador no desenvolvimento da competência comunicativa, pois língua e cultura são tão intimamente ligadas que seria uma tarefa árdua considerá-las isoladamente. Além disso, segundo Fontes (2002), a cultura dá vida à linguagem e sem ela a aprendizagem de uma língua tende a se tornar cansativa e sem atrativos. Dessa forma, conhecer melhor os hábitos, os comportamentos e os sentimentos das pessoas que usam a língua materna propicia ao aluno a possibilidade de usar a língua estrangeira mais adequadamente e assim comunicar-se de forma mais eficiente com os falantes nativos.

De acordo com Laraia (2002), a forma como cada cultura percebe o mundo gera uma organização particular de determinados valores, apreciações de ordem moral e comportamentos sociais. Nossa herança cultural inclui até mesmo as posturas corporais, por esse motivo, é possível entender o fato de que indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, como os modos de agir, vestir, caminhar e comer, e principalmente pelas diferenças linguísticas.

Analisar os aspectos culturais e interculturais envolvidos no aprendizado do português como língua estrangeira a partir da forma como nós brasileiros usamos a língua, pode contribuir para um ensino muito mais eficiente. Ou seja, ensinar ao aprendiz de PLE as principais expressões utilizadas e os aspectos socioculturais que estão presentes nesse tipo de interação pode contribuir para um melhor entendimento do comportamento linguístico e social do brasileiro”. (ALMEIDA FILHO, 2003)

Em relação ao ensino de português como segunda língua, Neves (2011) considera que existem muitos desafios aos professores e à escola como um todo, relacionados à questão cultural envolvida no processo de ensino e aprendizagem e aos livros e outros materiais didáticos disponíveis no mercado.

Os livros e materiais didáticos que veiculam a língua e a cultura brasileira em língua portuguesa para estrangeiros precisam estar adequados ao contexto de ensino, ou seja, os materiais de PLE para a EB devem ser diferenciados, pois os alunos estão em um contexto de imersão da língua-alvo.

A autora ainda ressalta a importância de adequar a aula e os recursos utilizados às necessidades e aos interesses diferenciados dos aprendizes e afirma que tal ‘constatação ajuda a descortinar as distintas formas de lidar com o aprender PLE de cada estrangeiro, o que vai demandar escolhas distintas no que tange a estratégias de ensino, abordagem e métodos, tipos de recursos a serem explorados, os MDs [materiais didáticos] a serem utilizados’ (NEVES, 2011).

Em geral, quando se tornam objeto de pesquisa, os livros didáticos são analisados e avaliados quanto aos seus aspectos metodológicos e abordagens utilizadas e pouco se diz sobre seu caráter discursivo. O intuito deste trabalho é investigar, em um livro didático de ensino de português como segunda língua, como os brasileiros são representados, se essas representações podem ou não construir estereótipos.

1.2 O que é ser brasileiro e quem são os brasileiros?

Definir quem são os brasileiros não é tarefa fácil. Grandes intelectuais brasileiros debruçaram sobre o tema, concluindo que a complexa formação do povo brasileiro é que gerou essa mistura que existe hoje. Difícil falar de brasileiros sem falar de tipos regionais, mas selecionar as características mais importantes que marcam uma região também não é fácil. O fato é que, quando se trata de definir os brasileiros é melhor evitar generalizações, pois o Brasil é um país de muitas “caras” e a miscigenação de etnias e a mistura de culturas é o que mais nos define como povo brasileiro.

O Brasil, um país de diversas etnias, crenças e costumes, é marcado pelas diferenças regionais. Assim, definir o que é ser brasileiro é um propósito ousado e necessário para a construção deste trabalho. Três são os livros mais relevantes que se propuseram à essa tarefa de tratar da nossa nacionalidade: O povo brasileiro, de Darcy Ribeiro, Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre e Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda.

É fato que o povo brasileiro surgiu da confluência ou ainda do entrechoque dos portugueses com os índios e, posteriormente, com os negros africanos. Dessa maneira,

formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo. Novo porque surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos. Também novo porque se vê a si mesmo e é visto como uma gente nova, um novo gênero humano diferente de quantos existam. Povo novo, ainda, porque é um novo modelo de estruturação societária, que inaugura uma forma singular de organização socioeconômica, fundada num tipo renovado de escravismo e numa servidão continuada ao mercado mundial. Novo, inclusive, pela inverossímil alegria e espantosa vontade de felicidade, num povo tão sacrificado, que alenta e comove a todos os brasileiros. Velho, porém, porque se viabiliza como um proletariado externo. Quer dizer, como um implante ultramarino da expansão europeia que não existe para si mesmo, mas para gerar lucros exportáveis pelo exercício da função de provedor colonial de bens para o mercado mundial, através do desgaste da população que recruta no país ou importa". (RIBEIRO, 1970)

Assim, é possível afirmar que o processo de formação do povo brasileiro influenciou na identidade do brasileiro e definiu o que somos hoje e quem somos. Digo somos porque é difícil falar de brasileiros sem me incluir. Acredito ser o instinto de nacionalidade.

Segundo Ribeiro (1970), a sociedade e a cultura brasileiras podem ser vistas como variantes da versão lusitana da tradição civilizatória europeia ocidental, com diferenças herdadas dos índios americanos e dos negros africanos. Assim, o Brasil emerge remarcado de características próprias, mas atado geneticamente à matriz portuguesa.

Desde a declaração do Brasil como nação independente, em 1822, a identidade brasileira passou por diversas mudanças trazidas com as transformações internas nas áreas econômica, social e cultural.

Vale ressaltar também que a identidade da nação brasileira foi construída ao longo dos anos. A formação de uma consciência nacional, nosso instinto de nacionalidade não foi natural, mas sim construído. De acordo com artigo publicado no site MundoEducação,

A preocupação, de tentar construir uma identidade brasileira, começou no século XX, pois no século XIX, grande parte da população não era considerada oficialmente como brasileira. A partir de 1930, os órgãos

governamentais começaram a introduzir elementos na nossa cultura, como por exemplo: o futebol, o carnaval, a feijoada, etc. Nesse período, na primeira metade do século XX, foi construída a imagem do brasileiro. Um povo cordial, bem-humorado, alegre e não racista. Porém, é válido ressaltar que os órgãos governamentais tentavam introduzir uma identidade, mas ela só foi aceita porque o povo se identificava com ela.

De uma maneira simplista, o elo comum entre todo brasileiro é a simples sensação de sentir-se brasileiro. Desde a publicação de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, em 1933, e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, em 1936, muito já se foi escrito e teorizado sobre tal definição de nacionalidade.

Sérgio Buarque buscou na história colonial as origens dos problemas nacionais, descreveu o brasileiro como um “homem cordial”, ou seja, que age pela afetividade, preferindo as relações pessoais ao cumprimento de leis objetivas e imparciais. “Falta ordenamento impessoal que caracteriza a vida no Estado burocrático”, afirma Holanda (1999). Ele afirma ainda que o “homem cordial” é resultado da cultura patrimonialista e personalista própria da sociedade brasileira. A nossa cordialidade enfatizava o predomínio de relações humanas mais simples e diretas que rejeitavam a polidez e a padronização, características da civilidade. A dificuldade de constituição de um Estado “civil” brasileiro se expressava no fato de que essa instituição não era (e não é) um prolongamento da família.

A obra **Raízes do Brasil** retrata e faz uma analogia da configuração social brasileira e de seus costumes, tendo como parâmetro a origem da cultura brasileira, que teve uma forte influência europeia, por parte, especialmente, dos portugueses. Ressalta-se o fato de que os portugueses promoveram a mistura das etnias.

Holanda (1999) compartilha com Freyre (2004) a visão psicológica e culturalista da história, e se refere às “determinantes psicológicas” da expansão portuguesa na América; ao “exíguo sentimento de distância entre os dominadores, aqui, e a massa trabalhadora constituída de homens de cor”, cujo resultado eram relações com os donos que variavam “da situação de dependente para a de protegido, e até mesmo de solidário e afim”.

Em **Casa-Grande & Senzala**, Freyre (2004) exprime claramente o seu pensamento: “o que houve no Brasil foi a degradação das atrasadas pelo domínio da adiantada”. Os índios foram submetidos ao cativeiro e à prostituição. A relação entre brancos e mulheres de cor foi a de vencedores e vencidos.

Quando, em 1532, se organizou econômica e civilmente a sociedade brasileira, já foi depois de um século inteiro de contato dos portugueses com os trópicos; de demonstrada na Índia e na África sua aptidão para a vida tropical. Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio, e mais tarde de negro, na composição. (FREYRE, 2004)

Essas duas obras, assim como **O povo brasileiro**, possibilitam-nos pensar no processo de colonização como fundador do próprio brasileiro, pois dão significados à influência portuguesa e ao papel do índio e do negro na formação da nossa cultura e modo de ser.

É interessante o fato de que a confluência de tantas e tão variadas matrizes formadoras poderia ter resultado numa sociedade multiétnica, dilacerada pela oposição de componentes diferenciados e imiscíveis, tendo ocorrido justamente o contrário, pois “apesar de sobreviverem na fisionomia somática e no espírito dos brasileiros os signos de sua múltipla ancestralidade, não se diferenciaram em antagônicas minorias raciais, culturais ou regionais, vinculadas a lealdades étnicas próprias e disputantes de autonomia frente à nação” (RIBEIRO, 1970).

De acordo com Ribeiro (1970), as exceções são algumas microetnias tribais, que vivendo para sem contato com a civilização, conservam sua identidade étnica. No entanto, essas tribos são tão pequenas que, qualquer que seja seu destino, já não pode afetar à macroetnia em que estão contidas.

Embora Darcy Ribeiro afirme que há uma unidade étnica básica, ele ressalta que isso não significa que haja uniformidade, mesmo porque atuaram sobre ela três forças diversificadoras a ecológica, a econômica e a imigração. A ecológica faz surgir paisagens humanas distintas onde houveram adaptações regionais devido às condições de meio ambiente. A econômica, que ao gerar formas diferenciadas de produção, conduziu a especializações funcionais e aos seus correspondentes gêneros de vida. E, por fim, a imigração, que introduziu novos contingentes humanos, principalmente europeus, árabes e japoneses. Mas já o encontrando formado e capaz de absorvê-los e abasileirá-los, apenas estrangeirou alguns brasileiros ao gerar diferenciações nas áreas ou nos estratos sociais onde os imigrantes mais se concentraram. Por essas vias se plasmaram historicamente diversos modos rústicos de ser dos brasileiros, que permitem distingui-los, hoje, como sertanejos do Nordeste, caboclos da Amazônia, crioulos do litoral, caipiras do Sudeste e Centro do país, gaúchos das campanhas sulinas, além de ítalo-brasileiros, teuto-brasileiros, nipo-

brasileiros etc. Todos eles muito mais marcados pelo que têm de comum como brasileiros, do que pelas diferenças devidas a adaptações regionais ou funcionais, ou de miscigenação e aculturação que emprestam fisionomia própria a uma ou outra parcela da população.

Embora o povo brasileiro seja formado a partir de diferentes matrizes raciais e culturais, os “brasileiros se sabem, se sentem e se comportam como uma só gente, pertencente a uma mesma etnia” (RIBEIRO, 1970). Um povo que possui tradições muito comuns e fala uma mesma língua – com algumas variantes regionais –, com exceção para as microetnias tribais.

De acordo com Ribeiro (1970), uniformidade cultural e unidade nacional são a grande resultante do processo de formação do povo brasileiro, no entanto, existem disparidades, contradições e antagonismos que subsistem debaixo delas como fatores dinâmicos da maior importância. A partir da independência, viabilizou-se a consolidação da unidade nacional, como um objetivo expreso, que foi atingido por meio de lutas sangrentas e da sabedoria política de muitas gerações. “Esse é, sem dúvida, o único mérito indiscutível das velhas classes dirigentes brasileiras”, afirma Ribeiro (1970).

Tal unidade nacional formou-se a partir de um processo continuado e violento de unificação política, alcançado por meio da supressão de toda identidade étnica discrepante e de repressão e opressão de toda tendência virtualmente separatista, incluindo-se movimentos sociais que almejavam essencialmente construir uma sociedade mais aberta e solidária. Dessa forma, a luta pela unificação potencializa e reforça a repressão social e classista.

Esse processo de formação nacional motivou uma profunda distância social, oculta na uniformidade cultural brasileira. Segundo Ribeiro, o “antagonismo classista que corresponde a toda estratificação social aqui se exacerba para opor uma estreitíssima camada privilegiada ao grosso da população, fazendo as distâncias sociais mais intransponíveis que as diferenças raciais”.

O povo-nação surge no Brasil de grupos humanos que se conjugam para atender às suas necessidades de sobrevivência e progresso e não da evolução de formas anteriores de sociabilidade. Surge “da concentração de uma força de trabalho escrava, recrutada para servir a propósitos mercantis alheios a ela, através de processos tão violentos de ordenação e repressão que constituíram, de fato, um continuado genocídio e um etnocídio implacável” (RIBEIRO, 1970).

Essas condições favoreceram o distanciamento social entre as classes dominantes e as subordinadas, e entre estas e as oprimidas.

O espantoso é que os brasileiros, orgulhosos de sua tão proclamada, como falsa, “democracia racial”, raramente percebem os profundos abismos que aqui separam os estratos sociais.

Marilena Chauí, em **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**, descreve diversas expressões presentes no imaginário popular brasileiro a respeito do país Brasil, suas qualidades, riquezas, potencialidades. A ideia de que somos um “dom de Deus e da Natureza”, “em se plantando tudo dá”, “um povo pacífico e ordeiro” são algumas das crenças disseminadas no pensamento comum brasileiro. A autora afirma que tais expressões no cotidiano mostram a “forte presença de uma representação homogênea que os brasileiros possuem do país e de si mesmos”. Trata-se de uma crença generalizada que tem grande força de persuasão no sentido de resolver “imaginariamente uma tensão social” e produzir uma “contradição que passa despercebida”. Exemplo disso poderia ser o apartheid social encoberto pela crença de se viver num país que não tem discriminação de raça.

Em **O povo Brasileiro**, Ribeiro (1970) nos mostra que brasileiro é um povo de muitas “caras”. Os brasileiros são os sertanejos, os nordestinos, os gaúchos, entre outros tipos regionais, os índios, os japoneses e outros imigrantes.

Com base nessas concepções de povo brasileiro e entendendo que a representação nos livros didáticos deve ser a mais próxima da realidade atual possível, investigarei a representação do povo brasileiro nos livros de ensino de português como segunda língua.

Neste capítulo, procurou-se demonstrar a importância de se analisar materiais didáticos de português como segunda língua, considerando que as circunstâncias de ensino formal são relativamente recentes. E também demonstramos a dificuldade em se definir quem são os brasileiros, dada a heterogeneidade de nossos aspectos culturais bem como a miscigenação de etnias e a mistura de culturas resultantes do nosso complexo processo de formação.

No próximo capítulo, apresento as teorias que embasam esta pesquisa. Ressalto a importância de teorias que levam em conta o contexto e a cultura para análise dos textos que fazem parte deste trabalho, visto que a questão cultural é fator crucial para entendermos a representação do povo brasileiro.

CAPÍTULO 2 – ARCABOUÇO TEÓRICO

Neste capítulo, apresento as teorias que embasam as análises desta pesquisa: a metafunção ideacional por meio do sistema da transitividade de Halliday (1994, 2004), a teoria de representação dos eventos sociais, de Fairclough (2003) e a representação dos Atores Sociais, de van Leeuwen (1996, 2008).

2.1 – Antecedentes e fundamentos da linguística sistêmico–funcional

A Linguística Sistêmico Funcional (LSF), teoria linguística proposta por Michael Halliday, começou a desenvolver-se na Grã-Bretanha nos fins dos anos 50 e início dos anos 60. Seus antecedentes se encontram na linguística desenvolvida por J.R. Firth, mas também se deve muito à Escola de Praga e aos trabalhos de Hjelmslev e Whorf, assim como à sociologia de Basil Bernstein e Mary Douglas, aos trabalhos de Jhon Sinclair e de Ruqaiya Hasan (GHIO e FERNÁNDEZ, 2008). Firth, influenciado por seu trabalho com o antropólogo Malinowski, havia estabelecido o estudo da linguagem como parte da vida social humana, o que influenciou seu discípulo Halliday, principal arquiteto e desenvolvedor da LSF (EGGINS, 2002).

Na pesquisa nas Ilhas Trobrian, Malinowski, ao descrever a língua Kiriwinian, percebeu que precisava de um termo que expressasse o ambiente total, que incluísse o ambiente verbal, mas que também incluísse a situação em que o texto foi proferido. Dessa forma, em 1923, ele cunhou o termo CONTEXTO DE SITUAÇÃO, significando o ambiente do texto (MALLINOWSKI, 1923). Posteriormente, ele percebeu que descrever somente o ambiente não era suficiente, que era importante também o fundo cultural total, assim propôs também a noção de CONTEXTO DE CULTURA. Malinowski considerava que as noções de contexto de situação e de contexto de cultura eram necessárias para a compreensão do texto. No modelo sistêmico-funcional, o contexto é um componente essencial dessa teoria.

A LSF é uma perspectiva semiótica e funcional da língua. É funcional porque representa estruturas em forma de configuração orgânica dos elementos que realizam alguma função. Sua funcionalidade não se define apenas externamente, com

relação aos usos da linguagem, mas sim na constituição de seus fundamentos teóricos: o nível lexicogramatical – não há separação entre gramática e léxico – em função de três tipos de significado; a variação dos registros linguísticos no nível semântico, propiciando a existência de elementos contextuais; o próprio sistema linguístico se descreve em função das relações paradigmáticas como opções semânticas, assim como a estrutura sintática se descreve em função de opções semânticas realizadas por classes; e os elementos sintáticos projetam simultaneamente sobre sua realização estrutural elementos semânticos das metafunções. Assim, as relações entre o significado e o semântico tem uma natureza não arbitrária, isto é, tem uma natureza funcional, o que possibilita que as explicações que essas representações possam produzir sejam também funcionais, capazes de explicar por que a gramática se desenvolveu de determinada forma (EGGINS, 2002).

Para Ghio e Fernández, a LSF é sistêmica no sentido de que se propõe a explicar como se tem desenvolvido os sistemas gramaticais como potenciais para construir significados sociais, como um recurso de que os falantes dispõem para representar sua experiência no mundo e para interagir com os outros.

As opções individuais que os falantes tomam estão limitadas em boa parte pelo contexto, que limita o espectro de significados que resultam socialmente apropriados. A noção de contexto remete ao social e engloba aspectos tão importantes como a variação linguística², algo que provém do que os membros de uma comunidade ou de uma cultura tenham igual acesso às distintas opções **significativas** em quaisquer dos contextos possíveis, isto é, há diferentes formas de falar e de escrever para cada momento, situação e papel social (EGGINS, 2002).

Partindo do pressuposto de que a Linguística Sistêmico-Funcional pode ser usada para analisar qualquer fenômeno comunicativo, estando atualmente em amplo desenvolvimento na multimodalidade e que a Gramática Sistêmico-Funcional busca identificar as estruturas de linguagem específica que contribuem para o significado de um texto, as análises realizadas sob essa perspectiva se propõem a mostrar “como e por que um texto significa e como significa” (WEBSTER, 2009 *apud* FUZER e CABRAL).

Ao usarmos a linguagem, fazemos uma série de escolhas entre as possibilidades que o sistema disponibiliza. Dessa forma, “precisamos desenvolver nossa consciência” sobre os significados que as palavras e suas combinações em textos geram

²Conceitos importantes para o ensino de língua estrangeira: adequação da linguagem ao ambiente e variação linguística.

para alcançarmos efetivamente nossos propósitos em contextos específicos (HALLIDAY, 1994).

A relevância particular de gramática Funcional para o estudo da língua é que a gramática Funcional é fundamentalmente preocupada com a forma como usamos a linguagem, a forma como é estruturada a linguagem para uso ou para uma função ou funções específicas, como a linguagem é organizada para fazer significados (BUTT e ALLI, 1994). A Gramática Funcional se difere de outras gramáticas por voltar-se para a maneira como as estruturas constroem significado, por descrever a linguagem em uso e por se concentrar em textos e seus contextos.

A relevância particular de Gramática Funcional para o ensino da língua e para a educação em geral é melhor expressa por Francis Christie (Halliday e Hasan 1985,1989), que acredita que, como idioma é ensinado, reflete “dúvida sobre a natureza da linguagem como um aspecto da experiência humana, e sobre a linguagem como um recurso de fundamental importância na construção da experiência humana”. Assim, a “linguagem não deve ser vista como algo neutro, não é uma parte da experiência, mas intimamente envolvida na maneira pela qual construímos e organizamos a experiência... nunca é neutra, pois implica profundamente na construção de significado”.

Dessa forma, como alunos e professores de línguas, não podemos dissociar linguagem de significado. A Gramática Funcional repousa sobre a noção de linguagem como Semiótica Social e da concepção de experiência ou realidade como socialmente construída e constantemente sujeita a processos de transformação e considera, dessa forma, a linguagem como uma semiótica social.

A criança cria, em primeiro lugar a língua da criança, em seguida, sua língua materna em interação com esse pequeno círculo de pessoas que constituem o grupo de significado. Nesse sentido, a linguagem é um produto do processo social (HALLIDAY, 1978 *apud* BUTT E ALLI, 1994).

Nas palavras de Halliday (1985), social, no sentido de sistema social, o que pode ser sinônimo de cultura, logo sócio-semiótica refere-se à definição de um sistema social, ou de uma cultura, como um sistema de significados. Mas Halliday (1985) afirma que também pretende uma interpretação mais específica da palavra social para indicar que estamos preocupados principalmente com as relações entre linguagem e estrutura social, considerando a estrutura social como um aspecto do sistema social.

Portanto, se a perspectiva sobre a linguagem adotada pela Gramática Funcional é principalmente um sistema social, a cultura, que se relaciona com um aspecto particular da experiência humana, ou seja, a estrutura social e a relação entre linguagem e realidade é complexa, logo a percepção da realidade, valores e perspectivas mapeados em linguagem também é complexa. Esta é a preocupação específica de Gramática Funcional, de acordo com Butt e Alli (1994).

Para ser capaz de falar sobre a própria linguagem e como a ideologia é mapeada por ela, a terminologia especial - metalinguagem - é fornecida pela LSF e GF. A abordagem de Halliday à gramática considera o papel de itens linguísticos em um texto em relação à sua função na interpretação significado. O objetivo da marcação funcional em termos de Halliday, "é proporcionar um meio de interpretar a estrutura gramatical, de tal forma que se relacione qualquer instância para o sistema da língua como um todo" (1994, 29).

Existe uma variedade de definições de língua, cultura e ideologia. A linguagem pode ser considerada um código a partir da perspectiva da semiótica. Na semiótica, sinais e símbolos que representam objetos e também conceitos mentais adquirem significado através de convenções e uso. Códigos são regidos por regras que são consentidas por todos os membros da comunidade que usa esse código.

Halliday (1984) considera a semiótica como o estudo do significado, em seu sentido mais geral. Além disso, para ele, cada idioma tem seu próprio código semântico, embora as línguas que partilham da mesma cultura tendem a ter códigos que estão intimamente relacionados. A relação entre um código e sua cultura é muito complexo e, como Halliday aponta, somente o sistema gramatical como um todo representa o código semântico de uma língua. A linguagem, então, pode ser considerada, do ponto de vista GF, um "sistema em que os falantes e escritores fazem escolhas léxico-gramaticais motivados pelos significados apropriados a um determinado contexto (BUTT et al, 2000).

Segundo Halliday (1987), "a cultura consiste nos significados que fazemos da nossa experiência social e das nossas relações sociais". O conceito de cultura adotado será a partir da perspectiva de Halliday, que inclui qualquer aspecto das ideias, crenças ou modos de comportamento de um grupo de pessoas que dá a eles uma identidade distinta e senso de coesão social e de associação.

Na perspectiva da LSF, se a teoria pretende postular o aspecto social como parte inerente ao sistema linguístico, não pode limitar-se a enumerar seus usos, é

necessário mostrar qual é a relação dialética que se estabelece entre os usos sociais e o sistema. Assim, deve-se dar à noção de função um alcance mais amplo, a partir do qual Halliday propõe o termo metafunções para referir-se a essas funções mais abstratas que são uma propriedade inerente a todas as línguas.

A linguagem pode cumprir diversas funções de acordo com as diferentes culturas, mas algumas delas se concebem como comuns a todas as línguas. De acordo com Matthiessen e Halliday (1999),

a linguagem é uma parte natural do processo da vida. Usamos a linguagem para interagir com outras pessoas, para construir e manter nossas relações interpessoais e a ordem social subjacente a elas; e ao fazê-lo, interpretamos e representamos o mundo para os outros e para nós mesmos; também se usa para 'armazenar' a experiência pessoal e coletiva que se constrói com esse processo. É (entre outras coisas) uma ferramenta para representar o conhecimento ou, para considerá-lo em termos da linguagem mesmo, para construir significados. (*apud* GHIO e FERNÁNDEZ, 2008, pág. 23, tradução nossa)

As opções na gramática de uma língua derivam e são relacionáveis com três funções muito generalizadas de linguagem, que Halliday refere-se como ideacional, interpessoal e textual. As opções específicas de significado que são característicos de determinado contexto social e as configurações são expressos por meio de seleções gramaticais e lexicais que remontam a uma ou outra dessas três funções.

Os significados ideacionais (também referidos significados representacionais ou experienciais) são aqueles preocupados com a codificação de nossas experiências no exterior e em nosso mundo interno, o conjunto de significados interpessoais referem nosso papel social, nossa personalidade e sentimentos e formas de interação com outros participantes na situação de comunicação ; e os significados textuais, que nos permite criar um texto, o que significa que o nosso discurso é organizado de uma forma que faz sentido nos contextos e satisfaz a sua função como uma mensagem (HALLIDAY, *apud* COUPLAND e JAWORSKI, 1997).

A língua tem três metafunções: a linguagem constrói uma ação, evento ou estado, que se refere a sua função experiencial; a linguagem é uma troca e atribui papéis aos participantes, isto é, a função interpessoal, e a linguagem é uma mensagem, tendo uma estrutura e contribuindo para uma unidade textual maior, que relaciona-se a função textual. Esses três níveis de significado são mapeados em qualquer oração em sua

estrutura léxico-gramatical. O que é importante é entender que, em cada oração, todos os três conjuntos de significados estão presentes.

A metafunção ideacional relaciona-se à representação e à interpretação da experiência do mundo e das funções de cada elemento da lexicogramática dentro da oração, sendo dividida em experiencial (realizada pelo sistema da transitividade), e lógica, que expressa algumas relações lógicas elementares como conjunção, causalidade, condição etc. e tem seus significados realizados pelas relações lógico-semânticas que são construídas entre as orações, as conexões entre as mensagens (THOMPSON, 1996, pg. 35).

A metafunção interpessoal está relacionada à capacidade da língua para estabelecer relações entre os participantes da interação por meio dos sistemas de modo e de modalidade. E a metafunção textual refere-se à construção do texto como uma unidade semântica ordenada por meio dos processos de coesão e coerência e da estrutura temática (sistema tema/remã).

Caracterização		
Ideacional	Experiencial	Formação de ideias Interpretação e representação da experiência do mundo que nos rodeia e do mundo interior
	Lógica	Recursos para estabelecer relações lógico-gramaticais
Interpessoal		Interação entre falante e ouvinte Atribuir funções de fala e observações modal- atitudinais
Textual		Organização do conteúdo ideativo e interpessoal como texto coesivo e coerente

Adaptado de Ghio e Fernãndes (2008)

2.1.1 – Metafunção ideacional: a oração como representação

Postula-se que todas as línguas dos sistemas de conteúdo são organizadas em componentes ideacionais, interpessoais e textuais, afirma Halliday (1994), no entanto, ele também aponta que as categorias descritivas são particulares e nem todas as línguas percebem esses componentes da mesma forma.

A metafunção ideacional experiencial se caracteriza pela interpretação e representação da experiência do mundo que nos rodeia e do mundo interior. Uma das impressões mais poderosas de nossa experiência é que a realidade compreende eventos ou acontecimentos. Ela se realiza no **sistema da transitividade**, o qual pode ser definido como um recurso gramatical para construir o fluxo da experiência em um processo realizado gramaticalmente como uma oração.

O sistema da transitividade é o sistema de gramática e pelo qual falantes/escritores percebem significados experienciais, e por que eles codificam as suas experiências do mundo em torno deles. Por esse motivo, a análise por meio do sistema da transitividade é fundamental neste trabalho, cujo foco permeia a representação do povo em livros didáticos de ensino de português como segunda língua/língua estrangeira. Transitividade, então, é o nome para essa parte da gramática pela qual falantes percebem significados ideacionais na oração, e codificam sua realidade por sua escolha no texto, por sua escolha do tipo de processo (o processo é o núcleo do sistema de transitividade) e sua escolha de participantes e circunstâncias. Assim, ao analisar a oração como representação, não é suficiente descrever apenas os tipos de processo, mas também devem-se observar os papéis de participantes associados com o processo e a possível seleção de circunstâncias (LIPSON, 2004).

As experiências do mundo externo são feitas de ações, eventos, coisas que acontecem com pessoas ou coisas (participantes envolvidos). Halliday (1994) propõe a existência de seis tipos de processo e cada um seleciona participantes diferentes, conforme veremos a seguir.

2.1.2 Tipos de processos

O processo, elemento central da configuração, indica a experiência se desdobrando através do tempo (FUZER e CABRAL, 2010). Há uma diferenciação entre a experiência exterior – o que experimentamos como um processo que ocorre no mundo que nos rodeia – e a experiência interior – processos que ocorrem em nossa consciência, nossa imaginação. A classificação da experiência interior, de acordo com Ghio e Fernández, é “um pouco mais complexa, mas em parte é uma repetição da experiência do mundo que nos rodeia, a registra, reage a ela, reflete sobre ela, e em parte é uma percepção diferenciada de nossos estados interiores”.

Existem diferentes tipos de processos e, para explicá-los, Halliday faz uma analogia com uma cartela de cores, comparando as três cores primárias com os três principais processos do sistema da transitividade: processos materiais, mentais e relacionais; enquanto os processos comportamentais, verbais e existenciais são os processos combinados e comparados às cores secundárias: roxo, verde e laranja.

2.1.2.1 Orações materiais

Processos materiais constroem o fazer e respondem à questão “O que X faz?” ou “O que aconteceu?” (BUTT & ALLI, 1994). As orações materiais constroem eventos e ações por meio dos processos materiais que estabelecem algum tipo de mudança, geralmente mudanças que ocorrem no mundo material e que podem ser percebidas, mas também podem construir mudanças que têm lugar em fenômenos abstratos. Essa mudança é provocada por um participante denominado Ator.

O Ator é o participante sempre inerente em uma oração material, podendo ser animado ou inanimado. O processo em que ele participa pode estender-se, no caso de verbos transitivos, ou não, no caso de verbos intransitivos, para afetar outro participante: a Meta.

As orações materiais podem ser classificadas em criativas ou transformativas. Nas orações criativas, o participante passa a existir no mundo a partir

do processo. Já nas orações transformativas, o participante tem algum aspecto modificado, ou seja, o ator ou a meta são transformados.

Os participantes são tipicamente grupos nominais e, nas orações materiais, podem ser: Ator, Meta, Escopo, Beneficiário ou Atributo.

Participante	Definição
Ator	Participante que pratica a ação
Meta	Participante afetado pela ação
Escopo ou Extensão	Participante que não é afetado pelo processo. Quando constrói o domínio em que o processo se desenrola, é chamado Escopo-entidade. Quando constrói o próprio processo, é chamado Escopo-processo.
Beneficiário	Participante que se beneficia de um processo, podendo ser Recebedor, quando recebe um bem material, ou Cliente, no caso de receber serviços.
Atributo	Embora característico das orações relacionais, nas orações materiais é usado para construir o estado qualitativo resultante do Ator ou da Meta depois que o processo se completou.

Processos materiais com o Ator como o único participante:

Exemplo 1:

Os oponentes não se	atracam,
Ator	Processo material

Processos materiais com Ator e Meta:

Exemplo 2:

[O Carnaval]	Chega	ao Brasil	no século XVII trazido pelos portugueses.
Ator	Processo material	Meta	Circunstância de localização e de modo

Em Português, orações materiais com Meta podem ser ativas, como mostrado acima, ou passivas, como mostrado abaixo (**Exemplo 3**):

São festejados	ainda os 100 anos de Os sertões,	marco da literatura brasileira contemporânea.
Processo material	Meta	Circunstância

A construção passiva apresenta ator e Meta em ordem inversa à construção ativa. O ator de uma oração passiva é muitas vezes descrito como o agente, em vez de Ator. A construção passiva permite a possibilidade de omitir o agente, como no exemplo apresentado. Não incluir o agente passivo é uma forma omitir o Ator de um processo. Sempre que encontrar uma omissão, é importante questionar o motivo de o Ator ser omitido, afirmam Butt e Alli (1994), pois pode ser por não se saber quem fez a ação, por todo mundo saber, por não ser uma informação importante ou ainda porque o autor não quis mencioná-lo por algum motivo.

2.1.2.2 Orações mentais

Enquanto os processos materiais constroem o que está acontecendo ou que está sendo feito no mundo externo, os processos mentais representam a experiência do mundo da nossa consciência e mudam a percepção que se tem da realidade. Os processos mentais codificam o mundo interior da cognição, percepção, emoção ou gosto. Como em todos os processos, os rótulos dos participantes de uma oração com os processos mentais refletem a função destes elementos tem no processo mental: os participantes são Experienciador e Fenômeno. Os Experienciadores são participantes tipicamente humanos, mas podem também ser entidades inanimadas, desde que criadas pela consciência humana. O que é sentido, pensado, percebido ou desejado é chamado Fenômeno, realizado por um grupo nominal ou oração resumindo o que se pensa, quer, percebe ou gosta / não gosta.

As questões, nesse caso, não são sobre as ações, mas sobre os pensamentos, sentimentos e percepções. "O que X pensa ou sente?". Embora com processos materiais seja possível orações com apenas um participante, com processos mentais declarações com apenas um participante, como Ele pensou ou Eu gosto, não fazem sentido. Processos mentais envolvem ao menos potencialmente o Experienciador (participante ativo) e o segundo participante, embora não necessariamente explícito, o Fenômeno (o participante não ativo). O Fenômeno pode ser apenas potencial ou compreendido a partir do contexto.

Os grupos verbais do processo mental são divididos em quatro tipos:

- a. Perceptivas: por meio dos cinco sentidos, constroem percepções dos fenômenos no mundo.

Exemplo 4:

[nós]	Veremos	que ainda é possível encontrar gente que leva consigo a alma de caipiras, sertanejos e tantos outros personagens que fizeram a história do povo brasileiro.
Experienciador	Processo mental perceptivo	Fenômeno

- b. Cognitivas: trazem o que é sentido, pensado, desejado à consciência da pessoa.

Exemplo 5:

E não só por causa da língua portuguesa que todos	entendem,
Experienciador	Processo mental cognitivo

- c. Emotivas: expressam graus de emoção.

- d. Desiderativas: representa desejo, interesse, vontade em alguma coisa.

Exemplo 6:

Ele, nascido João Rubinato,	Ousou	parar.
Experienciador	Processo mental	Fenômeno

1.3.2.3 Orações relacionais

Há processos que não codificam significados de ação, mas sim significados de ser. São processos relacionais e processos existenciais. O processo relacional é um dos três processos básicos da metafunção ideacional, sua principal característica, de acordo com Butt & Alli (1994, pág. 58) é que ele relata a identidade ou descrição de um participante. As orações relacionais caracterizam e classificam, estabelecendo uma relação entre dois participantes, representando seres no mundo em termos de suas características e identidades. Concernente ao modo da relação, os

processos relacionais podem ser subdivididos em dois tipos: relacional atributivo, que relata características ou descrições do participante, relacional identificativo, que descreve identidade, papel ou significado do participante. Em outras palavras, identificam algo, como, por exemplo, “O português, na região, é o idioma do entendimento” ou atribuem uma qualidade, por exemplo “[ele] Era um verdadeiro pestinha!”. Os relacionais identificativos são reversíveis, como em “O português, na região, é o idioma do entendimento = O idioma do entendimento, na região, é o português”. Assim, uma maneira de distinguir entre processos relacionais identificativos e processos relacionais atributivos é para ver se $x = y$ e $y = x$ é verdadeira.

Os verbos mais frequentes que se enquadram na categoria de processos relacionais são ser e ter. Entretanto, os processos relacionais podem ser realizados com muitos outros verbos, como tornar-se, consistir, representar, constituir, se assemelhar.

Na oração relacional atributiva, o participante que carrega as características ou atributos é denominado Portador e a característica, Atributo. Tipicamente, o atributo é um grupo nominal indefinido ou um grupo nominal com um adjetivo ou capacidade. Além das diferentes formas dos verbos ser/estar, outros verbos que relacionam um portador a um atributo podem incluir parecer, olhar, aparecer, permanecer, sentir.

Diferentemente dos processos atributivos, os processos relacionais identificativos estabelecem uma identidade, papel ou significado. Nas orações relacionais identificativas, um dos participantes tem uma identidade determinada. Esse tipo de oração, que representa a identidade única de um ser, possui dois participantes: o Identificado, entidade que recebe a identificação e Identificador, identidade atribuída ao Identificado.

Em contraste com os processos relacionais atributivos, os participantes na identificação de processos são tipicamente definidos ou preenchidos por um nome próprio. Os exemplos a seguir mostram exemplos de processo relacional atributivo (**Exemplo 7**) e (**Exemplo 8**) e de processo identificativo (**Exemplo 9**) e (**Exemplo 10**):

Exemplo 7:

O Brasil	É	dividido em 5 regiões
Portador	processo relacional atributivo intensivo	Atributo

Exemplo 8:

É	um país bom	para nós, brasileiros, e para todos que nos visitam ou
---	-------------	--

		que mudam para cá
processo relacional atributivo intensivo	Atributo	Circunstância de causa

Exemplo 9:

O português, na região,	É	o idioma do entendimento, já que as catorze etnias têm línguas próprias.
Portador	Processo relacional identificativo	Atributo

Exemplo 10:

Adoniran	Seria	então a voz de uma cultura popular, não letrada, que busca sua inspiração na fala.
Identificado	Processo relacional identificativo	Identificador

Quanto ao tipo de relação, os processos relacionais atributivos e identificativos podem ser: intensivos, possessivos ou circunstanciais. O tipo intensivo é quando se atribui uma qualidade ou classificação descritiva para um participante como em: “[nós] Somos tão alegres aos olhos do mundo inteiro”. O possessivo é quando você descrever algo em termos de propriedade ou posse como em: “O Brasil tem um espírito rico,” e em: “Era uma vez um menino pretinho e barrigudo que tinha uma perna só”. O terceiro tipo de processos relacionais é circunstancial: quando se define algo em termos de localização, causa, função, acompanhamento etc. , como em: “No norte do Mato Grosso, divisa com o Pará, espalhado por 27 mil quilômetros quadrados, quase do tamanho da Bélgica, está o Parque Nacional do Xingu”.

2.1.2.4 Orações verbais

As orações verbais são estruturadas a partir de processos do dizer e contribuem para diferentes tipos de discurso. Podem ser subdivididos em processos verbais de atividade e de semiose. Os participantes das orações verbais são Dizente, Verbiagem, Receptor e Alvo. Denomina-se Dizente o próprio falante, Verbiagem, que resume o que é dito em um grupo nominal ou oração incorporada, Alvo é a entidade atingida pelo processo e Receptor é o participante a quem é destinada a mensagem. O

papel de Verbiagem pode ser realizado por uma oração, podendo ser, nesse caso, uma citação ou um relato.

O processo verbal, na maioria das vezes, projeta o que é dito em uma oração incorporada. Estas possibilidades são ilustradas abaixo. Note-se que, onde uma oração classificada é projetada, a oração contendo o processo verbal será a oração de que se projeta e a outra oração será uma oração projetada e pode conter qualquer tipo de processo, como no exemplo abaixo.

Exemplo 11:

No Nordeste	Dizem	que doentes de amarelão também viram lobisomem.
Dizente	Processo verbal	

2.1.2.5 Orações comportamentais

Além desses processos que dizem respeito a ações e acontecimentos em curso no mundo externo (por exemplo, os processos materiais) e aqueles que se relacionam com seu mundo interno (por exemplo, os processos mentais), há aqueles que fazem fronteira entre os dois: os processos comportamentais, que são processos tipicamente humanos, pois envolvem comportamentos fisiológicos e psicológicos. De acordo com Halliday e Mathiessen (2004), esses processos não possuem características tão nítidas quanto os outros, pois têm um pouco de processo material e mental em seu significado (HALLIDAY, 1994). Esses processos representam ações fisiológicas, tais como a respiração, espirros ou tosse, e se relacionam com os processos que estão na fronteira entre as duas áreas de acontecimentos e sentimentos internos e externos, tais como sorrir. Exemplos de processos comportamentais que são semanticamente próximos aos materiais incluem: cantar, dançar, deitar-se, sentar-se. Exemplos de comportamentos psicológicos são sorrir, suspirar e chorar.

Alguns processos comportamentais também são muito parecidos com os processos verbais, como resmungar (HALLIDAY, 1994: 139). A diferença é que os processos comportamentais estão ligados a um estado de espírito. A estreita relação entre os processos mentais e de comportamento pode ser ilustrado com o exemplo dos

verbos olhar e ver. Olhar é considerado comportamental, mas ver é considerado mental: percepção.

O principal participante, o Comportante, é geralmente um ser consciente e, se não for, é considerado personificação, mas ao contrário do Experienciador em processos mentais, é incapaz de projetar uma oração. Estes processos são muitas vezes a versão fazendo de um processo mental ou até mesmo um processo verbal. Pode haver também um Comportamento, semelhante ao Escopo-processo das orações materiais, como, por exemplo: dar uma risada.

2.1.2.6 Orações existenciais

Processos existenciais comunicam a existência de alguma coisa, geralmente são acompanhados de elementos circunstanciais de lugar ou tempo. Eles são expressos por um número limitado de verbos. Além do verbo ser, Halliday (1994) cita outros verbos, tais como “existir, surgir, ocorrer, acontecer, acontecer” que podem ser incluídos nesta categoria de processos.

Como a função de processos existenciais é representar algo que passa a existir, há apenas um participante denominado Existente e o que passa a existir pode ser qualquer tipo de Fenômeno: uma entidade (por exemplo, uma pessoa ou objeto), um evento ou uma ação. Na língua portuguesa não apresenta sujeito como mostra o exemplo a seguir (FUZER E CABRAL, 2010).

Exemplo 12:

No Brasil não	Havia	nada a respeito do lobisomem até a chegada dos portugueses.
Dizente	Processo existencial	Meta

2.1.3 Circunstâncias

As circunstâncias adicionam significados à oração pela descrição do contexto em que o processo ocorre, podendo indicar o modo, tempo, lugar ou causa em que o processo se desdobra. Elas podem, entre outras coisas, localizar o processo no tempo ou no espaço, sugerir como o processo ocorre, ou oferecer informações sobre a causa do processo. Geralmente são realizadas por grupos adverbiais ou preposicionais e podem ocorrer livremente em todos os tipos de processos. Trata-se de um componente opcional na oração.

Uma mensagem pode conter mais do que uma circunstância: “Na Região Sudeste está uma das cidades mais conhecidas do mundo, verdadeiro cartão-postal do Brasil: o Rio de Janeiro, com sua belíssima vista, a estátua do Cristo Redentor e... suas mulheres bonitas.”

Os tipos de circunstância usadas em um texto podem ajudar a compreender o propósito de um texto. Pode-se considerar circunstâncias que você esperaria encontrar em uma biografia, um manual de carro ou um guia de viagem.

A seguir, apresento o quadro dos tipos de circunstâncias, no qual utilizei, quando possível, exemplos do *corpus* desta pesquisa.

Tipos		Exemplos
Extensão	Distância (A que distância?)	Parar a cada cem metros.
	Duração (Há quanto tempo?)	Uma fusão de raças e culturas que já dura meio milênio (...).
	Frequência (Quantas vezes?)	(...) mas nos últimos anos tem sido mais usado para os orientais.
Localização	Lugar (Onde?)	Na Região Sudeste está uma das cidades mais conhecidas do mundo (...).
	Tempo (Quando?)	[Nosso espírito brincalhão] pode ser ainda hoje encontrado (...).
Modo	Meio (Como? Com o quê?)	Enfrenta a dureza do sertão com uma vida simples (...).
	Qualidade (Como?)	Chegar calmamente.
	Comparação (Como é? Com que parece?)	(...) não só no Brasil como em toda a América Latina.
	Grau (Quanto?)	Estudar muito.
Causa	Razão (Por quê)	(...) mora em palafitas por causa das frequentes cheias (...).
	Propósito (Para quê?)	Três educadores usam seu talento para mostrar que a expressão artística ajuda a transformar os jovens (...).
	Interesse/representação (Por	(...) em busca do gado, que trazido pelos

	quem?)	jesuítas (...).
Contingência	Condição (Por quê?)	Mas, se olharmos mais de perto esses brasileiros (...).
	Falta	Sem recursos não se faz a obra.
	Concessão	Independentemente do tema, existem alas ou figurantes permanentes.
Acompanhamento	Comitativo (Com quem? Com o quê?)	Viajar com a mãe.
	Aditivo (Quem mais? O que mais?)	Além da força de trabalho, introduziu novos elementos culturais.
Papel	Estilo/ Aparência (Ser como o quê?)	Falar como amigo.
	Produto (O quê? Em quê?)	Cortar o papel em tiras.
Assunto	(Sobre o quê?)	Falar sobre Paris.
Ângulo	Recurso	Para os grupos mais tradicionais de Salvador, ela é a forma de expressão da cultura negra.
	Ponto de vista	Na opinião do editor, o texto está bom.

2.2 A representação dos eventos sociais

A chamada “suplantação do significado por função na modernidade” (ZIJDERVELD, 1979) relaciona-se à racionalização, descrita por Max Weber como uma forma de organização social, em que a ação social não é mais orientada em direção a significados, valores e opiniões, mas em relação a estratégias. Na ação social racionalizada, a ação não é uma representação mais consensual que ata os membros de uma sociedade juntos, mas prática comum, procedimentos. Significado perde sua influência e se torna fragmentado e heterogêneo, enquanto as ações sociais tornam-se cada vez mais regulamentadas, homogêneas e procedimentadas.

Exemplos são fáceis de encontrar. Em universidades, a pluralidade de discursos e opiniões é permitida. Mas há cada vez mais regras para especificar como todos esses sujeitos devem ser ensinados. Meios de comunicação globais permitem que os conteúdos sejam diversos e localizados, mas formatos homogêneos e gêneros de graus sem precedentes (MACHIN E LEEUWEN, 2003, 2004). Em todos os lugares há menos (e mais poderosos) procedimentos, formatos e moldes e mais (mas menos poderosos) discursos.

Leeuwen utiliza o conceito de recontextualização, de Bernstein, conectado com discurso, no sentido usado por Foucault, ou seja, no sentido de cognição social, de um “conhecimento socialmente construído de algumas práticas sociais”,

desenvolvidos em contextos específicos e em formas apropriadas para esses contextos. Como discursos são cognições sociais, caminhos socialmente específicos de conhecer as práticas sociais, eles são usados como recurso para representar as práticas sociais no texto.

De acordo com Foucault (1977 *apud* LEEUWEN), discursos envolvem não somente “um campo de objetos”, mas também “a definição da perspectiva legítima para o agente do conhecimento” em um dado contexto. Para Leeuwen (1996), eles não só representam o que está acontecendo, mas representam, atribuem propósitos, justificam etc., e em muitos textos esses aspectos da representação tornam-se mais importantes que a representação da própria prática social.

As práticas sociais são formas reguladas de fazer coisas – diferentes práticas sociais são reguladas para diferentes graus e em diferentes formas. Segundo Leeuwen (1996), embora nem todos sejam representados, todas as práticas sociais realizadas incluem todos os elementos a seguir:

a) Participantes - em uma prática social, é necessário um conjunto de participantes em certos papéis (principalmente aquele de portador, agente, afetado ou beneficiário). Nem todos os participantes são explicitamente mencionados no texto. De acordo com Leeuwen (1996, p. 8), “recontextualizações podem excluir alguns dos participantes das práticas que elas recontextualizam”.

b) Ações - o núcleo de qualquer prática social é um conjunto de ações realizadas em uma sequência, que pode ser fixada por um maior ou menor grau e que pode ou não permitir a escolha, que é para alternativas que consideram para um número maior ou menor de ações de alguns ou todos os participantes, e para concorrência, que é por simultaneidade de diferentes ações durante parte ou toda a sequência. Práticas sociais diferentes envolvem diferentes graus de liberdade (ou independência), diferentes margens para resistência, diferentes modos de impor conformidade. Além disso, contextos sociais diferentes oferecem diferentes valores de liberdade. E as regras ou estratégias ou melhores modelos de práticas que eles seguem não são estruturas linguísticas potenciais autônomas, mas modalidades de controle social de institucionalidade que devem por eles mesmos serem estudados como diferentes tipos de processos.

c) Condições de elegibilidade - condições de elegibilidade são as qualificações que os participantes devem ter em ordem para serem elegidos para jogar um papel particular em uma prática social particular.

d) Estilos de apresentação - práticas sociais também envolvem preparos e requisitos de higiene do corpo, ou estilos de apresentação, para os participantes.

e) Tempo - práticas sociais e partes específicas delas acontecem em mais ou menos definidas vezes.

f) Localização - práticas sociais são relatadas para localizações específicas.

g) Condições de elegibilidade (localização) - como as condições de elegibilidade para participantes, as condições de elegibilidade para localizações remetem ao “preparatório das práticas” – de construção, de decoração interior, de organização dos móveis e limpeza. Diferentes instituições sociais permitem uma quantidade de liberdade em relação a cada um dos aspectos mencionados.

h) Recursos: ferramentas e materiais - os suportes necessários para realizar uma prática ou uma parte dela pode novamente conectar com outras práticas.

i) Condições de elegibilidade (recursos) - Ferramentas e materiais, bem como participantes e localizações, são sujeitos para condições de elegibilidade: não é qualquer pedaço de papel que é qualificado para aprender a escrever.

Entre as categorias citadas, os participantes são os mais relevantes para o propósito desta pesquisa, pois, com o intuito de entender a representação do povo brasileiro nos livros de português como língua não materna, interessa-nos como o conjunto de participantes, os Atores Sociais, são representados em determinados papéis.

2.2.1 A representação de Atores Sociais

Tendo como base a LSF de Halliday, van Leeuwen (1996), apresenta um inventário dos modos como os Atores Sociais podem ser representados no discurso, no seu caso, no discurso em inglês. Trata-se de uma questão gramatical se, assim como Halliday, pegarmos a gramática para ser um significado potencial, ou seja, o que pode ser dito dentro das escolhas possíveis dentro do sistema linguístico, em vez de um conjunto de regras sobre o que deveria ser dito. Ao contrário de outras formas de análise do discurso linguisticamente orientadas, Leeuwen (1996) não começa por “operações linguísticas, como a nominalização e o apagamento do agente da passiva, ou por categorias linguísticas como a transitividade”, em vez disso, “esboça um inventário sociossemântico dos meios pelos quais os Atores Sociais podem ser representado e estabelece a relevância sociológica e crítica das categorias antes de se debruçar sobre a questão de como eles são realizados linguisticamente”. E a justificativa para essa escolha relaciona-se a biunicidade da língua, a Agência, por exemplo, enquanto conceito sociológico revela-se da maior importância clássica na análise crítica do discurso: quais os atores e em que contextos estão eles representados como agentes e como pacientes? Mas a agência sociológica não é sempre realizada pela agência linguística, pelo papel gramatical do Agente, e pode também ser realizada de muitos modos, por exemplo através de pronomes possessivos ou sintagma preposicional (LEEUVEN, 2011).

Não há uma forma clara entre categorias linguísticas e sociológicas, e se a análise crítica do discurso, por exemplo, em uma investigação da agência, limita-se a específicas formas linguísticas ou categorias, muitos exemplos da agência podem ser negligenciados. Enquanto os linguistas tendem a preservar a unidade das categorias formais, o autor propõe o contrário, na tentativa de “fornecer um conjunto de categorias relevantes para investigar a representação dos Atores Sociais no discurso” (LEEUVEN, 1996).

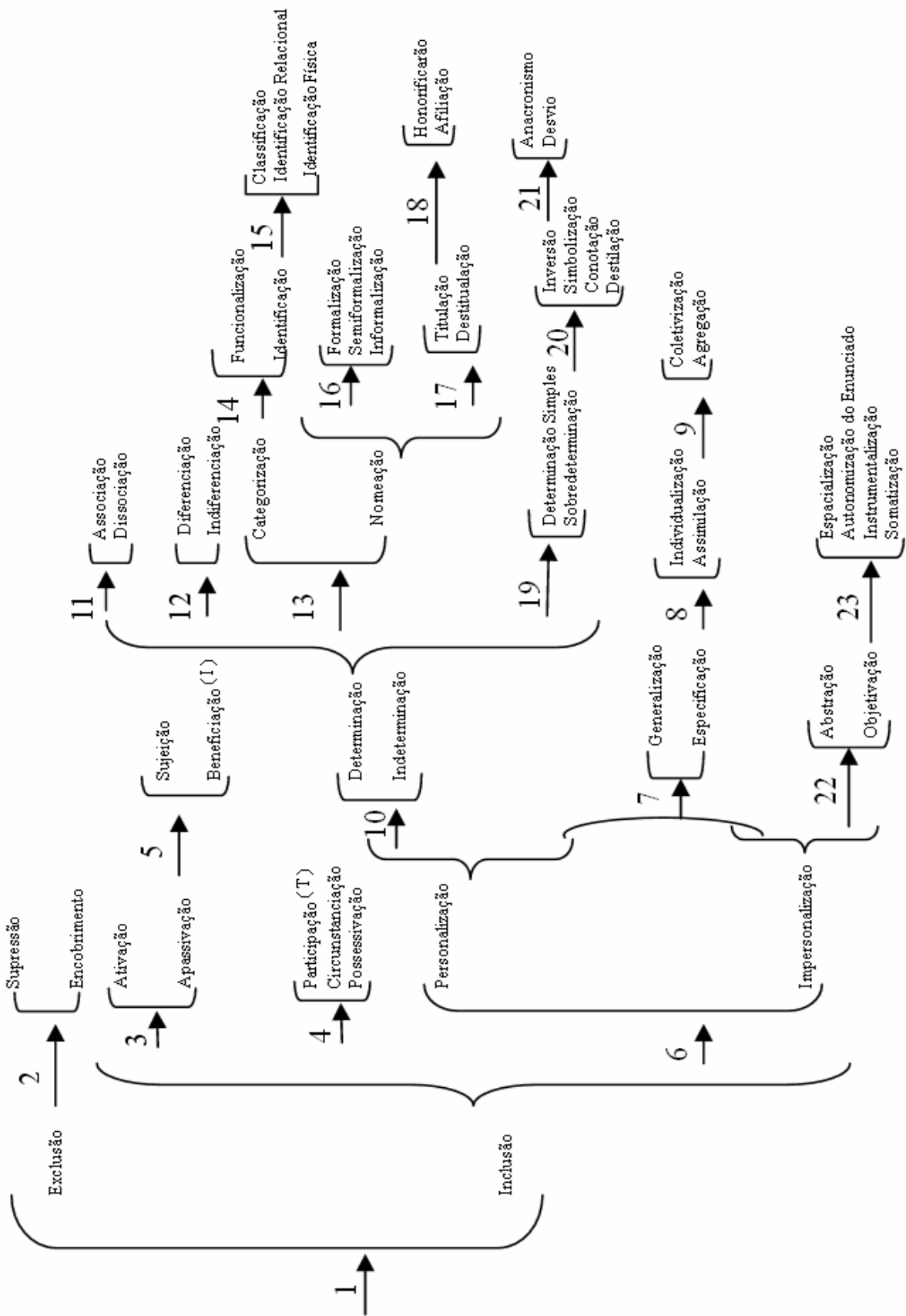
A outra razão decorre do pressuposto que significados pertencem mais a cultura que a língua e não pode ser vinculado a nenhuma semiótica específica. As categorias propostas por Leeuwen (1996) poderiam, em princípio, serem consideradas pan-semióticas: uma dada cultura (ou um dado contexto de uma cultura) não tem só a sua própria forma específica de formas de representação do mundo social, mas também

as suas próprias maneiras específicas de mapear as diferentes semióticas nesta ordem, ou prescrever, com maior ou menor rigor, o que pode ser realizado verbal e visualmente, aquilo que só se realiza verbalmente, o que realiza-se apenas visualmente, e assim por diante. E esses acordos também estarão sujeitos a mudança histórica, algumas vezes até mudanças violentas, como em iconoclasmos. O ponto é importante para a análise crítica do discurso, pois com o uso crescente de representação visual em uma ampla gama de contextos, torna-se cada vez mais premente de ser capaz de fazer as mesmas perguntas críticas no que diz respeito às representações verbal e visual.

Na proposta de Leeuwen (1996), cada uma das escolhas de representação relaciona-se a realizações linguísticas ou retóricas específicas. No entanto, o foco são as categorias sociológicas, como, por exemplo, agência e nomeação, mais que sobre categorias linguísticas, como o apagamento do agente da passiva. Para tanto, o autor lança mão de uma série de sistemas linguísticos distintos, tanto ao nível léxico-gramatical como ao nível do discurso, da transitividade, da referência, do grupo nominal.

Van Leeuwen (1996) aplica suas categorias e analisa um artigo jornalístico, “*Our race odyssey*”, publicado no Sydney Morning Herald. O texto é uma representação da prática social de imigração como institucionalizada na Austrália, bem como de outras práticas que servem para legitimar ou deslegitimá-la, como, por exemplo, as práticas de elaboração de relatórios governamentais ou a elaboração de pesquisas de opinião pública sobre imigração.

Na proposta de van Leeuwen (1996), encontram-se categorias mais amplas como a escolha entre EXCLUSÃO e INCLUSÃO, que se subdividem em outras categorias. Por exemplo, a Exclusão tem como subcategorias a Supressão e o Encobrimento, realizadas por elementos linguísticos distintos. Já a Inclusão se desdobra em outras subcategorias, como Ativação e Apassivação; Participação, Circunstanciação e Possessivação; Personalização e Impersonalização, cada qual com outras subdivisões, como é possível observar na figura na página seguinte, reproduzida a partir de van Leeuwen (1996, p. 66).



2.2.1.1 Exclusão

Representações incluem ou excluem Atores Sociais de acordo com seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem eles são destinados. Algumas das exclusões podem ser “inocentes”, detalhes que supõem que os leitores já conheçam ou que julgam serem irrelevantes para eles; outros podem ter algum significado. A exclusão tem sido, por direito, um aspecto importante da análise crítica do discurso (LEEUEWEN, 1996). Algumas exclusões não deixam traços na representação, excluindo o Ator Social e suas atividades. Dessa forma, essa exclusão radical pode desempenhar um papel em uma comparação crítica de diferentes representações da mesma prática social, mas não em uma análise de um único texto, pela simples razão que ela não deixa traços.

Quando ações relevantes são incluídas, mas alguns ou todos os atores envolvidos nelas são excluídos deixa um traço. No caso da supressão, não há referência ao Ator Social em nenhum lugar no texto. No caso de encobrimento, a exclusão é menos radical: os Atores Sociais excluídos podem não ser mencionados em relação a uma dada ação, mas serem mencionados em algum lugar no texto e pode-se inferir com razoável certeza quem eles são.

Em “Our race odyssey”, Leeuwen (1996) aponta para o fato de que nem todos os atores foram incluídos. Enquanto o Primeiro Ministro Bob Hawke está representado, excluíram-se aqueles que rotulam como racista ou que expressam receios legítimos sobre a imigração, por exemplo. Para reforçar a tese da inclusão ou exclusão proposital, feita pelo representador, outros trabalhos são citados, entre eles, Trew (1979). Neste trabalho, o autor analisa excertos dos jornais *The Times* e o *Rhodesian Herald*, revelando como esses excluíram a polícia nas reportagens relativas aos assuntos dos “motins” acontecidos na capital do Zimbábue em primeiro de junho de 1975. Motins entre aspas, porque, entre as diferentes versões, está aquela que os manifestantes protestavam pacificamente até quando a polícia passou a utilizar métodos não letais para dispersar a multidão. Ao se protegerem, os manifestantes tornaram-se amotinados, autorizando a polícia a atirar para matar. De acordo com o autor, o apagamento da polícia nas reportagens nos dias subsequentes atende aos interesses dos jornais analisados, bem como de seus leitores, para tentar justificar o então domínio dos brancos na África.

O apagamento e a reversão do iniciador da ação podem ser vistos, linguisticamente, em uma das manchetes do *The Times* “*Rioting blacks shot dead by police as ANC leaders meet*”. Através deste exemplo, o autor esclarece algumas estratégias utilizadas para descrever as circunstâncias do acontecimento, entre elas, o uso da passiva, que coloca o agente sintático em uma posição menos focal; a omissão do agente no corpo da reportagem.

A supressão pode ser realizada por meio de: supressão do agente da passiva, de orações infinitas que funcionam como participante gramatical. Além disso, é quase sempre possível apagar beneficiários, Atores Sociais que se beneficiam de uma ação. Nominalização e processos substantivos semelhantes permitem a exclusão de Atores Sociais. Encobrimento pode ser o resultado de elipses, sendo que o Ator Social excluído é incluído em algum momento no texto.

Abaixo, são apresentados exemplos extraídos do *corpus* desta pesquisa. O exemplo 13, se analisado fora do contexto, ilustraria o caso de Supressão do Ator Social, por não apresentar quem ensinava capoeira nos anos 30. Linguisticamente é realizada pelo apagamento do Agente.

Exemplo 13:

A capoeira	começou a ser ensinada	regularmente nos anos 30
Ator	Processo material	Meta
Ator Social encobrimento (quem ensina)		
Agente Social agente relegado ao segundo plano		

É relevante o fato de que seria assim “se analisado fora do contexto”, pois Van Leeuwen lembra que exclusões radicais não deixam marcas nas representações. O exemplo acima, quando contextualizado, revela-se um caso de Encobrimento, pois, ao ler texto completo, infere-se que quem ensinava eram os mestres capoeiras. Segundo van Leeuwen, em relação às exclusões radicais, não se pode chegar a conclusões através da análise de um único texto, para tanto, é necessário que se analisem textos que representem a mesma prática social. Em seu estudo de representação em 49 produções textuais em contexto escolar (VAN LEEUWEN, 1993), através da comparação de textos de alunos, o autor percebeu que, naqueles produzidos visando o público geral, funcionários na hierarquia abaixo dos professores eram, por vezes, incluídos, excluindo-se a diretora; enquanto que, naqueles produzidos visando um público mais abastado, o contrário ocorria, constituindo, de acordo com o autor, um padrão de inclusão e exclusão relacionado à classe social.

O Encobrimento (segundo plano) é realizado através de elipses em orações infinitivas formadas com gerúndio ou particípio; orações infinitivas com *to* (em inglês) e por orações paratáticas, ou, ainda, da mesma forma que a Supressão, desde que sejam incluídos em outra parte do texto e recuperáveis por inferência, como no exemplo 14, em que apenas sabemos quem “via e vivia o progresso” pela leitura do texto anterior a esta passagem, quando somos informados que João Rubinato foi quem ousou para ouvir e cantar a rotina de uma outra São Paulo que [ele] via e vivia o progresso de um jeito bem diferente.

Exemplo 14:

Parar para ouvir e contar a rotina de uma outra São Paulo que	via e vivia	o “progresso” de um jeito bem diferente.
Ator	Processo material	Meta

De acordo com van Leeuwen (1996), enquanto algumas das exclusões servem a algum propósito, outras podem ser “inocentes”, por se tratarem de pormenores que os leitores já conhecem, ou que são considerados irrelevantes para eles. Segundo o autor, especialmente no caso de Encobrimento, é difícil estabelecer se os Atores Sociais deviam ou não ser recuperáveis pelo leitor ou mesmo pelo escritor.

Ressalva-se que a inclusão de Atores Sociais em todas as instâncias de discurso pode tornar o texto repetitivo e cansativo, portanto o Encobrimento de Atores Sociais, muitas vezes, pode ser devido às referências anafóricas, como no exemplo 14: Ele, nascido João Rubinato, ousou parar. Parar para ouvir e contar a rotina de uma outra São Paulo que [ele] via e vivia o “progresso” de um jeito bem diferente.

2.2.1.2 Inclusão: ativação e passivação

Os papéis dados aos Atores Sociais em representações é um aspecto de representação que tem uma significativa parte no trabalho de muitos analistas críticos do discurso: quem é representado como agente (ator), quem é paciente (meta) a respeito de determinada ação? A relevância dessa questão relaciona-se ao fato de não haver necessariamente congruência entre os papéis que os Atores Sociais desempenham em práticas sociais e os papéis gramaticais a eles atribuídos nos textos (Leeuwen, 1996).

Nas representações, os Atores Sociais podem ter papéis ativos ou passivos. Dessa forma, há ativação quando Atores Sociais são representados como ativos, forças dinâmicas em uma atividade, passivação quando eles são representados como “submetendo-se” a uma atividade ou como sendo “receptores dela”. Leeuwen (1996) entrelaça sua teoria à de Halliday ao propor que isso pode ser realizado pelos papéis dos participantes gramaticais, por estruturas de transitividade, em que os atores sociais ativos são codificados como Ator em processos materiais, Comportante em processos comportamentais, Portador nos processos mentais, Dizente nos processos verbais ou Atribuído nos processos relacionais.

Se a ativação realizar-se por meio de **participação** (papéis gramaticais participantes), o papel ativo do ator é destacado de forma mais clara, mas a ativação também pode ser realizada por **circunstanciação**, quando circunstâncias preposicionais são introduzidas pelas preposições de e por. Além disso, nominalizações ou substantivos processuais também podem realizar ativação; uma forma frequente desta é **apossessivação**, realizada pelo uso de pronome possessivo para ativar ou passivar. Em comparação com a participação, a possessivação encobre a agência, transforma-a em posse.

Na passivação, o Ator Social passivado pode ser **sujeito** (são tratados como objetos na representação) ou **beneficiado** (beneficiam-se da ação de forma positiva ou negativa).

Assim, “a Ativação e a Apassivação são analisadas inicialmente através da distribuição de papéis [Participação], identificando-se quem faz o que a quem. A partir desta análise, é possível perceber quem é representado como Agente (Ator), ou Paciente (Meta) em relação a determinada ação, revelando como as relações entre Participantes são organizadas e percebendo como os Atores Sociais são ativados [Ativação] ou apresentados como passivos [Apassivação]. Estas categorias co-selecionam-se com os traços [Participação], realizado pelos papéis gramaticais e de [Circunstanciação], ambas as realizações relacionadas ao sistema de Transitividade da gramática sistêmico-funcional” (ASSIS, 2009).

No que se refere à Participação, pode-se afirmar que os Atores Sociais são ativados quando são Ator nas orações materiais, Experienciador nas orações mentais, Dizente nas orações verbais, Comportante nas orações comportamentais ou Atribuidor nas orações relacionais. Por outro lado, dizemos que são apassivados quando são Meta nas orações materiais, Fenômeno nas orações mentais, ou Portador nas orações

relacionais atributivos efetivas. Saliente-se que, na teoria de representação de Atores Sociais, a análise de Participação assemelha-se àquela da Transitividade apresentada por Halliday e Matthiessen (2004). Difere, no entanto, ao descartar as Circunstâncias (Circunstanciação) e por considerar o Ator em orações materiais transitivas receptivas (voz passiva) como ativado por Circunstanciação e não por Participação. Van Leeuwen (1993) justifica esta realização, pela semelhança da introdução do Ator naquelas orações com a preposição [por], compartilhando características formais com as Circunstâncias.

O exemplo 15 ilustra a Ativação de Pedro Moraes Trindade pela sua participação na oração verbal diz Pedro Moraes Trindade; enquanto o 16 exemplifica a Apassivação de *tribos*, apresentado como Meta em um Processo Material, cujo Ator é índios.

Exemplo 15:

“Reduzir a capoeira ao esporte	É	diminuir seu lado subjetivo, sua história e sua filosofia”
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

Exemplo 16:

Lá	Vivem	3.600 índios
Circunstância de localização	Processo material	Meta
Ator Social (índios) personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

2.2.1.3 Personalização e impersonalização

Leeuwen (1996) trata de escolhas representacionais que personalizam Atores Sociais, os representam como seres humanos, são realizados por pronomes pessoais ou possessivos, nomes próprios ou substantivos (nomes) cujo significado inclui características humanas. Mas Atores Sociais podem também ser impessoalizados, representados por outros significados, como por substantivos concretos ou abstratos cujo significado não inclui características humanas.

Impersonalização pode ser dividida em dois tipos: abstração e objetivação. Abstração ocorre quando Atores Sociais são representados por meio de uma qualidade designada para eles e na representação. Objetivação ocorre quando Atores Sociais são representados por meio de referência para um lugar ou coisa

intimamente associada com as pessoas ou com a ação em que eles são representados sendo engajados.

A análise de escolhas lexicais referentes a Atores Sociais incluídos pode revelar também de que forma a inclusão se dá, ou seja, os Atores Sociais podem ser personalizados [Personalização] através de pronomes pessoais, possessivos adjetivos, nomes próprios ou substantivos cujos significados incluem a característica humana, entre outros recursos, como no exemplo 17, cujo personagem Chiquinha Gonzaga é nomeado, ou seja, identificado por um nome próprio.

Exemplo 17:

Em 1899,	a pianista Chiquinha Gonzaga (1847-1935)	Lança	a marcha Ó abre alas.
Circunstância de localização	Ator	Processo material criativo	Meta
Ator Social personalização – determinação – nomeação			
Agente Social substantivo – nomeado– específico			

Podem também ser impessoalizados [Impersonalização] através da escolha de substantivos abstratos ou concretos cujos significados não incluem a característica semântica humana, entre outras realizações.

Na Personalização e na Impersonalização, o inventário de van Leeuwen (1996) entra em maiores especificidades, desdobrando-se em subcategorias. As principais são brevemente apresentadas no Quadro abaixo, adaptado de Assis (2009) e construído com base em van Leeuwen (1993 e 1997).

Subcategorias de Personalização e Impersonalização

Categorias	Descrição
Generalização/ especificação	Um Ator Social é/ não é referido de forma genérica
Individualização/ Assimilação	A referência a um Ator Social é/ não é feita através de um pronome, substantivo ou nome no singular
Coletivização	A referência a um Ator Social é feita por meio de um substantivo ou pronome no plural, coletivo ou substantivo denotando um grupo.
Agregação	A referência a um Ator Social inclui um quantificador definido ou indefinido ou um numeral.
Determinação / Indeterminação	Um Ator Social é, não é referido como um indivíduo ou grupo determinado, ou seja, por meio de pronomes indefinidos usados com função nominal ou referência a alguma coisa fora do texto (como <i>eles</i> não especificado).
Nomeação	Um Ator Social é referido por um nome próprio.
Categorização	Refere-se aos Atores Sociais através de sua função, identidade e substantivos com conteúdo interpessoal.
Identificação	Um participante é definido por sua identidade permanente, pelo que ele é.
Funcionalização	Um Ator Social é referido através de um substantivo ou grupo nominal

Avaliação	referente a um papel ou atividade institucional. Um participante é referido em termos interpessoais ao invés de experienciais.
Classificação	Um Ator Social é referido através de um substantivo ou grupo nominal expressando a categoria que não se refere a uma atividade, como idade, gênero, raça, classe, nacionalidade.
Identificação Relacional	O participante é referido por suas relações familiares e de amizade. O participante é definido por suas características físicas.
Identificação Física	
Objetivação	Ocorre quando os Atores Sociais são representados por meio de uma referência a um local ou coisa diretamente associada quer à sua pessoa quer à atividade a que estão ligados (referência metonímica). Pode se realizar através de: 5) Espacialização – local ao qual estão associados. 6) Autonomização do enunciado – referência aos seus enunciados. 7) Instrumentalização – referência ao instrumento com o qual o Ator Social empreende a atividade a que está ligado. 8) Somatização – referência a uma parte do corpo.

Adaptado de ASSIS, 2009.

Nas categorias Generalização e especificação, a escolha entre referência genérica e específica é um importante fator na representação de Atores Sociais, eles podem ser representados como classes ou como específicos, identificáveis indivíduos.

Na Individualização, os Atores Sociais são referidos como indivíduos, usa-se o singular. Enquanto que na Assimilação, os Atores Sociais são referidos como grupos, utilizando-se o plural.

A Associação, outra forma de Atores Sociais serem representados como grupos, refere-se a grupos formados por Atores Sociais e/ou grupos de Atores Sociais (referido genericamente ou especificamente) que nunca são identificados no texto (embora os atores ou grupos que fazem a associação podem ser nomeados e/ou categorizados). A realização mais comum é a parataxe.

Em muitos textos, associações são formadas ou não formadas (dissociação) como o texto continua.

Indeterminação ocorre quando Atores Sociais são representados como não específicos, indivíduos ou grupos “anônimos”, determinação quando sua identidade é especificada. Indeterminação é tipicamente realizada por pronomes indefinidos usados em função nominal.

Na Nomeação, os Atores Sociais são representados em termos de suas identidades únicas, por serem nomeados. Enquanto na Categorização são representados em termos de suas identidades e funções que eles compartilham com outros. Nomeação

é tipicamente realizada por nomes próprios, e pode ser formal (sobrenome apenas), semiformal (nome e sobrenome) ou informal (nome somente). Leeuwen distingue dois tipos de categorização funcionalização e identificação. A primeira ocorre quando Atores Sociais referem-se em termos de uma atividade, de alguma coisa que eles fazem, por exemplo, uma ocupação ou papel. É realizada tipicamente por um nome, formado de um verbo, por um nome que denota lugar ou ferramenta associada com uma atividade ou pela composição de substantivos que denotam lugares ou ferramentas intimamente associadas com uma atividade e categorizações altamente generalizadas (e ocasionalmente funcionalizações).

Identificação ocorre quando Atores Sociais são definidos, não em termos do que eles fazem, mas em termos do que eles, mais ou menos permanentemente ou inevitável, são. Podem ser divididas em três tipos: classificação, identificação relacional e identificação física.

No caso de Classificação, Atores Sociais são referidos em termos de categorias maiores por meio de uma dada sociedade ou instituição distingue entre classes de pessoas. Categorias de classificação são historicamente e culturalmente variáveis. A Identificação relacional representa Atores Sociais em termos de relações pessoais, de parentesco ou de trabalho e pode ser realizada por uma série de nomes, como “amigo, tio”. Já a Identificação física representa Atores Sociais em termos de características físicas que os identificam em um dado contexto. Pode ser realizado por nomes (ex.: loiro) ou adjetivos (alto).

A **Sobredeterminação** ocorre quando Atores Sociais são representados como participando ao mesmo tempo em mais de uma prática social.

Pode ser dividida em inversão, simbolização, conotação e destilação. Inversão ocorre quando Atores Sociais são conectados por duas práticas em que são opostos um do outro, como, por exemplo, os Flintstones fazem coisas que pessoas do século XX fazem, mas são nomeados como homens da caverna pré-históricos. Simbolização ocorre quando um Ator Social ou um grupo dá suporte para atores ou grupos em práticas sociais não-ficcionais. Conotação é quando uma determinação única (nominção ou identificação física) dá suporte para uma classificação ou funcionalização. Destilação realiza sobredeterminação por meio de uma combinação de generalização e abstração.

2.3 Análise do discurso crítica e a representação social

De acordo com Fairclough (2003), textos são partes de eventos sociais, podendo sua participação ser maior ou menor, dependendo do evento. Há fatores que fazem com que um texto em particular ou um tipo de texto tenha suas características inerentes, ou seja, eventos e textos têm causas. Além disso, existem dois ‘poderes’ causais que moldam textos: o primeiro, a estrutura e a prática social; e o segundo, os Agentes Sociais, ou seja, as pessoas envolvidas nos eventos sociais (ARCHER 1995, SAYER 2000 *apud* FAIRCLOUGH, 2003).

No que se refere aos Agentes Sociais, o autor afirma que eles não são livres, pois socialmente sofrem restrições, embora suas ações não sejam determinadas socialmente em sua totalidade. Os Agentes Sociais têm ‘poderes causais’ próprios, que não são reduzíveis aos poderes causais das estruturas e práticas sociais, eles podem tecer textos, configurar relações entre elementos dos textos. As limitações estruturais, nesse processo, envolvem as combinações que a gramática natural da língua não prevê e as convenções de gênero. Ainda assim, Fairclough (2003) ressalta a amplitude de liberdade que os agentes têm na composição dos textos.

Nesse sentido, torna-se necessário distinguir estruturas sociais de eventos sociais. Estrutura social pode ser entendida como algo potencial e eventos como o que realmente acontece. Trata-se de uma relação complexa, intermediada pelas práticas sociais, que podem ser tidas como meios de controlar a seleção de certas possibilidades estruturais e a exclusão de outras, e a retenção dessas seleções no decurso do tempo, em áreas particulares da vida social.

A linguagem é um elemento do social em todos os níveis. Assim, para Fairclough (2003), as línguas podem ser consideradas dentro da estrutura social abstrata, sendo que uma língua define certas possibilidades e exclui outras (como, por exemplo, o livro é possível em português, mas *livro o não é). Além disso, os textos como elementos de eventos sociais são também definidos por redes de práticas sociais. Denominadas ordens do discurso, essas redes são discursos, gêneros e estilos, elementos esses que controlam determinados elementos linguísticos, como a variabilidade linguística para certas áreas da vida social. Dessa forma, de acordo com Fairclough (2003), a estrutura social corresponde a línguas, práticas sociais, a ordens de discurso e eventos sociais, a textos.

Além disso, no nível de eventos concretos, torna-se mais difícil separar linguagem de outros elementos sociais. Na terminologia de Althusser, a linguagem se torna cada vez mais ‘superdeterminada’ por outros elementos sociais (Althusser e Balibar, 1970). Então, no nível de estruturas abstratas, podemos falar mais ou menos exclusivamente acerca de linguagem – mais ou menos, porque teorias ‘funcionais’ da linguagem veem até mesmo gramáticas de línguas como socialmente moldadas (Halliday, 1978). Da forma que Fairclough (2003) define ordens de discurso fica claro que, nesse nível intermediário, há uma ‘superdeterminação’ muito maior da linguagem por outros elementos. Em textos como elementos de eventos sociais, a ‘superdeterminação’ da linguagem por outros elementos sociais torna-se massiva: textos não são apenas efeitos de estruturas linguísticas e de ordens de discurso, são também efeitos de outras estruturas sociais, e de práticas sociais em todos os seus aspectos, de maneira que se torna difícil separar os fatores que modelam textos.

2.3.1 Textos como ação, representação, identificação

A multifuncionalidade dos textos é ressaltada pelas abordagens funcionais da linguagem. A Linguística Sistêmico-Funcional, por exemplo, como já citado anteriormente, postula que os textos têm simultaneamente as funções ideacional, interpessoal e textual, o que significa que os textos representam, simultaneamente, aspectos do mundo (mundo físico, social e mental); interpretam as relações sociais entre participantes de eventos sociais e as atitudes, desejos e valores dos participantes; e conectam partes de textos e textos com seus contextos situacionais (HALLIDAY, 1978, 1994). Ou melhor, as pessoas fazem tudo isso no processo de construção de significados nos eventos sociais, que inclui produção (tessitura) de textos.

Em relação a multifuncionalidade dos textos, Fairclough (2003) corrobora com Halliday (1994), embora de maneira diferente, por meio da distinção entre gêneros, discursos e estilos como as três principais maneiras em que o discurso figura como parte da prática sócia – modos de agir, modos de representar, modos de ser. No entanto, prefiro falar sobre três principais tipos de significações textuais e não de funções: Ação, Representação e Identificação.

Comparativamente, a representação corresponderia à metafunção ideacional da proposta de Halliday, ação assemelha-se à metafunção interpessoal, mas Fairclough (2003) diferencia uma função separada para Identificação e não distingue uma função textual separadamente, incorporando-a com a Ação.

Fairclough afirma haver também uma correspondência entre Ação e gêneros, Representação e discursos, Identificação e estilos, pois gêneros, discursos e estilos são, respectivamente, formas de agir, representar e identificar. São tidos como elementos de ordens de discurso no nível da prática social. Ao analisar textos específicos como parte de eventos específicos, realiza-se duas tarefas interconexas: uma em relação à análise em termos dos três aspectos do significado – Ação, Representação e Identificação – e como são realizados nos diferentes traços de textos (vocabulário, gramática, etc.); e outra relativa à ligação entre o evento social concreto e a prática social mais abstrata ao analisar que gêneros, discursos e estilos estão ali delineados, e como os diferentes gêneros, discursos e estilos se articulam no texto.

Para Fairclough (2003), assim como para Foucault (1994), gêneros, discursos e estilos possuem uma relação dialética, embora este não use a categoria de dialética:

Esses sistemas, na prática, originam-se de três grandes áreas: relações de controle sobre as coisas, relações de ação sobre outros, relações consigo mesmo. Isso não significa que cada uma dessas três áreas é completamente estranha às outras. É sabido que controle sobre as coisas é mediado por relações com outros; e relações com outros, por sua vez, requerem relação da pessoa com a própria pessoa, e vice-versa. Mas temos três eixos cuja especificidade e cujas interconexões precisam ser analisadas: o eixo do conhecimento, o eixo do poder, o eixo da ética... Como somos constituídos como sujeitos do nosso próprio conhecimento? Como somos constituídos como sujeitos que exercem ou se submetem a relações de poder? Como somos constituídos como sujeitos morais de nossas próprias ações? (FOUCAULT, 1994, pág. 318).

Assim, é possível perceber que as várias formulações de Foucault apontam para a complexidade dentro dos três eixos de Foucault (que correspondem aos três aspectos do significado): a Representação tem a ver com conhecimento e por meio dele 'controle sobre coisas'; a Ação está relacionada, de modo genérico, com a relação com os outros, mas também' com a ação sobre os outros' e com o poder. Identificação se liga com as relações com a própria pessoa, ética e 'assuntos morais'. Tais formulações apontam para a possibilidade de enriquecer o nosso entendimento de textos mediante a

conexão dos três aspectos do significado com uma variedade de categorias nas teorias sociais.

Embora os três aspectos do significado precisem ser distinguidos para facilitar a análise, não são *distintos*, não são totalmente separados, o que também pode ser observado em Halliday nas três metafunções.

2.3.2 As representações dos eventos sociais

Devido ao fato de o foco deste trabalho ser a representação do povo e da cultura brasileira, focalizarei, em relação a Fairclough (2003), na Representação de significados na oração. Nesse sentido, essa proposta está em consonância com o recorte feito na teoria de Halliday (1994), no qual trabalhei com a metafunção ideacional, que também tem foco na representação.

Dessa forma, assim como na proposta de Halliday temos os seis tipos de processos – materiais, relacionais, existenciais, comportamentais, verbais e mentais –, na de Fairclough (2003) tem a abordagem, em uma oração, de aspectos do mundo físico, aspectos do “mundo mental” dos pensamentos, sentimentos, sensações e assim por diante, além dos aspectos do mundo social. A abordagem Fairclough (2003) está relacionada à representação dos eventos sociais, mesmo que o mundo social possa também ser representado de modo mais generalizado e abstrato no que se refere às estruturas, relações e tendências. Será feita a seguir a distinção entre os diferentes níveis de abstração e de concretização nas representações.

No que se refere aos tópicos de pesquisa social, torna-se necessário introduzir a questão de gêneros de governança, como uma base analítica para tomar a representação como recontextualização, a questão do universal e do particular, considerando-os maneiras de referir-se aos Agentes Sociais – especificamente à referência genérica – e, ainda, a de agência, especificamente como os textos representam a questão da *agência*, como, por exemplo, se as ações são representadas de modo a especificar ou suprimir a agência dos agentes assim como a importância política e social que tais escolhas textuais acarretam.

Todos os três tipos de significado – ação, representação e identificação – devem ser considerados quando se trata de orações, sendo que cada um deles oferece

perspectiva e categorias analíticas específicas, conforme Halliday (1994). A análise e as categorias são diferentes quando é feita uma análise com base nos significados representacionais, pois, nessa perspectiva, as orações têm três elementos principais: os processos, os participantes e as circunstâncias. Por exemplo, em “em 1960, o padre José de Anchieta já registrava o temor que o mito causava aos índios”, existe um processo (‘registrava’), dois participantes (‘padre Anchieta’, ‘índios’) e uma circunstância (‘em 1960’).

Os processos geralmente se realizam sob a forma de grupos verbais, os participantes sob a forma de sujeito, objetos diretos ou indiretos e as circunstâncias sob a forma dos diferentes tipos de elementos adverbiais, como adjuntos adverbiais de tempo ou lugar (como é o caso). Podemos diferenciar os tipos de cada elemento (por exemplo, tipos de processo) e as orações se diferem na seleção dos tipos de processo, dos participantes e das circunstâncias. Veja o conteúdo abaixo para obtenção de maiores detalhes.

2.3.3 Exclusão, Inclusão e Proeminência

Os eventos sociais selecionam diferentes elementos. Eles podem incluir formas de ação, pessoas e suas crenças, valores, desejos, história, relações sociais, formas institucionais, objetos, meios (tecnologias), tempos e espaços, linguagem e outras semioses. Uma análise de textos sob uma perspectiva representacional deve incluir quais elementos dos eventos estão incluídos na representação desses eventos, quais são excluídos e aos quais é dada maior importância. Ao invés de analisá-lo partindo da comparação da verdade sobre um determinado evento com o modo de representação do mesmo em textos específicos (o que poderia levantar questionamentos acerca da maneira com a qual se estabelece uma verdade, independentemente das representações particulares), pode-se fazê-lo partindo da comparação entre as diferentes representações dos mesmos eventos ou entre eventos similares (veja van Leeuwen, 1993, 1995, 1996 para verificar tal abordagem sobre o significado representacional).

Temos como exemplo no *corpus* desta pesquisa,

(O caipira) de um modo geral, é quem mora no interior de São Paulo e Minas Gerais, vivendo de cultivar a roça. (O caipira) Planta principalmente o milho,

do qual fabrica o fubá, mas também retira a palha para o chapéu e o cigarro. Seus modos rústicos, herdados da convivência com os índios, provocavam desdém quando visitavam a cidade.³

Os elementos dos eventos sociais representados, exceto *ser* que é uma forma de identificar, os demais processos mencionados são formas de ação (viver, cultivar, plantar, fabricar, retirar etc.), bem como objetos dessas formas de ação (roca, milho, fubá, chapéu, cigarro etc.). É dada, nesse caso, maior importância particularmente às formas de ação: esse pequeno texto representa uma série de atividades. As pessoas são parcialmente incluídas (caipiras, recuperado anaforicamente, e índios). As relações sociais e as formas institucionais, bem como os meios, os tempos e os espaços, a linguagem dos tipos de eventos (plantação e assim por diante) representados são excluídos. Pode-se fazer a relação dessas exclusões com as formas gramáticas da oração. Com relação aos participantes, temos sujeitos (pacientes), os ‘índios’ e agentes, os ‘caipiras’. Há menção a lugar ‘interior de São Paulo e Minas Gerais’, mas não às circunstâncias.

Comparando com o trecho de um trecho de outro livro,

Na Amazônia, jovens ajudam a preservar a floresta aprendendo música e fabricando instrumentos musicais. Na Paraíba, a estamparia e a serigrafia elevam a autoestima de meninos e meninas, e, em São Paulo, o teatro reduz a discriminação entre estudantes. Mestres nessas artes, três educadores usam seu talento para mostrar que a expressão artística ajuda a transformar os jovens em cidadãos capazes de reconhecer os outros, a si mesmas e de seus sonhos.⁴

Nesse trecho há formas de ação (preservar), objetos (instrumentos musicais), pessoas (jovens, meninos, meninas), relações sociais (relação entre o estudante e o mestre) e lugar (na Amazônia). Pode-se considerar o que é socialmente significativo no que diz respeito à representação no caso do caipira como parte do povo brasileiro, onde mora, o que faz, suas heranças, no segundo texto, o foco é uma ação de mestres para preservação, que, embora seja uma ação na Amazônia, não inclui os índios. Nos dois casos, as pessoas são representadas, o que muda é o foco do texto, as atividades que desempenham e as relações sociais.

³ Trecho do livro Bem Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação.

⁴ Texto do livro Bem vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação.

2.3.4 A representação de processos, das pessoas envolvidas e das circunstâncias

É possível distinguir um pequeno número de tipos de processos principais, que se diferenciam em seus instrumentos, seus participantes e nos tipos de circunstâncias associadas a eles.

Tipo de processo	Participantes-chave	Circunstâncias
Material	Ator, Afetado	Tempo, espaço, intenção, razão, modo, meios
Não-material	Conhecedor, Fenômeno	Tempo, espaço, razão
Verbal	Ator	
Relacional 1	Portador, Atributo	
Relacional 2	Tomado, valor	
Existencial	Existente	

Adaptado de Fairclough (2003).

Com relação às circunstâncias, os tipos de processo se enquadram em dois grupos principais: processos materiais e verbais, os quais viabilizam uma gama maior de circunstâncias, se comparados aos não-materiais, aos relacionais e aos existenciais. Existem dois tipos principais de processos materiais: o transitivo (Ator + Processo + Afetado, por exemplo, “Nós não temos guerras”) e o intransitivo (que pode tanto ser Ator + Processo, como em “João correu” ou Afetado+ Processo, como em “A sociedade está mudando”, dependendo do tipo de processo, se ele é um feito ou um acontecimento). Os processos materiais transitivos podem ser estabelecidos de forma ativa ou passiva, sendo que o último pode ou não apresentar os agentes da voz passiva, por exemplo “A escolha e a liberdade são aumentadas”, sem o agente ou “A escolha e a liberdade são aumentadas pela globalização”, com o agente. Segue abaixo uma análise ilustrativa, só estão em questão as partes sublinhadas.

- 1) Como a seringueira só nasce na morta preservada, o seringalista passou a ser um combativo defensor da floresta. (RELACIONAL1, PORTADOR + PROCESSO + ATRIBUTO)

- 2) Assim como a televisão desempenhou um papel significativo na formação das gerações passadas (MATERIAL, ATOR + PROCESSO + AFETADO)

2.3.5 Representação dos Agentes Sociais

Na representação dos Agentes Sociais, há escolhas a serem feitas, assim como na representação dos processos. Agentes Sociais geralmente são participantes nas orações ou podem também se relacionar às circunstâncias, embora nem todos os participantes sejam Agentes Sociais – eles podem ser objetos, por exemplo (FAIRCLOUGH, 2003). As escolhas disponíveis na representação dos Agentes Sociais foram esquematizadas por Fairclough (2003) da seguinte forma (VAN LEEUWEN, 1996, identifica várias outras variáveis):

Categorias	Descrição
Inclusão ou exclusão	Podem ser observados dois tipos de exclusão dos Agentes Sociais: a) agente suprimido, quando não há nenhuma menção no texto. b) agente relegado ao segundo plano, em casos em que há menção em algum lugar no texto e, em outros, o agente pode ser inferido.
Pronome ou substantivo	O Agente Social pode estar sob a forma de um pronome ou de um substantivo.
Função gramatical	Nesse caso, o Agente Social pode ser um participante na frase (como ATOR ou AFETADO), descrito em uma circunstância (como na frase a Internet vem se tornando rapidamente a principal fonte de informação para a <u>juventude</u> atual) ou um substantivo possessivo ou um pronome (São testemunhas disto os nossos irmãos).
Ativo ou passivo	O Agente Social é o ator nos processos, é afetado ou se beneficia.
Pessoal ou impessoal	Os Agentes Sociais podem ser representados pessoal ou impessoalmente. Por exemplo, Fairclough cita que, quando o autor do texto refere-se a Adoniran Barbosa como “ponte”, está o impersonalizando.
Nomeado ou classificado	Os Agentes Sociais podem ser representados pelo nome, por exemplo, Adoniran, ou de acordo com categorias, por exemplo “sambista”. Com relação ao último, este pode se referir a um único indivíduo ou a um grupo de pessoas (os sambistas).
Específico ou genérico	Os Agentes Sociais podem ser classificados de forma específica ou genérica. Por exemplo, o termo “os sambistas” pode se referir a um grupo específico (aqueles que trabalham em um certo local) ou a classe de sambistas em geral, ou seja, todos os sambistas (os sambistas se veem como boas pessoas). ⁵

⁵ Exemplos adaptados de Fairclough (2003).

Fairclough (2003) exemplifica mostrando as representações dos Agentes Sociais presentes no trecho que se segue, retirado do livro **A Corrosão do Caráter**, do escritor Sennett. Trago como exemplo um texto do livro **Bem Vindo! a língua portuguesa no mundo da comunicação**.

O segredo dos paulistas: não perder tempo, já dizia um anúncio da Empresa Brasileira de Relógios Hora no início da década de 50. Era a São Paulo do progresso, do desenvolvimento, que começava a dar sinais da megalópole desvairada que viria a ser. “São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo”, dizia o entusiasmado slogan criado na exaltação das comemorações do IV Centenário da cidade. Foi nessa capital do trabalho, nessa cidade que não para, que surgiu o célebre sambista e radioator Adoniran Barbosa, autor de canções inesquecíveis como “Saudosa Maloca” e “Trem das Onze”. Ele, nascido João Rubinato, ousou parar. Parar para ouvir e contar a rotina de uma outra São Paulo que via e vivia o “progresso” de um jeito bem diferente. Adoniran aparece, então, como narrador, como fonte de uma outra história. Em um momento em que o rádio se populariza, ele funcionava como uma ponte entre a rua e o rádio. Trazia a poética das ruas para o rádio em forma de personagens, de histórias, de crônicas.

Adoniran seria então a voz de uma cultura popular, não letrada, que busca sua inspiração na fala. Que fala? Aquela que se encontra “nos lugares da palavra”. Uma cidade respira quando nela existem lugares da palavra, pouco importa sua função oficial – o café da esquina, a praça do mercado, a fila de espera dos correios, a banca do jornalista, o portão da escola na hora da saída.

A transfiguração da sociedade pelo progresso não para e vai, aos poucos, extinguindo esses “lugares da palavra”. Adoniran viveu isso e foi uma espécie de resistência a esse processo. Ele não conseguiu, no entanto, fazer essa resistência através do samba até o fim. A cidade do progresso crescia e ia engolindo a São Paulo de Adoniran, até que, um dia, ele se viu impossibilitado de continuar compondo. “Me mandaram achar São Paulo e eu não achei. Me mandaram achar o Bexiga e não existia mais, a não ser alguma coisa ali pela 13 de Maio, rua Fortaleza. O Brás é quem te viu e quem te vê. Mas já não soffro mais, estou calejado”, afirmou, melancólico, em uma de suas últimas entrevistas.

Os principais Agentes Sociais incluídos no texto são os paulistas, a sociedade e Adoniran. As pessoas responsáveis pelas mudanças em São Paulo (governantes, por exemplo) são excluídas. Os Agentes Sociais são participantes (por exemplo, “Adoniran viveu isso”) ou estão sobre a forma de substantivo e pronomes (a primeira pessoa e a terceira do plural são usadas anaforicamente para fazer menção a algo já citado. Adoniran Barbosa é representado tanto na forma ativa (como em “Adoniran viveu isso e foi uma espécie de resistência a esse processo” quanto na passiva (por exemplo, “engolindo a São Paulo de Adoniran”). Os Agentes Sociais são tanto classificados quanto nomeados e faz-se referência a grupos quando existe uma classificação. A referência é específica e não genérica.

Os Agentes Sociais no Exemplo a seguir, extraído do livro se apresentam sobre as mesmas convenções:

Na Amazônia, jovens ajudam a preservar a floresta aprendendo música e fabricando instrumentos musicais. Na Paraíba, a estamperia e a serigrafia elevam a autoestima de meninos e meninas, e, em São Paulo, o teatro reduz a discriminação entre estudantes. Mestres nessas artes, três educadores usam seu talento para mostrar que a expressão artística ajuda a transformar os jovens em cidadãos capazes de reconhecer os outros, a si mesmas e de seus sonhos. Mostram que a arte faz pensar, educa, inclui. E que não por acaso ela se torna uma ferramenta cada vez mais valorizada na educação. Os jovens são capacitados a transformar recursos naturais em bens. Recebem educação ambiental, discutindo, por exemplo, o manejo indiscriminado das espécies em extinção, como o pau-brasil, insubstituível para o arco do violino, e o mogno, usado para a confecção de braços de violões clássicos.

Os principais Agentes Sociais são “jovens, meninos, meninas, estudantes” e os “três educadores”, que fazem as coisas acontecerem, embora apareçam pouco no texto, em relação aos outros agentes. Quando os Agentes Sociais “três educadores” são incluídos, eles são participantes ativos (exemplo “três educadores usam seu talento para mostrar”), enquanto “jovens”, na maioria das vezes, são passivos (como “a estamperia e a serigrafia elevam a autoestima de meninos e meninas”). Os Agentes Sociais são classificados, não nomeados. As referências são principalmente genéricas (como, por exemplo, jovens, estudantes).

A seguir exemplos de Fairclough (2003) ilustram outras representações de Agentes Sociais:

Bem, mas como você muda este tipo de cultura negativa? Fizemos muito até aqui, mas meu maior medo é que eles destruam todo o bom trabalho que fizemos aqui se continuarem a empurrá-los para o fim da linha como estão fazendo. Acredito que as pessoas reagirão desta forma em pouco tempo e que elas destruirão tudo.

Fim da linha?

Para os empregados, empurrando-os ao se desfazer deles. Como você pode exigir flexibilidade, desenvolvimento pessoal e empresarial, desfazendo-se deles? Assim como alguém me disse ontem, um operador, ‘Pra que eu vou fazer o melhor de mim para finalizar este produto se amanhã pela manhã você pode me despedir?’ e eu não tive resposta.

E o bom trabalho sobre o qual você falou?

Houve um plano para retirar o poder dos sindicatos e devolvê-los para os gerentes para então devolvê-los aos trabalhadores. Estava ocorrendo tudo em ordem, mas o grande número de redundâncias pode fazer com que digamos...

Os principais Agentes Sociais são o gerente (Eu), gerentes de médio (Nós), e alto escalão, a empresa, os trabalhadores e os sindicatos. A principal exclusão refere-se a “força de trabalho”, mas como isso é algo já mencionado, evidencia-se um caso de supressão. Os Agentes Sociais funcionam com participantes, possessivos, e estão dentro das circunstâncias. Existe uma gama de pronomes: Eu (o gerente entrevistado), Nós (os gerentes de médio escalão), o genérico “Você”. A questão de ativo e passivo aqui é complexa, mas quando se refere a classe trabalhadora, ele é muito mais frequentemente representada na forma passiva, se comparado com os outros em questão. Ela é a única representada impessoalmente. Os Agentes Sociais são classificados, nunca nomeados. E com a exceção de “an operator” e dos pronomes Eu e você específico, as referências são a grupos e não a indivíduos. A referência é em alguns casos específica e às vezes genérica, talvez ambivalente em alguns casos (faz referência ao caso específico daquela empresa ou se trata de generalização?).

Comparações e comentários de escolhas de significado social maior na representação dos Agentes Sociais são feitos acerca das noções de inclusão e exclusão. Existem várias motivações para exclusão, como, por exemplo, a redundância ou a irrelevância, mas também pode ter uma conotação política. Uma questão que merece discussão é se essas formas de exclusão dos agentes e agências são sintomas de uma visão de redundância de algo que ocorre com as pessoas ou de algo que é feito com elas: uma calamidade ao invés de um crime, seria um exemplo exagerado disso. O uso intransitivo ou elíptico de “livrar-se” também é marcante. Talvez isso seja para marcar um eufemismo ou evitar chamar pelo nome real.

Os pronomes têm o seu valor ao analisar um texto. A primeira pessoa do plural é importante no caso dos significados identificacionais, como as dos textos representam e constroem grupos e comunidades. A maior comunidade construída pelo “nós” é dos gerentes de médio escalão, o grupo de pessoas entrevistadas (não é um grupo bem definido). Existe aí uma divisão entre trabalhadores de médio e de alto escalão o que representa um distanciamento ainda maior entre estes e os trabalhadores. Como sempre, alteramos o significado no texto. No discurso indireto, representação do discurso imaginário e não do discurso real, as comunidades representadas pelo “nós”

são os sindicatos, apesar de não está claro se há inclusão dos sindicalistas ou do líder-sindical. “Nós” também é usado no final de forma vaga para se referir a todos e a qualquer um. As comunidades construídas com “nós” são sempre de difícil compreensão e vagas, além de se alterarem muito.

É interessante analisar contrastivamente o uso do “nós” e do “você” genérico. Existem comunidades construídas com base nos dois pronomes. O gerente se inclui nas duas, mas elas são bem diferentes. A estabelecida com base no “você” é mais abrangente que a estabelecida com base no “nós”, entretanto, não inclui todo mundo. Ela se refere à comunidade de gerentes, mas não os da empresa. Aqui a comunidade-“nós” refere-se ao particular, enquanto a comunidade-“você” refere-se ao universal ao lidar com um processo universal. As referências genéricas referem-se normalmente ao universal, por exemplo, a oscilação entre a noção de particular e universal. Ao mesmo tempo o “você” genérico é quase sempre um pronome coloquial que se refere às experiências cotidianas. A comunidade-“você” refere-se ao trabalho, é nela que o gerente se insere.

A questão de ativo e passivo é transparente: quando os Agentes Sociais estão na forma ativa, sua capacidade de ação, de fazer as coisas acontecerem, de controlar os outros é acentuada. Quando estão na forma passiva, o que é acentuado é o seu assujeitamento ao processo, sendo afetados pelas ações dos outros. Compare isto com a visão de luta entre as classes das relações no meio industrial, a qual implica num desacordo entre as várias agências, a representação impessoal dos Agentes Sociais pode desumanizá-los, representando-os como elementos de estruturas e processos organizacionais. O extremo oposto disso seria a nomeação.

Este capítulo apresentou as teorias e as categorias com exemplos que serão utilizadas nas análises dos textos retirados dos livros didáticos de ensino de português como segunda língua.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

Neste capítulo, apresento e justifico a metodologia, qualitativa, como já pressupõe a escolha das teorias: LSF e ADC, pois a metodologia qualitativa permite investigar o aspecto social da linguagem. No que se refere aos procedimentos metodológicos, a pesquisa qualitativa explora técnicas de observação com as quais se pode investigar campos da atividade humana.

Ressalta-se a pesquisa qualitativa como a “forma de pesquisa potencialmente crítica” (RESENDE, 2009) e a proposta desta pesquisa é justamente um olhar crítico sobre os livros de português como segunda língua.

Para o delineamento de uma pesquisa qualitativa, é possível realizar uma agenda de trabalho que garanta o recorte da pesquisa, definida, neste trabalho, em forma de etapas metodológicas, as quais se referem às fases que uma pesquisa qualitativa deve seguir (TAYLOR e BOGDAM, 1998 *apud* FERRAZ, 2008).

- ✓ Etapa 1 – Identificação do (possível) problema: representações não autênticas do povo brasileiro em livros de português como L2;
- ✓ Etapa 2 – Estudos teóricos: Sistema da Transitividade com foco nos participantes, Teoria dos Atores Sociais e Teoria dos Agentes Sociais;
- ✓ Etapa 3 – Coleta de dados da seleção dos livros didáticos de ensino de português como segunda língua e, posteriormente, seleção dos textos em cada livro escolhido;
- ✓ Etapa 4 – Análise de dados: aplicação das categorias da metafunção ideacional (Sistema da Transitividade), das categorias dos Atores Sociais e dos Agentes Sociais;
- ✓ Etapa 5 – Possíveis respostas: proposta de desenvolvimento de materiais didáticos com foco na realidade do povo brasileiro.

A delimitação do objeto de pesquisa iniciou-se com uma preocupação que teve início durante a graduação em PBSL, em minha participação em aulas de português para falantes de espanhol no PEPPFOL, como já citado anteriormente.

Em relação à segunda etapa, os estudos teóricos são fundamentados na LSF, focando no Sistema da Transitividade, na Teoria dos Atores Sociais, de van Leeuwen e na ADC, com foco na Teoria dos Agentes Sociais, além de conhecimentos

da área de PBSL. Tanto na ADC quanto na LSF, a análise textual é realizada considerando o texto multifuncional. Na LSF, são apresentadas as três metafunções: ideacional, interpessoal e textual e na ADC são apresentados três significados: acional, representacional e identificacional. Devido ao caráter da pesquisa, que se refere à representação do povo e da cultura brasileira, foi feito um recorte, optando-se por analisar os textos no nível da metafunção ideacional da categoria proposta por Halliday (1994), por esta categoria se tratar da representação do mundo. Após a etapa de análise das categorias da metafunção ideacional, a categoria Participante se destacou por trazer a maioria dos Atores Sociais que são foco desta pesquisa, mostrando relevância em relação aos Atores Sociais presentes nos textos. Dessa forma, foi necessário trazer para a pesquisa a teoria de representação dos Atores Sociais, de van Leeuwen, uma teoria que tem uma estreita relação com os Participantes da proposta de Halliday, como já evidenciado no capítulo teórico. Por fim, relacionamos os Participantes de Halliday e os Atores Sociais de van Leeuwen aos Agentes Sociais propostos por Fairclough ao tratar dos eventos sociais no discurso.

A escolha das categorias a serem utilizadas para a análise de um texto não pode ser feita a priori, mas sim uma consequência do próprio texto e das questões de pesquisa. A seguir apresento as categorias analíticas da representação dos eventos sociais (VAN LEEUWEN, 1996, 2008) e da ADC (FAIRCLOUGH, 2003) utilizadas para análise da representação dos Atores Sociais.

REPRESENTAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS – VAN LEEUWEN

Exclusão: { supressão (não deixa vestígios)
Encobrimento (atividade incluída, alguns ou todos os atores são excluídos, coloca atores sociais em segundo plano)

Inclusão:

{ Ativação (participação, circunstancialização, nominalização, possessivação, adjuntos adnomin)
Passivação { sujeição (participação, circunstancialização, possessivação)
beneficiação

{ participação
circunstancialização
possessivação

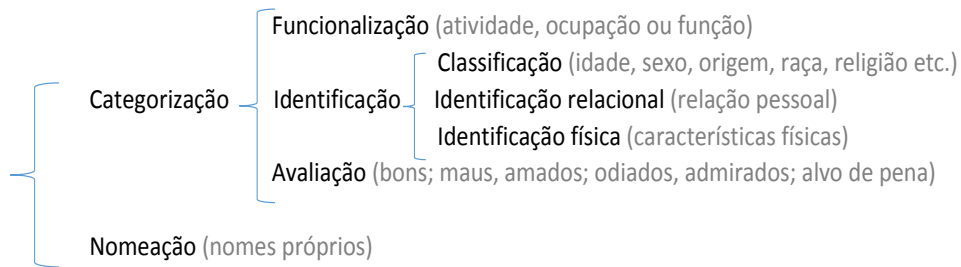
{ personalização
impersonalização } { genericização
especificação } { individualização (singularização)
assimilação } { coletivização
agregação

(pluralidade, atores como grupos) ←

Personalização (representação como seres humanos)

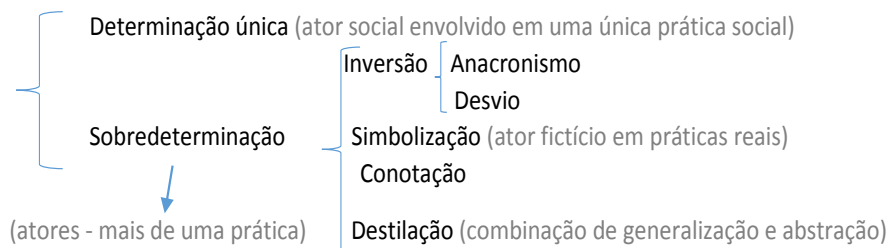
a) Determinação (a identidade dos atores é especificada)

- Associação (or. possessivas, atributivas (ter e pertencer), parataxe, circumst. de acompanhamento)
- Dissociação (associação desfeita)
- Diferenciação (eu x ..., nós e eles)
- Indiferenciação

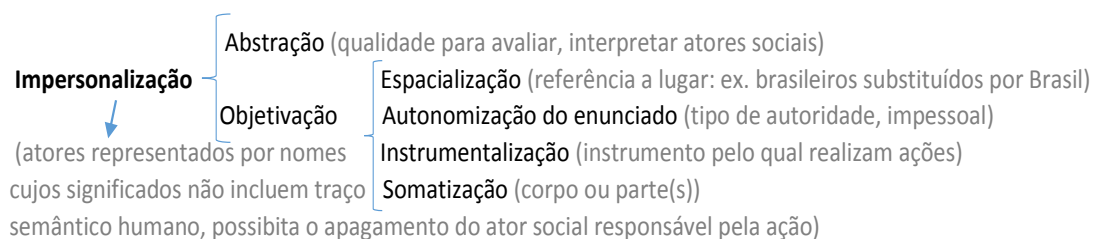


- Formalização (nome, com ou sem honoríficos)
- Semi-formalização (nome e sobrenome)
- Informalização (nome apenas)

- Titulação
 - Honorificação (títulos, cargos)
 - Afiliação (relação pessoal ou parentesco)
- Destilação (destitulation)



b) Indeterminação (indivíduos, grupos não especificados e anônimos, pronomes indefinidos)



REPRESENTAÇÃO DOS AGENTES SOCIAIS – FAIRCLOUGH

Exclusão

agente suprimido - não há nenhuma menção no texto.

agente relegado ao segundo plano - há menção em algum lugar no texto e, em outros, o agente pode ser inferido.

Inclusão

Pronome ou substantivo (O agente social pode estar sob a forma de um pronome ou de um substantivo)

Função gramatical (o agente social pode ser um participante na frase (como ATOR ou AFETADO), descrito em uma circunstância (como na frase Ela caminhou em direção a João) ou um substantivo possessivo ou um pronome (Amigo de Laura, nosso amigo))

Ativo ou passivo (O agente social é o ator nos processos (ativo), é afetado ou se beneficia (passivo))

Pessoal ou impessoal (Os agentes sociais podem ser representados pessoal ou impessoalmente, por exemplo, quando nos referimos à policia como “imundície”, estamos a impersonalizando)

Nomeado ou classificado (Os agentes sociais podem ser representados pelo nome, por exemplo, Fred Smith”, ou de acordo com categorias, sing ou plural (ex. médico ou médicos).

Específico ou genérico (Os agentes sociais podem ser classificados de forma específica ou genérica. Por exemplo, o termo “os médicos” pode se referir a um grupo específico de médicos (aqueles que trabalham em um certo hospital) ou a classe de médicos em geral, ou seja, todos os médicos (os médicos se veem como boas pessoas).

A terceira etapa, coleta de dados, é descrita no próximo tópico. A etapa de análise de dados, quarta etapa, trata da aplicação das categorias propostas pelas teorias selecionadas, que foram selecionadas com base nos dados, conforme explicitarei mais adiante. Na quinta etapa, apresento proposta de desenvolvimento de materiais didáticos com foco na realidade do povo brasileiro, buscando contribuir para melhor qualidade no ensino, não deixando de dar a devida importância ao papel do professor em sala de aula e não só do livro didático.

3.1 O delineamento da pesquisa: coleta de dados

De acordo com Bauer e Gaskell (2002), “a escolha qualitativa ou quantitativa é primariamente uma escolha sobre a geração de dados e os métodos de análise, e só secundariamente uma escolha sobre os interesses da pesquisa ou de interesses do conhecimento”. Habermas (1987) afirma que a pesquisa social qualitativa é uma forma de pesquisa mais crítica e potencialmente emancipatória. Uma pesquisa crítica deve explicar os fenômenos sob investigação de forma a desafiar pressupostos até o momento aceitos acriticamente. A própria natureza da LSF e da ADC requer um recorte qualitativo.

Segundo Bauer e Aarts (2002), para os linguistas, a primeira lição para a seleção qualitativa é proceder por etapas: selecionar, analisar, selecionar de novo, o que é interessante por ser possível ampliar o *corpus* durante a pesquisa.

Pereira (2013) afirma que investigações acerca do contexto formal de ensino e aprendizagem de LE evidenciam que o livro didático é um importante, senão o mais importante, instrumento de trabalho utilizado como recurso na transmissão de conhecimentos e cujo alcance na formação de aprendizes vai além do conteúdo programático transmitido, ou seja, vai além da simples aprendizagem de língua.

A área de PBSL é uma área de ensino recente e conta, por esse motivo, com poucos livros para esse fim. Foi realizada uma pesquisa em livrarias especializadas, de modo que à época, em novembro de 2012, os livros disponíveis no mercado eram:

- **Falar... Ler... Escrever... Português: um curso para estrangeiros**, de Lima, E. & Iunes (1999)

Característica: livro para estrangeiros, aprendizes do português, do nível iniciante e intermediário.

- **Português via Brasil: um curso avançado para estrangeiros**, de Lima, E. & Iunes (2005)

Característica: livro para estrangeiros, aprendizes do português, do nível avançado.

- **Avenida Brasil**, de Lima, E. ET AL (1991)

Característica: livro para estrangeiros aprendizes do português dos níveis iniciante e intermediário.

- **Diálogo Brasil**, de Lima, Iunes e Leite (2003)

Características: aprendizes dos níveis iniciante, intermediário e avançado.

- **Tudo bem?: Português para a nova geração**, de Ponce, Burim e Florissi (2005)

Características: livro para aprendizes do nível avançado.

- **Bem Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação**, das autoras Maria Harumi de Ponce, Silvia Andrade Burim e Susanna Florissi (2011).

Características: o livro contém três versões, que são Básico, Intermediário e Avançado.

Uma análise prévia foi realizada em todos os livros, no sentido de identificar quantos textos poderiam ser considerados de circulação fora do âmbito de ensino de PSL (textos com citação de fontes de jornais, revistas etc.) e quantos textos eram criados para inclusão nos livros didáticos pelos respectivos autores. Essa análise contou também com uma observação das imagens contidas nos livros, embora, posteriormente, a análise de imagens não tenha sido incorporada ao trabalho. Essa análise possibilitou a escolha de textos das duas categorias, ou seja, nesta pesquisa foram incluídos textos de circulação fora do âmbito de ensino de PSL (textos com citação de fontes de jornais, revistas etc.) e textos criados para inclusão nos livros didáticos pelos autores.

Essa análise preliminar motivou a escolha de dois livros para análise dos textos: Livro **Bem Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação** e **Tudo bem? Português para a nova geração**, por possuírem quantidade expressiva de diferentes gêneros textuais. Para efeito do levantamento dos gêneros nos livros didáticos de PSL, considero **gênero textual** os textos materializados em situações comunicativas recorrentes, ou seja, os textos concretizados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Dessa maneira, pode-se afirmar que os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas. O levantamento relativo aos gêneros textuais em cada livro apresentou:

- **Tudo bem? Português para a nova geração**, vol. 1: diálogos, canção, textos descritivos, artigo, trecho de texto literário, texto narrativo, reportagens, texto informativo, piadas, texto narrativo, fábula, lista, panfletos, charadas populares.

- **Bem Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação:** cartão de visita, entrevista, diálogo, e-mail, cartão de visita, bilhete, agenda, cheque, letra de música, manchete, cartão postal, artigo, receita, biografia, hino nacional, discurso, artigo, anúncio, proposta de seguro, entrevista, palestra, carta, receita, documentos, como recibo, IPTU, pág. 150, extrato de cartão, conta de luz.

Além disso, a escolha dos livros foi motivada pelas datas de publicação: o livro **Tudo bem? Português para a nova geração foi publicado** em 2008 e o livro **Bem Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação**, em 2011, isto é, uma diferença de três anos um do outro. Uma análise preliminar por meio do sistema da transitividade permitiu concluir que os textos relevantes para esta pesquisa seriam os que tivessem temas relacionados ao povo brasileiro e aos seus costumes, crenças, folclore e que gêneros como artigo, reportagens, textos dissertativos eram mais representativos para esta pesquisa, optando-se por não analisar diálogos, embora todo texto represente aspectos do mundo. Assim, para essa escolha, considerou-se a premissa da importância do contexto para a linguística sistêmico-funcional e para a análise funcional do discurso.

Pesquisas sobre livros didáticos de PBSL, em geral, têm se voltado muito mais para questões formais e/ou de abordagens utilizadas, se comunicativas ou interacionistas, e muito pouco para as questões discursivas do livro (MARIN, 2008). Por esse motivo, desde o início, a intenção era fazer um trabalho de cunho qualitativo, embora, durante as descrições e análises, tenham sido utilizados alguns dados quantitativos, o que, segundo Bauer e Gaskell (2002), não descaracteriza o caráter qualitativo desta pesquisa, pois não há quantificação sem qualificação, uma vez que as atividades sociais devem ser distinguidas antes de atribuir qualquer frequência ou percentual.

3.2 A natureza da pesquisa qualitativa

O *corpus* para esta pesquisa foi selecionado por meio de coleta de documentos. Bauer e Gaskell (2002) definem dois modos de dados sociais, isto é, dados sobre o mundo social, que são construídos nos processos de comunicação, a saber:

comunicação informal e comunicação formal e três meios: textos, imagens e sons. No caso da pesquisa em questão, por se tratar de livros didáticos, são textos oriundos de jornais e revistas ou produzidos pelos autores para o livro, o que ainda configura um contexto formal de uso, de acordo com a distinção proposta a seguir.

Modos e meios

Meio-modo	Informal	Formal
Texto	Entrevistas	Jornais Programas de rádio
Imagem	Desenho de crianças Rabiscos feitos ao telefonar	Quadros Fotografias
Sons	Cantos espontâneos Cenários sonoros	Escritos musicais Ruídos sonoros
Relatos “distorcidos” “falsos” ou “encenados”	Ruídos estratégicos	Afirmações falsas sobre uma representação

Bauer e Gaskell (2002).

A comunicação formal é uma competência que exige um conhecimento especializado. Segundo Bauer e Gaskell (2002), o fato de o pesquisador usar os produtos resultantes, como um artigo de jornal, não influencia o ato de comunicação, o que pode ocorrer, no entanto, é que os comunicadores podem dizer que representam um grupo social e, na realidade, não representar. “O cientista social deve reconhecer essas falsas pretensões de representação”, afirmam os autores.

No plano metodológico, afirma Cellard (2008), a análise documental apresenta algumas vantagens significativas, pois elimina em parte a eventualidade de qualquer influência do pesquisador sobre o sujeito. O pesquisador que trabalha com documentos, deve, em primeiro lugar, localizar os textos pertinentes e avaliar a sua credibilidade e a sua representatividade, sendo este justamente o foco desta pesquisa quando proponho como questão de pesquisa:

- 1 Como a cultura e o povo brasileiro são representados nesses livros?
- 2 Que imagem do povo e da cultura brasileira essas representações apresentam?

De acordo com Bauer e Gaskell (2002), os dados formais podem reconstruir as maneiras pelas quais a realidade social é representada por um grupo social. Assim, um livro didático de PBSL representa o Brasil para um grupo de pessoas.

Em relação à abordagem teórico-metodológica, um aspecto relevante é a incorporação de categorias linguísticas na análise. Propõe-se, portanto, estabelecer uma correspondência entre os Participantes da LSF de Halliday, os Atores Sociais de van Leeuwen e os Agentes Sociais de Fairclough, estreitando as relações entre LSF e ADC. Como aponta Wodak (2003 *apud* RESENDE, 2006), o que caracteriza a relação interdisciplinar é que o analista do discurso, ao se apropriar da LSF, não se limite à aplicação de conceitos e categorias, mas operacionalize a teoria de acordo com os princípios da ADC. Para Chouliaraki & Fairclough (1999), “a ADC com a qual trabalhamos tem muito a ganhar com o estreitamento de sua relação, ainda limitada, com a LSF”. Os autores afirmam que as relações entre a ADC e a LSF ainda são limitadas, ainda que a ADC tenha como base a LSF. Para esta pesquisa, que começou com a análise por meio da LSF, a incorporação da ADC proporcionou resultados mais consistentes.

De acordo com Fairclough (2003), discursos são “modos de representar aspectos do mundo – os processos, relações e estruturas do mundo material, o ‘mundo mental’ dos pensamentos, sentimentos, crenças, e assim por diante, e o mundo social”. Aspectos particulares do mundo devem ser representados diferentemente. Diferentes discursos são diferentes perspectivas do mundo, e elas estão associadas às diferentes relações que as pessoas têm com o mundo, que, por seu turno, dependem de suas posições no mundo, suas identidades sociais e pessoais, e das relações sociais com outras pessoas. Discursos não apenas representam o mundo como ele é (ou melhor, como ele é visto), eles são também projetivos, imaginários, representando mundos possíveis que são diferentes do mundo real, e inseridos em projetos de mudar o mundo em direções particulares. As relações entre discursos diferentes são um elemento das relações entre pessoas diferentes – eles podem complementar-se, competir entre si, um pode dominar o(s) outro(s), e assim por diante. Discursos constituem parte dos recursos com que as pessoas se posicionam no relacionamento umas com as outras – mantendo-se separadas, cooperando, competindo, dominando – e na tentativa de mudar os rumos pelos quais elas se relacionam.

Em qualquer texto, nós provavelmente encontraremos muitas diferentes representações de aspectos do mundo, mas nós não podemos chamar cada representação um discurso separado. Discursos transcendem tais representações concretas e locais nos moldes que sugeri, e também porque um discurso particular pode, por assim dizer, produzir muitas representações específicas.

Mas discursos diferem no grau de repetição, de estabilidade ao longo do tempo, e naquilo que poderíamos chamar sua “escala”, isto é, quanto do mundo eles incluem, e, conseqüentemente, na variedade de representações que eles produzem.

Como vamos identificar diferentes discursos em um texto? Podemos pensar de um discurso como (a) representando alguma parte em especial do mundo, e (b) representando-a de uma perspectiva particular. Respectivamente, na análise textual, pode-se:

- Identificar as principais partes do mundo (incluindo áreas da vida social) que estão representadas – os “temas” principais.
- Identificar a perspectiva, o ângulo ou o ponto de vista particular do qual eles são representados.

Para Fairclough (2003), a identificação é um processo complexo. Parte dessa complexidade provém do fato de a distinção precisar ser traçada entre os aspectos pessoais e sociais da identidade – identidade social e personalidade. A identidade não pode ser reduzida à identidade social, que parte significa que a identificação não é um processo puramente textual, não somente uma questão de língua. A recente teoria pós-estruturalista e pós-moderna associou intimamente identidade com discurso, e identidade (ou “tema”) é frequentemente referido como sendo um efeito do discurso, construído no discurso. Tem alguma verdade nisso, mas somente alguma. É parte problemática porque as pessoas não são somente pré-posicionadas em como participam nos eventos sociais e textos, elas são também Agentes Sociais que fazem coisas, criam coisas, mudam coisas.

Neste capítulo apresentei e justifiquei a metodologia utilizada nesta pesquisa, mostrando as etapas: identificação do possível problema, escolha do *corpus*, estudos teóricos, categorias utilizadas para análise dos Atores e Agentes Sociais, enfatizando a importância da análise de discurso crítica (FAIRCLOUGH, 2003) para o entendimento dos modos de representar o mundo.

No capítulo seguinte, o foco são as descrições, as análises e resultados evidenciados com a pesquisa.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISES, DESCRIÇÃO E RESULTADOS

Este capítulo envolve um estudo crítico de natureza linguístico-discursiva a partir de textos cujo tema relaciona-se ao povo brasileiro e à cultura brasileira dos dois livros de ensino de português para estrangeiros selecionados para esta pesquisa.

4.1 Livro Bem Vindo! a língua portuguesa no mundo da comunicação

No livro **Bem vindo! a língua portuguesa no mundo da comunicação** foram escolhidos seis textos para análise. A escolha dos textos, como mencionado anteriormente, foi feita com base no tema relacionado à cultura e ao povo brasileiro. A análise dos processos e participantes foi feita com base no sistema da transitividade de Halliday, os Atores Sociais foram analisados a partir da teoria proposta por Van Leeuwen e os Agentes Sociais, pela proposta de Fairclough.

A seguir serão apresentadas as análises por oração – na primeira linha apresento a análise da transitividade, na segunda, a análise dos Atores Sociais e na terceira, a análise dos Agentes Sociais – seguidas de descrição apenas das orações que possuem Ator/ Agente Social. Após cada texto, é apresentada uma análise do sistema da transitividade, dos Atores Sociais e dos Agentes Sociais presentes no texto.

4.1.1 Texto 1 - O país e o idioma

Esta imensidão cercada pelo Oceano Atlântico, pelas Guianas, pelo Suriname, pela Venezuela, pela Colômbia, pelo Peru, pela Bolívia, pelo Paraguai, pela Argentina e pelo Uruguai tem um nome imponente: REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.

Esta imensidão	cercada pelo Oceano Atlântico, pelas Guianas, pelo Suriname, pela Venezuela, pela Colômbia, pelo Peru, pela Bolívia, pelo Paraguai, pela Argentina e pelo Uruguai	Tem	um nome imponente: REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
Possuidor	Circunstância de localização	processo relacional atributivo possessivo	Possuído
Ator Social impersonalização			
Agente Social impessoal			

Nessa oração, o participante é o possuído do processo relacional no sistema da transitividade, que se apresenta de forma impersonalizada na representação dos Atores Sociais de van Leeuwen e na ADC de Fairclough.

É um país bom para nós, brasileiros, e para todos que nos visitam ou que mudam para cá.

É	um país bom	para nós, brasileiros, e para todos que nos visitam ou que mudam para cá
processo relacional atributivo intensivo	Atributo	Circunstância de causa
Ator Social (nós, brasileiros) categorização – identificação – classificação – indiferenciação (todos)		
Agente Social pronome e substantivo – circunstância – beneficiário (não tem agência) – genérico – classificado		

O ator/ Agente Social também pode aparecer, dentro do sistema da transitividade, nas circunstâncias. “Nós, brasileiros” é um Ator Social identificado em termos de categoria, mais especificamente, classificado por indiferenciação, já que se refere a todos os brasileiros, inclusive o autor do texto. Como Agente Social, é pronome “nós” e substantivo “brasileiros”, sendo beneficiário, genérico e classificado.

Nós não temos guerras nem grandes catástrofes naturais.

Nós	Não	Temos	guerras nem grandes catástrofes naturais
Possuidor		processo relacional atributivo possessivo	Possuído
Ator Social (nós) personalização			
Agente Social pronome – genérico (não tem agência)			

O participante é um possuidor no sistema da transitividade, é um Ator Social caracterizado por personalização e, como Agente Social, é um pronome genérico, sendo mas se observa, por meio do contexto, que se refere aos brasileiros.

Muitos de nós, contudo, passam por muitas dificuldades financeiras,

Muitos de nós, contudo,	Passam	por muitas dificuldades financeiras, mas é da nossa gente enfrentá-las sempre com otimismo e alegria
Ator	processo material	Meta
Ator Social (nós) personalização		
Agente Social (nós) pronome – genérico		

Nessa oração, o participante é ator de processo material no sistema da transitividade, é um Ator Social caracterizado por personalização e, como Agente Social, é um pronome genérico.

mas é da nossa gente enfrentá-las sempre com otimismo e alegria

mas é da nossa gente	enfrentá-las	sempre com otimismo e alegria
----------------------	--------------	-------------------------------

Portador	processo relacional atributivo intensivo	Atributo
Ator Social (nossa gente) possessivação		
(nossa gente) genérico – pronome, substantivo – ativo (enfrentar)		

O participante “nossa gente” é portador de um processo relacional, um Ator Social caracterizado por possessivação e um Agente Social genérico e ativo, que enfrenta as dificuldades.

O Brasil é dividido em 5 regiões

O Brasil	É	dividido em 5 regiões
Portador	processo relacional atributivo intensivo	Atributo

E cada qual é conhecida dentro e fora do país por algumas características bem marcantes

e cada qual	É	conhecida dentro e fora do país por algumas características bem marcantes
Portador	processo relacional atributivo	Atributo

O Norte abrange a Amazônia, com seu grande rio, afluentes, sua linda e rica floresta, seus índios, seus botos-cor-de-rosa e demais lendas

O Norte	Abrange	a Amazônia,	com seu grande rio, afluentes, sua linda e rica floresta, seus índios, seus botos-cor-de-rosa e demais lendas
Ator	processo material transformativo	Meta	Circunstância de acompanhamento
Ator Social (índios) passivação – categorização – identificação – classificação			
Agente Social substantivo – classificado – específico			

O participante “índios” faz parte da circunstância dentro do sistema da transitividade. Como Ator Social, é caracterizado pela passivação, além disso, enquadra-se nas categorização, do tipo identificação por classificação, isto é, trata-se de substantivo que expressa categoria que se refere à etnia. Como Agente Social, é um substantivo classificado, ou seja, é representado por categoria, e específico, pois se trata de um grupo específico de índios, os da Amazônia.

É num estado Nordestino que se fala o português mais correto do Brasil: no Maranhão.

É num estado Nordestino que se fala o português mais correto do Brasil: no Maranhão.
Processo verbal

Na Região Sudeste está uma das cidades mais conhecidas do mundo, verdadeiro cartão-postal do Brasil: o Rio de Janeiro, com sua belíssima vista, a estátua do Cristo Redentor e... suas mulheres bonitas

Na Região Sudeste	Está	uma das cidades mais conhecidas do mundo, verdadeiro cartão-postal do Brasil: o Rio de Janeiro, com sua belíssima vista, a estátua do Cristo Redentor e... suas mulheres bonitas
Circunstância de localização	processo relacional atributivo	Atributo

	circunstancial	
Ator Social (mulheres) passivação – circunstancialização – categorização – identificação – classificação		
Agente Social substantivo – circunstância (junto às atrações turísticas) – genérico		

Nessa oração, “Mulheres” faz parte do atributo do processo relacional “estar”– sistema da transitividade. Como Ator Social, caracteriza-se pela passivação, além disso, enquadra-se na categorização, do tipo identificação por classificação, isto é, trata-se de substantivo que expressa categoria que se refere à etnia. Como Agente Social, é um substantivo classificado, ou seja, é representado por categoria, e específico, pois se trata de um grupo específico de índios, os da Amazônia.

A capital do país, Brasília, se situa no Distrito Federal que está no Centro-Oeste

A capital do país, Brasília,	se situa	no Distrito Federal que está no Centro-Oeste
Portador	processo relacional atributivo circunstancial	Circunstância de localização

Já boa parte dos imigrantes italianos, japoneses e alemães optou por habitar na Região Sul, onde provavelmente o clima se aproxima mais ao das suas terras de origem

Já boa parte dos imigrantes italianos, japoneses e alemães	optou por habitar	na Região Sul,	onde provavelmente o clima se aproxima mais ao das suas terras de origem
Ator	Processo material transformativo	Meta	Circunstância de localização
Ator Social (imigrantes italianos, japoneses e alemães) ativação – participação – categorização – identificação – classificação			
Agente Social classificado – específico			

“Imigrantes italianos, japoneses e alemães” são atores do processo material “habitar” no sistema da transitividade. Como Ator Social, caracteriza-se pela ativação, visto que são atores, e ainda, enquadra-se na categorização, do tipo identificação por classificação. Como Agente Social, são substantivos classificados, ou seja, representados por categorias, e específico, pois se trata de um grupo específico de pessoas, imigrantes que decidiram habitar a Região Sul.

Um grande elo de união do nosso povo é que em todas as regiões do Brasil fala-se português!

Um grande elo de união do nosso povo	É	que em todas as regiões do Brasil fala-se português!
Portador	Processo relacional identificativo	Atributo
Ator Social (nosso povo) sujeição – possessivação – determinação (identificação relacional*)		
Agente Social substantivo possessivo* classificado – genérico		

Nessa oração, o participante “nosso povo” é portador do processo relacional “ser”– sistema da transitividade. Como Ator Social, caracteriza-se pela

sujeição, possessivação e determinação. Como Agente Social, é um substantivo classificado, ou seja, é representado por categoria, e genérico, pois se trata de um grupo genérico de pessoas.

Esse texto propõe-se a caracterizar o Brasil e a definir o povo brasileiro, apresentando os tipos regionais. Revela a caracterização e identificação do povo brasileiro e do Brasil não apenas por meio dos processos relacionais, como, por exemplo: “É um país bom para nós, brasileiros...”, mas também por meio de processos materiais (o que os brasileiros fazem?): “Muitos de nós, contudo, passam por muitas dificuldades financeiras” e como falam: “É num estado Nordestino que se fala o português mais correto do Brasil: no Maranhão”.

Nesse texto, predominam as orações relacionais, que contabilizam 66,7% dos processos, nas quais se ressaltam atributos como “um país bom”, e, ao tratar de cada região especificamente, tem-se o Norte com “seu rio”, “sua linda e rica floresta”, “seus índios”, “seus botos-cor-de-rosa e demais lendas” o Rio de Janeiro “com sua belíssima vista, a estátua do Cristo Redentor e... suas mulheres bonitas” – estabelecendo uma relação de igualdade entre uma ‘belíssima vista’, ‘a estátua’ e ‘as mulheres’, como se estas, talvez, fizessem parte da paisagem turística brasileira.

Embora essa publicação seja do ano de 2011, no texto afirma-se que existe “um português mais correto no Brasil”, reproduzindo uma visão estigmatizada de que há a forma correta de se falar e as demais são erradas. De acordo com Castilho, a língua está sujeita à variação de uso, que deve ser examinada em suas correlações com fatores linguísticos e extralinguísticos, portanto seria mais interessante mostrar a variação, mas sem nomear uma forma como correta, pois o uso adequado da língua depende do contexto.

Os elementos dos eventos sociais representados, em sua maioria estão em duas categorias, processos que tem a função de identificar (como ter e ser), com atributos e qualidades (nome imponente, país bom, grande rio, linda e rica floresta) e participantes (nós, o Brasil, o Norte, Brasília), e processos que são formas de ação (abranger, habitar) bem como objetos dessas formas de ação (Amazônia, região Sul). Nesse texto, tem mais significância as formas de identificação de *nós*, os brasileiros: esse pequeno texto representa uma série de relatos de identidade e descrição de participantes. As pessoas são incluídas genericamente (nós, brasileiros, mulheres bonitas, índios). Com relação aos participantes, temos sujeitos (pacientes), os ‘índios’,

os ‘brasileiros’, as ‘mulheres’ e agentes, ‘nós’. Há menção a lugar ‘Amazônia, Norte, Região Sudeste, Brasília, Rio de Janeiro’, e há poucas circunstâncias.

Com relação aos Atores Sociais presentes no texto, ressaltam-se dois atores principais: o Brasil e os brasileiros, além disso, os autores se incluem como Atores Sociais: “nós, brasileiros”. Em relação ao Ator Social “brasileiros”, destacam-se atributos como “otimismo”, “alegria” e o Ator Social “Brasil” é mostrado como tendo “um nome imponente”, “um país bom”.

Nesse texto, as principais representações de Atores Sociais são feitas por meio de espacialização, como “Brasil”; generalização, como, por exemplo, “brasileiros”; associação de “imigrantes italianos, japoneses e alemães”, e categorização de “nosso povo” em termos de identidade que compartilham: “em todas as regiões do Brasil fala-se português”.

A caracterização de cada estado e de Brasília mostra-se de certa forma reprodutora de estereótipos, especialmente no que se trata da Amazônia, ao falar apenas da floresta e dos índios e do Rio de Janeiro ao destacar as “mulheres bonitas”.

Os principais Agentes Sociais incluídos no texto são nós, os brasileiros, os índios, as mulheres e os imigrantes, bem como Brasil, no caso representando o povo. Alguns Agentes Sociais são participantes sob a forma de pronome (por exemplo, “Nós não temos guerras nem catástrofes”), porém a maioria é afetado ou se beneficia (passivo), como em “É um país bom para nós, brasileiros”. “Índios” e “mulheres” também são representados na forma passiva, por exemplo: “*O Norte abrange a Amazônia, com seu grande rio, afluentes, sua linda e rica floresta, seus índios, seus botos-cor-de-rosa e demais lendas*”. Os Agentes Sociais ora estão em forma de pronome ora de substantivo, não havendo, nesse texto, nenhum nomeado; são classificados, fazendo referência a grupos quando existe uma classificação e a referência é genérica.

4.1.2 Texto 2 - Quem somos, afinal?

Quem somos, afinal? (1)

Uma fusão de e cultura que já dura meio milênio deu aos brasileiros traços e personalidades próprios

Uma fusão de e culturas	que já dura meio milênio	Deu	aos brasileiros	traços e personalidades próprios
Ator	Circunstância de extensão	processo material	Meta	

Ator Social (brasileiros) personalização – determinação – categorização – identificação – classificação
Agente Social pronome – passivo - classificado – genérico

Nessa oração, o processo é material e o participante Meta é também o agente e Ator Social, cujas características incluem: ser caracterizado por classificação, passivo e genérico.

Mas basta olhar mais de perto [nós] perdemos com as raízes de nossa formação

Mas basta	olhar	mais de perto	[nós]	Perdemos	com as raízes de nossa formação
	Processo mental	Circunstância de modo	Ator	processo material	Meta
Ator Social (nós) personalização					
Agente Social (nós) pronome – genérico					

Essa oração material é marcada por um participante Ator subtendido pelo processo, que traz em si a marca de segunda pessoa, plural. Como ator e Agente Social é personalizado e um pronome genérico.

Algumas das cabeças mais brilhantes do Brasil, de Gilberto Freyre a Darcy Ribeiro, gastaram tentando resolver a questão “o que é ser brasileiro?” e não chegaram a nenhuma resposta definitiva

Algumas das cabeças mais brilhantes do Brasil, de Gilberto Freyre a Darcy Ribeiro,	Gastaram	tentando resolver a questão “o que é ser brasileiro?”	e não chegaram	a nenhuma resposta definitiva
Ator	Processo material	Meta	Processo material	Meta
Ator Social (Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro) personalização – determinação – nomeação				
Agente Social substantivo ativo – nomeado – específico				

Essa oração traz dois participantes como Atores do processo material, eles podem ser classificados como ator e Agente Social nomeado, portanto, específico.

De algumas coisas, porém, temos noções suficientes para darmos palpites: somos um povo ainda em formação,

De algumas coisas, porém, [nós]	Temos	noções suficientes para darmos palpites:	[nós]	Somos	um povo ainda em formação,
Experienciador	Processo mental cognitivo	Fenômeno	Portador	Processo relacional atributivo	Atributo
Ator Social (nós) personalização (povo) personalização – indeterminação					
Agente Social (nós) pronome, genérico (povo) substantivo – passivo – genérico					

Na primeira oração, temos um processo mental, cujo Experienciador “nós” é humano, devido às características do próprio processo, sendo um Ator Social

personalizado, como Agente Social é genérico. Na segunda oração, temos um processo relacional atributivo, o qual apresenta como Atributo para “nós” sermos “um povo ainda em formação”. Este ator/ Agente Social também é personalizado, mas é indeterminado, passivo e genérico.

que junta num vasto território e culturas distintas, numa imensa massa humana que já chega a 160 milhões de pessoas

que junta	num vasto território	raças e culturas distintas,	numa imensa massa humana que já	chega	a 160 milhões de pessoas
Processo material	Circunstância de localização	Meta	Ator	Processo material	Meta
Ator Social (pessoas) personalização – indeterminação					
Agente Social substantivo – passivo – genérico					

Esse processo material apresenta como Meta um ator/ Agente Social marcado pela indeterminação, passivo e genérico.

– e que (nós) costumamos chamar de povo brasileiro.

– e que (nós)	costumamos chamar	de povo brasileiro.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (nós) personalização (povo brasileiro) personalização – determinação – classificação		
Agente Social (nós) pronome, genérico (povo) substantivo – passivo - classificado - específico		

Nessa oração, tanto o Ator quanto a Meta apresentam Atores Sociais. Enquanto “nós” é agente, personalizado e genérico, “povo brasileiro” é classificado, passivo e mais específico.

O brasileiro é isso: o resultado de uma mistura que, mesmo submetida a vários contrastes históricos e geográficos, manteve-se unida.

O brasileiro	É	isso: o resultado de uma mistura que, mesmo submetida a vários contrastes históricos e geográficos, manteve-se unida.
Atribuído	processo relacional identificativo	Atributo
Ator Social (brasileiro) personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado		

Nessa oração, que apresenta um processo relacional identificativo, o Ator Social é o Atribuído, ou seja, ele é identificado a partir de algumas características. Como ator e Agente Social, é determinado e classificado.

E não só por causa da língua portuguesa que todos entendem,

E não só por causa da língua portuguesa que todos	entendem,
Experienciador	Processo mental cognitivo
Ator Social (todos) personalização – indeterminação	
Agente Social substantivo – genérico	

Nessa oração mental, o ator/ Agente Social é o Experienciador, que é personalizado, indeterminado, além de ser um substantivo genérico.

pois nossos vizinhos hispano-americanos acabaramse fragmentandoem vários países

pois nossos vizinhos hispano-americanos	Acabaram	se fragmentando	em vários países
Ator	processo material	Escopo-processo	Meta
Ator Social (hispano-americanos) personalização – determinação – classificação			
Agente Social substantivo – classificado – genérico			

A oração apresenta um processo material, cujo Ator é também o ator/ Agente Social, as categorias que o representam como Ator Social são personalização por determinação do tipo classificação e com Agente Social é classificado e genérico.

O que temos no Brasil é por falta de termos mais apropriado, uma alma comum.

O que temos no Brasil	é,	por falta de termos mais apropriado, uma alma comum.
Atribuído	processo relacional atributivo	Atributo
Ator Social (Brasil) sentido de brasileiros - impersonalização – Objetivação		
Agente Social substantivo – impessoal (refere-se aos brasileiros como Brasil)		

Nessa oração, que apresenta um processo relacional, o Atribuído do processo é o ator/ Agente Social, as categorias que o representam como Ator Social são impersonalização por Objetivação, pois relaciona-se ao local ao qual estão associados, e como Agente Social é impessoal.

Mas de onde vem essa alma?

Mas de onde vem	essa alma?
Processo material	Meta

“Dos nossos índios”, arriscao sociólogo Roberto Gambini,

“Dos nossos índios”,	Arrisca	o sociólogo Roberto Gambini,
Verbiagem	Processo verbal	Dizente
Ator Social (índios) personalização – determinação – classificação (Roberto Gambini) personalização – determinação – nomeação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico (Roberto Gambini) substantivo – nomeado		

Nessa oração verbal, há dois atores/ agentes, um é o Dizente e o outro faz parte da Verbiagem. O primeiro, “índios”, é representado pelas categorias

personalização por determinação do tipo classificação como Ator Social, e como Agente Social é classificado e genérico. O segundo, “Roberto Gambini”, é nomeado.

apesar da grande influência portuguesa e negra na nossa constituição, os principais traços culturais que distinguem o brasileiro dos outros povos foram herdados dos índios.

apesar da grande influência portuguesa e negra na nossa constituição,	os principais traços culturais que distinguem o brasileiro dos outros povos	foram herdados	dos índios.
Circunstância de concessão	Ator	processo material	Meta
Ator Social (brasileiro) personalização – determinação – classificação (povos) personalização – determinação – classificação (índios) personalização – determinação – classificação			
Agente Social (brasileiro) substantivo – classificado – genérico (povos) substantivo – classificado – genérico (índios) substantivo – classificado – genérico			

Nessa oração material, há dois atores/ agentes, um é o Ator e o outro a Metal no sistema da transitividade. O dois, “brasileiro” e “índios”, são representados pelas categorias personalização por determinação do tipo classificação como Ator Social, e como Agente Social é classificado e genérico.

Nosso espírito brincalhão, por exemplo, que não consegue ver limites muito claros entre o que é trabalho e o que é diversão,

Nosso espírito brincalhão, por exemplo, que não	consegue ver	limites muito claros entre o que é trabalho e o que é diversão,
	Processo mental cognitivo	

pode ser ainda hoje encontrado nas aldeias indígenas espalhadas pelo país”.

[Nosso espírito brincalhão]	pode ser ainda hoje	encontrado	nas aldeias indígenas	espalhadas pelo país”.
Ator	Circunstância de localização	processo material	Meta	Circunstância de localização
Ator Social (índigenas) impersonalização – Objetivação				
Agente Social (índigenas) substantivo – impessoal				

Nessa oração, que apresenta um processo material, a Meta é um ator/ Agente Social, as categorias que o representam como Ator Social são impersonalização por Objetivação, pois relaciona-se ao local ao qual estão associados, e como Agente Social é impessoal.

Segundo essa hipótese, os tipos regionais brasileiros, dos gaúchos do sul aos caboclos do norte, dos caiaças do litoral aos pantaneiros do Mato Grosso, possuem em comum um estrato básico de cultura indígena.

Segundo essa hipótese, os tipos regionais brasileiros, dos gaúchos do sul aos caboclos do norte, dos caiaças do litoral aos pantaneiros do Mato Grosso,	Possuem	em comum um estrato básico de cultura indígena.
Atribuído	processo	Atributo

	relacional atributivo	
Ator Social (gaúcho, caboclo, caipira) personalização – determinação – classificação (cultura indígena) impersonalização – Objetivação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico (cultura indígena) impessoal		

Nessa oração, que apresenta um processo relacional atributivo, o participante Atribuído apresenta alguns atores/ Agentes Sociais, que podem caracterizados, como Atores Sociais, por personalização por determinação do tipo classificação, e como Agentes Sociais é classificado e genérico. No Atributo também há um Ator Social “cultura indígena”, mas este é impersonalizado e objetificado, e um Agente Social impessoal.

Não só aquele facilmente comprovado nos nomes das cidades, nas técnicas de cultivo, nos utensílios ou no folclore de sacis e curupiras,

Não só aquele facilmente	Comprovado	nos nomes das cidades, nas técnicas de cultivo, nos utensílios ou no folclore de sacis e curupiras,
Ator	Processo material	Meta

Essa oração material apresenta dois participantes que apresentam características de atores/ Agentes Sociais, mas que não as classifiquei por serem personagens do folclore brasileiro, um elemento rico de nossa cultura.

mas algo mais profundo que	Moldou	nosso inteiro jeito de ser.
Ator	Processo material	Meta

O caipira

(O caipira) De um modo geral, é quem mora no interior de São Paulo e Minas Gerais, vivendo de cultivar a roça

[O caipira] De um modo geral,	É	quem mora no interior de São Paulo e Minas Gerais, vivendo de cultivar a roça
Portador	processo relacional identificativo	Atributo
Ator Social (caipira) personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Essa oração relacional identificativa caracteriza quem é o ator/ Agente Social “caipira”, um tipo regional comum no Brasil. Nessa oração, ele é classificado pelo lugar no qual vive.

[O caipira] Planta principalmente o milho,

[O caipira]	Planta	principalmente o milho,
Ator	processo material	Meta
Ator Social (caipira) - personalização – determinação – categorização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

do qual fabrica o fubá,

do qual	Fabrica	o fubá,
Ator	processo material	Meta

mas também retira a palha para o chapéu e o cigarro.

mas também retira	a palha para o chapéu e o cigarro.
processo material	Meta

Essas orações materiais também caracterizam quem é o ator/ Agente Social “caipira”. Nelas, ele é classificado pelo que faz, sua ocupação, ou seja, por categorização.

Seus modos rústicos, herdados da convivência com os índios, provocavam desdém quando visitavam a cidade

Seus modos rústicos, herdados da convivência com os índios,	Provocavam	Desdém	quando visitavam a cidade
Ator	processo material	Meta	Circunstância de localização
Ator Social (índios) personalização – determinação – classificação			
Agente Social substantivo – classificado – genérico			

Nessa oração material, o ator/ Agente Social “índios” é o Ator no sistema da transitividade. É representado pelas categorias personalização por determinação do tipo classificação como Ator Social, e como Agente Social é classificado e genérico.

Tem mais de setenta sinônimos, a maior parte deles pejorativos, como jeca, capiau, matuto e pé-duro.

[caipira]	Tem	mais de setenta sinônimos, a maior parte deles pejorativos, como jeca, capiau, matuto e pé-duro.
Possuidor	processo relacional atributivo	Possuído
Ator Social (caipira) - personalização – determinação – classificado		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Essa oração relacional atributiva apresenta o ator/ Agente Social “caipira”, que é o Possuidor no sistema da transitividade. Como ator/ Agente Social é classificado e genérico.

O gaúcho

O tipo gaúcho está diretamente ligado às vastas pastagens dos pampas do Rio Grande do Sul

O tipo gaúcho	está diretamente ligado	às vastas pastagens	dos pampas do Rio Grande do Sul
Portador	processo relacional atributivo	Atributo	Circunstância de localização
Ator Social (gaúcho) personalização – determinação – classificação			
Agente Social substantivo – classificado – genérico			

Essa oração relacional atributiva caracteriza quem é o ator/ Agente Social “gaúcho”, um tipo regional comum no Brasil. Nessa oração, ele é classificado pelo lugar no qual vive.

Solitário e destemido, essa figura surgiu em busca do gado

Solitário e destemido, essa figura	Surgiu	em busca do gado
Ator	processo material	Meta
Ator Social impersonalização (figura)		
Agente Social impessoal		

Nessa oração, considero o Ator Social impersonalizado por “figura”, que retoma “gaúcho”, não possuir característica semântica humana, assim é um Agente Social impessoal.

que, trazido pelos jesuítas,(o gado)ficou abandonado depois da destruição das missões,

que, trazido pelos jesuítas,	(o gado)	ficou abandonado	depois da destruição das missões,
Circunstância de causa	Ator	processo material	Circunstância de localização
Ator Social (jesuítas) personalização – determinação – classificação			
Agente Social substantivo – classificado – genérico			

Nessa oração material, o ator/ Agente Social “jesuítas”, que fizeram parte da nossa história colonial, é classificado e genérico.

(o gado)reproduzindo-se de maneira selvagem

(o gado)	reproduzindo-se	de maneira selvagem
Ator	processo material	Circunstância de modo

A bombacha nas pernas, a boleadeira no lugar do laço, o chimarrão e o churrasco são as duas marcas registradas.

A bombacha nas pernas, a boleadeira no lugar do laço, o chimarrão e o churrasco	São	as duas marcas registradas.
Atributo	processo relacional identificativo	Atribuído

O sertanejo

É o morador das zonas secas do país, principalmente das chapadas e da caatinga do país.

(O sertanejo)	É	o morador das zonas secas do país, principalmente das chapadas e da caatinga do país.
Identificado	processo relacional identificativo	Identificador
Ator Social (sertanejo) - personalização – determinação – classificado		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração relacional identificativa, o ator/ Agente Social “sertanejo” é classificado e genérico.

(O sertanejo) Enfrenta a dureza do sertão com uma vida simples, baseada na criação de umas poucas cabeças de gado e no plantio de subsistência.

(O sertanejo)	Enfrenta	a dureza do sertão	com uma vida simples, baseada na criação de umas poucas cabeças de gado e no plantio de subsistência.
Experienciador	processo mental cognitivo		
Ator Social (sertanejo) - personalização – determinação – classificado			
Agente Social substantivo – classificado – genérico			

Nessa oração, o processo mental cognitivo carrega um Experienciador, recuperado pelas orações anteriores, que é o ator/ Agente Social “sertanejo”, ele é classificado e genérico.

Sua figura sobre o jegue, de facão na cintura, chapéu e gibão de couro e capanga inspirou obras de escritores com Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha.

Sua figura sobre o jegue, de facão na cintura, chapéu e gibão de couro e capanga	Inspirou	obras de escritores com Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha.
Experienciador	processo mental cognitivo	Fenômeno
Ator Social personalização – determinação – nomeação		
Agente Social substantivo – nomeado		

Nessa oração, o processo mental cognitivo possui um Fenômeno que possui três atores/ Agentes Sociais marcados pela nomeação. São escritores famosos por retratar a realidade do sertão nordestino.

O caboclo

A palavra caboclo também é usada como sinônimo de mameluco – a mistura entre brancos e índios.

A palavra caboclo também	é usada	como sinônimo de mameluco – a mistura entre brancos e índios.
Ator	processo material	meta
Ator Social personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

A Meta desse processo material traz dois atores e agente sociais caracterizados pela personalização por determinação do tipo classificação, ambos genéricos.

Como tipo cultural, no entanto, o caboclo é o ribeirinho, ou seja, o morador das margens dos rios, principalmente os da região Norte, da bacia amazônica.

Como tipo cultural, no entanto, o caboclo	É	o ribeirinho, ou seja, o morador das margens dos rios, principalmente os da região Norte, da bacia amazônica.
Atribuído	processo relacional	Atributo

	identificativo	
Ator Social personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nesse processo relacional identificativo, o Atribuído “caboclo” é caracterizado pela personalização por determinação do tipo classificação e é genérico.

(o caboclo) Vive basicamente da pesca e do pequeno roçado aberto em clareiras,

(o caboclo)	Vive	basicamente da pesca e do pequeno roçado aberto em clareiras,
Ator	processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nesse processo material, o Ator “caboclo” é caracterizado pela personalização por determinação do tipo classificação e é genérico.

E (o caboclo) mora em palafitas por causa das frequentes cheias a que está sujeito

(o caboclo)	e mora	em palafitas	por causa das frequentes cheias a que está sujeito
Ator	Processo material	Meta	Circunstância de causa
Ator Social personalização – determinação – classificação			
Agente Social substantivo – classificado – genérico			

Nesse processo material, o Ator “caboclo” é caracterizado pela personalização por determinação do tipo classificação e é genérico.

Claro que o Brasil não se esgota na herança indígena,

Claro que o Brasil	não se esgota	na herança indígena,
Ator	processo material	Meta
Ator Social Brasil por brasileiros impersonalização – objetivação		
Agente Social substantivo – impessoal		

Nesse processo material, o Ator “Brasil” é caracterizado pela impersonalização por objetivação, sendo um Agente Social impessoal.

(O Brasil) como também não está tão permeado pela cultura negra como se chegou a afirmar nas últimas décadas, graças principalmente à intensa produção cultural dos baianos

(O Brasil) como também não	Está	tão permeado pela cultura negra como se chegou a afirmar nas últimas décadas, graças principalmente à intensa produção cultural dos baianos
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo
Ator Social impersonalização – objetivação		
Agente Social substantivo – impessoal		

Nesse processo material, o Ator “Brasil” é caracterizado pela impessoalização por objetivação, sendo um Agente Social impessoal.

Nos centros urbanos vivem hoje cerca de 76% dos brasileiros,

Nos centros urbanos	Vivem	Hoje	cerca de 76% dos brasileiros,
Circunstância de localização	processo material	Circunstância de localização	Ator
Ator Social personalização – determinação – classificação			
Agente Social substantivo – classificado – genérico			

Nessa oração material, o Ator é o ator/ Agente Social “brasileiros” é classificado e genérico.

o que teve um impacto gigantesco na forma de encararmos o mundo.

o que teve	um impacto gigantesco na forma de [nós] encararmos o mundo.
processo material	Meta
Ator Social (nós) personalização	
Agente Social pronome – genérico	

Nessa oração material, o ator/ Agente Social “nós” é personalizado e genérico.

Em 1900, [nós] éramos pouco mais de 17 milhões de pessoas,

Em 1900,	[nós]	Éramos	pouco mais de 17 milhões de pessoas,
Circunstância de modo	Portador	processo relacional atributivo	Atributo
Ator Social [nós] personalizado (pessoas) personalização – indeterminação			
Agente Social (nós) pronome – genérico (pessoas) substantivo - genérico			

Nessa oração relacional, o ator/ Agente Social, “nós” é classificado e genérico. E “pessoas” é indeterminado e também genérico.

a grande maioria [de nós] Espalhada pelo interior do país,

a grande maioria [de nós]	Espalhada	pele interior do país,
Ator	processo material	Circunstância de localização
Ator Social [nós] personalizado		
Agente Social (nós) pronome – genérico		

Nessa oração material, o ator/ Agente Social “nós” é personalizado e genérico.

[a grande maioria (de nós)] Vivendo em contato com a natureza

[a grande maioria (de nós)]	Vivendo	em contato com a natureza
Ator	processo material	Meta
Ator Social [nós] personalizado		
Agente Social (nós) pronome – genérico		

Nessa oração material, o ator/ Agente Social “nós” é personalizado e genérico.

[nós] Não tínhamos televisão,

[nós]	Não tínhamos	televisão,
Ator	processo material	Meta
Ator Social [nós] personalizado		
Agente Social (nós) pronome – genérico		

Nessa oração material, o ator/ Agente Social “nós” é personalizado e genérico.

As estradas eram poucas

as estradas	Eram	Poucas
Portador	processo relacional atributivo	Atributo

Quase ninguém tinha a chance de viajar por outras partes do país

quase ninguém	Tinha	a chance de viajar por outras partes do país
Ator	processo material	Meta
Ator Social personalização – indeterminação		
Agente Social genérico		

Nessa oração material, o ator/ Agente Social é também o Ator no sistema da transitividade, sendo marcado pela indeterminação de pela generização.

Quem morava no sul nem sonhava com o estilo de seus conterrâneos no norte.

Quem	Morava	no sul nem sonhava com o estilo de seus conterrâneos no norte.
Ator	processo material	Meta
Ator Social personalização – indeterminação		
Agente Social genérico		

Nessa oração material, o ator/ Agente Social é também o Ator no sistema da transitividade, sendo marcado pela indeterminação de pela generização.

Hoje, porém, [nós] vivemos num Brasil bem diferente.

Hoje, porém,	[nós]	Vivemos	num Brasil bem diferente.
Circunstância de localização	Ator	processo material	Meta
Ator Social [nós] personalizado			

Agente Social (nós) pronome – genérico
--

Nessa oração material, o ator/ Agente Social “nós” é personalizado e genérico.

Primeiro, [nós] experimentamos a chegada de milhares de imigrantes convocados para trabalhar nas lavouras de café de São Paulo ou, então, colonizar as zonas desabitadas do sul brasileiro

Primeiro, [nós]	Experimentamos	a chegada de milhares de imigrantes convocados para trabalhar nas lavouras de café de São Paulo ou, então, colonizar as zonas desabitadas do sul brasileiro
Experienciador	Processo mental	Fenômeno
Ator Social [nós] personalizado		
Agente Social (nós) pronome – genérico		

Nessa oração material, o ator/ Agente Social “nós” é personalizado e genérico.

Foi um incremento populacional importante, além da força de trabalho, introduziu novos elementos culturais

Foi	um incremento populacional importante,	além da força de trabalho,	introduziu	novos elementos culturais
Processo material	Meta	Circunstância de acompanhamento	Processo material	Meta

Quem anda pelas ruas das cidades brasileiras neste final de século

Quem	Anda	pelas ruas das cidades brasileiras	neste final de século
Ator	Processo material	Meta	Circunstância de localização
Ator Social personalização – indeterminação			
Agente Social pronome – genérico			

Nessa oração material, o ator/ Agente Social é também o Ator no sistema da transitividade, sendo marcado pela indeterminação de pela generização.

sente-se tentado a dizer que estamos cada vez mais parecidos.

sente-se tentado a dizer	que estamos cada vez mais parecidos.
Processo verbal	Verbiagem

Mas, se [nós]	Olharmos	mais de perto esses brasileiros
Experienciador	Processo mental	Fenômeno
Ator Social [nós] personalizado		
Agente Social (nós) pronome – genérico		

Nessa oração mental, o ator/ Agente Social “nós” é personalizado e genérico.

[nós]	Veremos	que ainda é possível encontrar gente que leva consigo a alma de caipiras, sertanejos e tantos outros personagens que fizeram a história do povo brasileiro.
Experienciador	Processo mental perceptivo	Fenômeno
Ator Social [nós] personalizado (povo brasileiro) personalização – determinação – classificação		
Agente Social (nós) pronomes – genérico (povo brasileiro) substantivo – classificado – genérico		

Fonte: revista TERRA

Nessa oração mental, o ator/ Agente Social “nós” é personalizado e genérico. Já o ator/ Agente Social “povo brasileiro” é classificado e genérico.

Quem somos, afinal? (2)

Outros personagens típicos entre o povo brasileiro são:

Outros personagens típicos entre o povo brasileiro	são:
Atribuído	Processo relacional identificativo
Ator Social personalização – determinação – classificação	
Agente Social substantivo – classificado – genérico	

Nessa oração, o processo relacional apresenta um ator/ Agente Social “povo brasileiro” que se caracteriza por ser classificado e genérico.

O mulato

[O mulato] É a mestiçagem mais comum no Brasil, fruto do cruzamento entre brancos e negros.

[O mulato]	É	a mestiçagem mais comum no Brasil, fruto do cruzamento entre brancos e negros.
Atribuído	Processo relacional identificativo	Atributo
Ator Social (mulato, brancos, negros) personalização – determinação – categorização – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração, o processo relacional identificativo apresenta os atores/ Agentes Sociais “mulato”, “brancos” e “negros” que se caracterizam por ser classificado e genérico.

No período colonial, o mulato era, quase sempre, a prova do abuso do senhor de engenho

No período colonial,	o mulato	era,	quase sempre, a prova do abuso do senhor de engenho
Circunstância de localização	Atribuído	Processo relacional identificativo	Atributo
Ator Social (mulato) personalização – determinação – categorização – classificação (senhor de engenho) personalização – determinação – categorização – funcionalização			
Agente Social (mulato) substantivo – classificado – genérico (senhor de engenho) substantivo – classificado – genérico			

Nessa oração, o processo relacional identificativo apresenta um ator/ Agente Social “mulato” como Atribuído, que é classificado e genérico e um ator/

Agente Social “senhor de engenho”, que é categorizado por funcionalização, classificado e genérico.

que escolhia na senzala as mulheres negras mais bonitas para sua satisfação sexual.

que escolhia	na senzala	as mulheres negras mais bonitas	para sua satisfação sexual.
processo material	Circunstância de localização	Meta	Circunstância de causa
Ator Social (mulheres negras) personalização – determinação – categorização – classificação			
Agente Social substantivo – classificado – específico			

Nessa oração material, a Meta apresenta um ator/ Agente Social “mulheres negras”, que é categorizado por classificação e específico.

Hoje, o mulato é um símbolo da beleza brasileira cada vez mais numeroso.

Hoje,	o mulato	É	um símbolo da beleza brasileira cada vez mais numeroso.
Circunstância de localização	Atribuído	processo relacional atributivo	atributo
Ator Social personalização – determinação – classificação			
Agente Social substantivo – classificado – genérico			

Nessa oração relacional atributiva, o Atribuído é também o ator/ Agente Social, sendo classificado e genérico.

O seringueiro

[O seringueiro] Vive recluso no meio do mato, nas regiões da Floresta Amazônica, onde as seringueiras nascem espontaneamente, como no Acre.

[O seringueiro]	Vive	recluso no meio do mato, nas regiões da Floresta Amazônica,	onde as seringueiras nascem espontaneamente, como no Acre.
Ator	processo material	Meta	Circunstância de localização e de modo
Ator Social personalização – determinação – categorização – funcionalização			
Agente Social substantivo – classificado – genérico			

Nessa oração material, o Ator no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social “seringueiro”, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por funcionalização.

Seu trabalho é abrir vincos nos troncos para extrair o látex

Seu trabalho	É	abrir vincos nos troncos para extrair o látex
Portador	processo relacional atributivo	Atributo

e, em seguida, defumá-lo até que transforme em borracha.

e, em seguida, defumá	-lo	até que transforme em borracha.
processo material	Ator	meta

Como a seringueira só nasce na mata preservada,

Como a seringueira	só nasce	na mata preservada,
Ator	processo material	meta

o seringalista passou a ser um combativo defensor da floresta, denunciando queimadas e a atuação de madeiras.

o seringalista	passou a ser	um combativo defensor da floresta, denunciando queimadas e a atuação de madeiras.
Atribuído	processo relacional atributivo	Atributo
Ator Social personalização – determinação – categorização – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração relacional, o Atribuído “seringalista” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por funcionalização.

O jangadeiro

[O jangadeiro] É o pescador dos mares nordestinos,

[O jangadeiro]	É	o pescador dos mares nordestinos,
Identificado	processo relacional identificativo	Identificador
Ator Social personalização – determinação – categorização – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração relacional, o Identificado “jangadeiro” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por funcionalização, além de ser genérico.

Que [O jangadeiro] vive nas comunidades do litoral

Que [O jangadeiro]	Vive	nas comunidades do litoral
Ator	processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator “jangadeiro” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por funcionalização, além de ser genérico.

[O jangadeiro] Especializou-se na pesca de rede a bordo de jangadas, pequenas embarcações de vela triangular feitas de seis paus roliços retirados das matas da região

[O jangadeiro]	Especializou-se	na pesca de rede a bordo de jangadas, pequenas embarcações de vela triangular feitas de seis paus roliços retirados das matas da região
Ator	processo material	Meta

Ator Social personalização – determinação – categorização – funcionalização
Agente Social substantivo – classificado – genérico

Nessa oração material, o Ator “jangadeiro” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por funcionalização, além de ser genérico.

Singrando as águas verdes e verdes e ensolaradas, no amanhecer ou no pôr-do-sol, o jangadeiro virou elemento típico da paisagem da região e símbolo de Alagoas.

Singrando as águas verdes e verdes e ensolaradas, no amanhecer ou no pôr-do-sol,	o jangadeiro	virou	elemento típico da paisagem da região e símbolo de Alagoas.
Circunstância de modo	Ator	processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização – funcionalização			
Agente Social substantivo – classificado – genérico			

Nessa oração material, o Ator “jangadeiro” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por funcionalização, além de ser genérico.

O pantaneiro

O homem pantaneiro, que é basicamente um vaqueiro adaptado para as pastagens úmidas, nasceu com a chegada da criação extensiva de gado ao Pantanal.

O homem pantaneiro, que é basicamente um vaqueiro adaptado para as pastagens úmidas,	Nasceu	com a chegada da criação extensiva de gado ao Pantanal.
Ator	processo material	meta
Ator Social personalização – determinação – categorização – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator “pantaneiro” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por funcionalização, além de ser genérico.

O sistema de cheias e vazantes do rio Paraguai obriga o constante deslocamento dos rebanhos das terras baixas e alagáveis para as altas e secas

O sistema de cheias e vazantes do rio Paraguai	Obriga	o constante deslocamento dos rebanhos das terras baixas e alagáveis para as altas e secas
Ator	processo material	Meta
Ator Social encobrimento (o rebanho não desloca sozinho)		
Agente Social relegado ao segundo plano		

Nessa oração material, o Ator “jangadeiro” é encoberto da oração, mostra-se a atividade, mas não o Ator Social.

Ao contrário do gaúcho, que só come carne,

Ao contrário do gaúcho, que só	Come	carne,
Ator	processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator “gaúcho” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por classificação, além de ser genérico.

o pantaneiro também aprecia a fartura de peixe da região

o pantaneiro também	Aprecia	a fartura de peixe da região
Ator	processo material	meta
Ator Social personalização – determinação – categorização - classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator “pantaneiro” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por funcionalização, além de ser genérico.

O caiçara

[O caiçara] É o morador do litoral sudeste brasileiro, que povoa as matas de restinga próximas aos manguezais

[O caiçara]	É	o morador do litoral sudeste brasileiro, que povoa as matas de restinga próximas aos manguezais
Identificado	processo relacional identificativo	Identificador
Ator Social personalização – determinação – categorização – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração relacional identificativa, o Identificado “caiçara” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por classificação, além de ser genérico.

[O caiçara] Vive da pesca na foz dos rios e do cultivo de subsistência

[O caiçara]	Vive	da pesca na foz dos rios e do cultivo de subsistência
Ator	processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator “caiçara” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por classificação, além de ser genérico.

[O caiçara] Adotou muitos hábitos indígenas, como a roça de coivara e a pesca artesanal com covas.

[O caiçara]	Adotou	muitos hábitos indígenas, como a roça de coivara e a pesca artesanal com covas.
Ator	processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização - classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator “caiçara” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por classificação, além de ser genérico.

[O caiçara] Preserva palavras do português quinhentista

[O caiçara]	Preserva	palavras do português quinhentista
Ator	processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização - classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator “caiçara” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por classificação, além de ser genérico.

e alguns são loiros

e alguns	São	Loiros
Portador	processo relacional atributivo	atributo
Ator Social personalização – indeterminação		
Agente Social substantivo – genérico		

Nessa oração relacional atributiva, o Portador “alguns” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por indeterminação, além de ser genérico.

Porque (alguns) descendem de aventureiros franceses e suíços que se instalaram ali no período colonial

Porque (alguns)	Descendem	de aventureiros franceses e suíços que se instalaram ali no período colonial
Ator	processo material	Meta
Ator Social (alguns) personalização - indeterminação (franceses, suíços) personalização – determinação – categorização – classificação		
Agente Social genérico (franceses, suíços) substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, “alguns” é Ator no sistema da transitividade e também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por indeterminação, além de ser genérico; e “franceses, suíços” é a Meta e também atores/Agentes Sociais, e são caracterizados por personalização, determinação, categorização por classificação, além de ser genérico.

O mestiço oriental

O termo mestiço serve para definir qualquer tipo de mistura de,

O termo mestiço	Serve	para definir qualquer tipo de mistura de,
Ator	processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator “mestiço” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por classificação, além de ser genérico.

mas nos últimos anos tem sido mais usado para o caso dos orientais.

mas nos últimos anos	tem sido mais usado	para o caso dos orientais.
Circunstância de extensão	processo material	Meta
Ator Social (orientais) personalização – determinação – categorização – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator “orientais” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por classificação, além de ser genérico.

O fenômeno ainda é recente e, em certa medida, raro,

O fenômeno ainda	É	recente e, em certa medida, raro,
Atribuído	processo relacional atributivo	Atributo

pois a raça amarela – da qual os japoneses são maioria no Brasil – viveu décadas organizada em colônias fechadas,

pois a raça amarela – da qual os japoneses são maioria no Brasil –	Viveu	décadas organizada em colônias fechadas,
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, “japoneses” é ator/ Agente Social, sendo caracterizado por personalização, determinação, categorização por classificação, além de ser genérico.

o que dificultou a mistura.

o que	Dificultou	a mistura.
Ator	Processo material	Meta

No texto 2 “Quem somos, afinal?”, a proposta é caracterizar os tipos regionais. Embora se esperasse encontrar uma grande quantidade de processos relacionais em relação aos demais, como no texto 1, o mesmo não se confirma. A tabela a seguir mostra o resultado da análise dos processos nesse texto.

Tipo de processo	Quantidade
Processos materiais	34
Processos relacionais atributivos	9
Processos relacionais identificativos	3
Processos mentais	11
Processo verbal	1
Processo comportamental	0

Como demonstra a tabela, a predominância nesse texto é de processos materiais, pois o foco do texto é mostrar quais as atividades desenvolvidas por diferentes tipos regionais brasileiros. Em relação aos processos envolvidos nos eventos sociais presentes no texto, a maioria dos processos mencionados no texto são formas de ação (dar, perder, chegar, gastar são alguns exemplos) bem como objetos dessas formas de ação (traços e personalidades próprios, pessoas, resposta). Também há processos mentais (como “ter noção”, “experimentar”), que representam a experiência do mundo da nossa consciência do povo brasileiro. Há, ainda, processos relacionais (ter e ser), que codificam significados de ser, caracterizando em relação ao que somos: “O brasileiro é isso: o resultado de uma mistura que, mesmo submetida a vários contrastes históricos e geográficos, manteve-se unida” e “somos um povo ainda em formação”.

Maior relevância é dada às formas de ação, pois esse texto representa uma série de atividades e ações. As pessoas são parcialmente incluídas (brasileiros, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro, povo, índios, caipira, gaúcho, sertanejo, caboclo etc.), embora trate de índios ao falar da formação do povo brasileiro: “Mas de onde vem essa alma? ‘Dos nossos índios’”, eles não são citados na segunda parte do texto, na qual os tipos regionais são detalhados, sendo apenas citado na primeira parte do texto que existem aldeias indígenas espalhadas pelo país, ou seja, apesar de não excluí-los do texto, excluem sua participação na atualidade brasileira. Com relação aos participantes, há Agentes Sociais passivos, como, por exemplo, os ‘índios’ (“...foram herdados dos índios”) e os “brasileiros” (“Uma fusão de e culturas que já dura meio milênio deu aos brasileiros traços e personalidades próprios”) e agentes, os ‘caipiras’ (“[O caipira] De um modo geral, o caipira é quem mora no interior de São Paulo e Minas Gerais”), salvo pela expressão “de um modo geral”, ainda assim faltou citar as pessoas que moram no

interior de Goiás, “nós” (“Nós não temos guerras nem catástrofes naturais”), “Brasil”, no sentido de povo brasileiro (“Claro que o Brasil não se esgota na herança indígena”), entre outros.

Pode-se considerar o que é socialmente significativo no que diz respeito à definição do povo brasileiro: onde mora, o que faz, suas heranças. O texto traz informações importantes sobre o povo brasileiro, apesar de imagens desatualizadas, como é mostrado no anexo (página XX). Além disso, embora diga que “somos um povo ainda em formação, que junta num vasto território e culturas distintas” e descreva personalidades que realmente existem, suas descrições são feitas de forma um tanto mitificadas. O caipira, por exemplo, é descrito com atributos como “modos rústicos”, que “provocavam quando visitavam a cidade”. Essa descrição era talvez fosse atual no ano de 1998, ano de publicação do artigo, mas com o amplo desenvolvimento tecnológico dos últimos anos, esse cenário mudou bastante, deixando o texto desatualizado para uma publicação em 2011, observa-se que no próprio texto já usava a forma no passado: “provocavam”. Apresenta, para o caipira, sinônimos, já denominado “pejorativos, como jeca, capiau, matuto e pé-duro”, observou-se que esses sinônimos somente são apresentados para esse “personagem”. Essa apresentação seria mesmo necessária? Especialmente quando se observa que esses sinônimos aparecem fora de contexto, no sentido que o texto não apresenta sinônimos para outros tipos regionais.

No que se refere ao sertanejo, afirma “sua figura sobre o jegue”, quando, atualmente, o os jegues não são mais comuns nessas regiões. Outra visão, de certa forma, estereotipada, é afirmar que o gaúcho “só come carne”, embora o churrasco seja algo característico dos gaúchos.

Os principais Atores Sociais são “brasileiros”, por vezes referidos como “nós”, como uma generalização que inclui o Ator Social autor do texto; brasileiro representado em uma identificação “o brasileiro é isso...”; categorizações, especialmente por funcionalização na representação dos Atores Sociais caipira, caboclo, gaúcho e sertanejo. Dessa maneira, pode-se afirmar que entre os Agentes Sociais incluídos estão: os “brasileiros”, “nós”, “índios”, “caipira”, “gaúcho”, “sertanejo”, “caboclo” e “mulato” (expressões pouco utilizada atualmente, pois aqui a mistura de já é mais complexa do que essas mais comuns no início da miscigenação, ainda na época colonial), “seringueiro”, “pantaneiro”, “caiçara” e “jangadeiro” (que está mais para uma profissão e menos para tipo regional), “mestiço oriental”. Os Agentes Sociais são participantes (por exemplo, “O mulato é a mestiçagem mais comum no Brasil”) ou

estão sobre a forma de substantivo e pronomes (a terceira do plural são usadas anaforicamente para fazer menção a algo já citado ou genericamente aos brasileiros, incluindo o autor do texto, que se afirma Agente Social – “Em 1900, [nós] éramos pouco mais de 17 milhões de pessoas”). Os tipos regionais são, na maioria das vezes, representados na forma ativa, os índios, porém, são representados na forma passiva. Os Agentes Sociais são tanto classificados (índios, gaúcho, caipira) quanto nomeados (Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre) e faz-se referência a grupos quando existe uma classificação.

4.1.3 Texto 3 - Capoeira

Não são todos os capoeiristas ou capoeiras que se consideram atletas.

Não são todos os capoeiristas ou capoeiras que se	consideram	atletas.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator “capoeiristas” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por funcionalização, além de ser genérico.

Para os grupos mais tradicionais de Salvador, ela é forma de expressão da cultura negra.

Para os grupos mais tradicionais de Salvador,	ela	é	forma de expressão da cultura negra.
Circunstância de ângulo	Portador	Processo relacional atributivo	Atributo
Ator Social personalização – generalização			
Agente Social substantivo – genérico			

Nessa oração relacional, o Portador “ela” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, generalização, além de ser genérico.

Tanto que, para eles, trata-se de uma arte marcial afro-brasileira.

Tanto que, para eles,	trata-se	de uma arte marcial afro-brasileira.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – generalização		

Agente Social pronome – classificado – genérico

Nessa oração material, o Ator “capoeiristas” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por funcionalização, além de ser genérico.

“Reduzir a capoeira ao esporte é diminuir seu lado subjetivo, sua história e sua filosofia”,

“Reduzir a capoeira ao esporte	É	diminuir seu lado subjetivo, sua história e sua filosofia”,
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

Diz Pedro Moraes Trindade, o mestre Moraes.

Diz	Pedro Moraes Trindade, o mestre Moraes.	
Processo verbal	Dizente	
Ator Social personalização – classificação – nomeação		
Agente Social nomeado – específico		

Nessa oração verbal, o Dizente “Pedro Moraes Trindade” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, nomeação, além de ser específico.

“Capoeira é a fusão de corpo e mente.

“Capoeira	É	a fusão de corpo e mente.
Identificado	Processo relacional identificativo	Identificador

Em comparação a outras artes marciais, [a capoeira] corresponde ao tai chi chuan,

Em comparação a outras artes marciais, [a capoeira]	Corresponde	ao tai chi chuan,
Ator	Processo material	Meta

no qual você não precisa ser forte, mas inteligente.”

no qual você não	precisa	ser forte, mas inteligente.”
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação		
Agente Social pronome – genérico		

Nessa oração material, o Ator “você” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, além de ser genérico.

Manoel Nascimento Machado, ou mestre Nenéu, de Salvador, batizado na capoeira como “Sá Pererê”, também insiste em ressaltar aspectos que extrapolam a mera habilidade física.

Manoel Nascimento Machado, ou mestre Nenéu, de Salvador, batizado na capoeira como “Sá Pererê”, também	insiste em ressaltar	aspectos que extrapolam a mera habilidade física.
Ator	Processo material	Meta

Ator Social personalização – determinação – nomeação
Agente Social substantivo – nomeado

Nessa oração material, o Ator “Manoel Nascimento Machado” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, nomeação, além de ser específico.

“O capoeira nunca joga contra o outro, mas com o outro”, explica.

“O capoeira nunca	Joga	contra o outro, mas com o outro”, explica.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator “capoeiristas” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por funcionalização, além de ser genérico.

“Assim, ele se prepara para enfrentar a vida lá fora.”

“Assim, ele se	Prepara	para enfrentar a vida lá fora.”
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização – funcionalização		
Agente Social pronome – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator “ele” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por funcionalização, além de ser genérico.

A capoeira começou a ser ensinada regularmente nos anos 30

A capoeira	começou a ser ensinada	regularmente nos anos 30
Ator	Processo material	Meta
Ator Social encobrimento (quem ensina)		
Agente Social agente relegado ao segundo plano		

Nessa oração material, o social é encoberto, pois aparece a atividade ensinar a capoeira, mas não o ator relacionado a essa atividade.

e já naquela época [a capoeira] estava dividida em duas vertentes.

e já naquela época	[a capoeira]	estava dividida	em duas vertentes.
Circunstância de localização	Ator	Processo material	Meta

A de Angola, nome que homenageia as tradições dos escravos angolanos

A de Angola, nome que	Homenageia	as tradições dos escravos angolanos
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização – classificação		

Agente Social substantivo – classificado – específico (angolanos)

Nessa oração material, é na Meta que se encontra o ator/ Agente Social “escravos” que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por classificação, além de ser específico.

e a Regional, chamada assim por ter nascido na região da Bahia.

e a Regional, chamada assim por	ter nascido	na região da Bahia.
Ator	Processo material	Meta

Em comum, a capoeira Angola e a Regional têm alguns princípios fundamentais.

Em comum, a capoeira Angola e a Regional	Têm	alguns princípios fundamentais.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

Quem joga sempre deve começar cumprimentando o parceiro ao pé do berimbau, quer dizer, agachado perto do instrumento que dará o ritmo dos golpes.

Quem	joga	sempre deve começar cumprimentando o parceiro ao pé do berimbau, quer dizer, agachado perto do instrumento que dará o ritmo dos golpes.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – indeterminação		
Agente Social pronomes – genérico		

Nessa oração material, o Ator “Quem” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, por indeterminação, além de ser genérico.

Ambos devem estar limpos, decentemente trajados e jamais sem camisa.

Ambos	devem	estar limpos, decentemente trajados e jamais sem camisa.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – indeterminação		
Agente Social genérico		

Nessa oração material, o Ator “Quem” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, por indeterminação, além de ser genérico.

Deve-se procurar a harmonia,

Deve-se procurar	a harmonia,
Processo material	Meta
Ator Social encobrimento (quem deve procurar)	
Agente Social agente relegado ao segundo plano	

Nessa oração material, o ator/ Agente Social é encoberto e relegado ao segundo plano.

na qual um movimento de defesa já é o começo de outro, de ataque, sem ferir o companheiro.

na qual um movimento de defesa já	É	o começo de outro, de ataque, sem ferir o companheiro.
Identificado	Processo relacional identificativo	Identificador
Ator Social personalização – determinação – categorização – identidade relacional		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Identificador “companheiro” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização do tipo identificação relacional, além de ser genérico.

Os oponentes não se atacam, mas lutam por aproximação, respeitando a hora de entrar e sair da roda.

Os oponentes não se	atacam,	mas lutam	por aproximação, respeitando a hora de entrar e sair da roda.
Ator	Processo material	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação			
Agente Social substantivo – classificado – genérico			

Nessa oração material, o Ator “oponentes” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, por determinação, além de ser classificado e genérico.

E ninguém deve aprender capoeira para sair batendo nos outros. (...)

E ninguém	deve aprender	capoeira para sair batendo nos outros. (...)
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – indeterminação		
Agente Social pronome genérico		

Fonte: Revista Super Interessante.

Nessa oração material, o Ator “Ninguém” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, por indeterminação, além de ser genérico.

É relevante assinalar que esse texto foi extraído de uma revista de circulação nacional, a **Revista Super Interessante**. A análise dos processos revelou os seguintes resultados apresentados na tabela a seguir.

Tipo de processo	Quantidade
Processos materiais	16
Processos relacionais atributivos	3
Processos relacionais identificativos	2
Processos mentais	0
Processo verbal	1
Processo comportamental	0

Assim, trata-se de um texto marcado por processos do mundo do “fazer”, no qual a maioria dos processos mencionados são formas de ação (precisar, ressaltar, jogar, preparar, ensinar). Nesse caso, as formas de ação predominam em relação às outras: esse pequeno texto representa uma série de atividades. As pessoas são incluídas (mestre e capoeiristas). As relações sociais (mestre e capoeirista) também é incluída. Com relação aos participantes, podem ser ativos, como o ‘capoeirista’ e passivo, como ‘escravos angolanos’.

Evidentemente, várias outras representações diferentes da tradição da capoeira poderiam ser encontradas. Pode-se considerar o que é socialmente significativo no que diz respeito à representação da capoeira no Brasil: suas origens, seus grupos tradicionais. O texto gira em torno do tema capoeira, cuja caracterização é feita pela fala de um mestre capoeirista. Como Ator Social, esse mestre é nomeado e possui função essencial na definição do que é a capoeira no Brasil, ressaltando “seu lado subjetivo, sua história e sua filosofia”. No texto, cita-se a origem africana da capoeira, mas sem detalhes, caracterizando-a como uma “arte marcial afro-brasileira”, que na vertente de Angola “homenageia as tradições do escravos angolanos”. Seus Atores Sociais são os capoeiristas, o mestre e a capoeira. Assim, marca o texto a representação por impersonalização “capoeira”; categorização por funcionalização ou personalização “capoeiristas” e nomeação “mestre Moraes”.

Os principais Agentes Sociais incluídos no texto são os capoeiristas e o mestre. A maioria dos Agentes Sociais são participantes (como em: “O capoeira nunca joga contra o outro”) ou estão sobre a forma de pronomes (“Ele se prepara para enfrentar a vida lá fora”, recuperado anaforicamente como “capoeira”). Os capoeiras e o mestre são ativos, no entanto, “cultura negra” e “escravos angolanos” são representados na forma passiva. Os Agentes Sociais são tanto classificados (capoeirista, mestre, escravos, negros) quanto nomeados (Manoel Nascimento Machado).

4.1.4 Texto 4 – Carnaval

Festa móvel realizada em fevereiro ou março, 40 dias antes da Semana Santa, contados a partir do Domingo de Ramos.

Festa móvel	Realizada	em fevereiro ou março, 40 dias antes da Semana
-------------	-----------	--

		Santa, contados a partir do Domingo de Ramos.
Ator	Processo material	Circunstância de extensão

Oficialmente [o carnaval] é comemorado durante três dias, de domingo a terça-feira,

Oficialmente [o carnaval]	É	comemorado durante três dias, de domingo a terça-feira,
Portador	Processo relacional atributivo	atributo

e [o carnaval] termina na Quarta-feira de Cinzas.

e [o carnaval]	termina	na Quarta-feira de Cinzas.
Ator	Processo material	Circunstância de localização

Mas, na realidade, tem duração variada.

Mas, na realidade,	Tem	duração variada.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

Uma das maiores manifestações de cultura popular do Brasil, mistura festa, espetáculo, arte e folclore.

Uma das maiores manifestações de cultura popular do Brasil,	mistura	festa, espetáculo, arte e folclore.
Ator	Processo material	Meta

Além do brasileiro, são famosos o Carnaval de Veneza, na Itália, e o de Novas Orleans, nos Estados Unidos.

Além do brasileiro,	São	famosos o Carnaval de Veneza, na Itália, e o de Novas Orleans, nos Estados Unidos.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

O Carnaval tem origem pagã em festas e orgias da antiguidade, nas danças da Idade Média e nos bailes de máscara do Renascimento.

O Carnaval	Tem	origem pagã em festas e orgias da antiguidade, nas danças da Idade Média e nos bailes de máscara do Renascimento.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

[O Carnaval] Chega ao Brasil no século XVII trazido pelos portugueses.

[O Carnaval]	Chega	ao Brasil	no século XVII trazido pelos portugueses.
Ator	Processo material	Meta	Circunstância de localização e de modo
Ator Social personalização – determinação – categorização – classificação			
Agente Social substantivo – classificado – genérico			

Nessa oração material, é nas circunstâncias do sistema da transitividade que está o ator/ Agente Social “portugueses”, que é caracterizado por personalização, por classificação, além de ser genérico.

Chamado de entrudo, era uma brincadeira

Chamado de entrudo,	Era	uma brincadeira
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

na qual as pessoas atiravam umas nas outras bexigas com água e farinha.

na qual as pessoas	Atiravam	umas nas outras bexigas com água e farinha.
Ator	Processo material	Meta

Ator Social personalização – indeterminação
Agente Social substantivo – genérico

Nessa oração material, o Ator “Pessoas” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, por indeterminação, além de ser genérico.

No fim do século XIX surgem sociedades carnavalescas,

No fim do século XIX	Surgem	sociedades carnavalescas,
Circunstância de localização	Processo material criativo	Ator

como os cordões, os blocos, os ranchos e os corsos, que desfilam, dançam e cantam músicas anônimas.

como os cordões, os blocos, os ranchos e os corsos, que	desfilam, dançam e cantam	músicas anônimas.
Ator	Processo material	Meta

Em 1899, a pianista Chiquinha Gonzaga (1847-1935) lança a marcha Ó abre alas.

Em 1899,	a pianista Chiquinha Gonzaga (1847-1935)	Lança	a marcha Ó abre alas.
Circunstância de localização	Ator	Processo material criativo	Meta
Ator Social personalização – determinação – nomeação			
Agente Social substantivo – nomeado – específico			

Nessa oração material, o Ator “Chiquinha Gonzaga” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por determinação por nomeação, além de ser específico.

[Chiquinha Gonzaga] É a pioneira a compor especialmente para o carnaval.

[Chiquinha Gonzaga]	É	a pioneira a compor especialmente para o carnaval.
Identificado	Processo relacional identificativo	Identificador
Ator Social personalização – determinação – nomeação		
Agente Social substantivo – nomeado – específico		

Nessa oração material, o Ator “Chiquinha Gonzaga” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por determinação por nomeação, além de ser específico.

Escolas de samba – são agremiações que desfilam durante o Carnaval com fantasias, alegorias e coreografias relacionadas ao tema escolhido a cada ano.

Escolas de samba –	são	agremiações que desfilam	durante o Carnaval com fantasias, alegorias e coreografias relacionadas ao tema escolhido a cada ano.
Portador	Processo relacional	Atributo	Circunstância de

	atributivo		extensão
--	------------	--	----------

Muitas têm organização quase empresarial

Muitas	Têm	organização quase empresarial
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

E [escolas de samba] mantêm funcionários assalariados.

E [escolas de samba]	Mantêm	funcionários assalariados.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização – funcionalização		
Agente Social substantivo – genérico		

Nessa oração material, “funcionários” faz parte da Meta no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por determinação por categorização do tipo funcionalização, além de ser genérico.

Os figurantes desfilam ordenados em setores (alas), cantando o samba-enredo da escola.

Os figurantes	Desfilam	ordenados em setores (alas), cantando o samba-enredo da escola.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator “figurantes” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por determinação por categorização do tipo funcionalização, além de ser genérico.

A concepção das fantasias e a ordem das alas e dos carros alegóricos	São	determinadas pelo carnavalesco – o diretor do espetáculo.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo
Ator Social personalização – determinação – categorização – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração relacional atributiva, “carnavalesco” faz parte do Atributo no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por determinação por categorização do tipo funcionalização, além de ser genérico.

A primeira ala é a comissão de frente, cuja função é apresentar a escola.

A primeira ala	É	a comissão de frente, cuja função é apresentar a escola.
Identificado	Processo relacional identificativo	Identificador

Em seguida vem o carro abre-alas,

Em seguida	Vem	o carro abre-alas,
Circunstância de localização	Processo material	Meta

Que carrega o símbolo da escola e

que	Carrega	o símbolo da escola e
Ator	Processo material	Meta

[o carro abre-alas] Apresenta o tema do enredo ao público.

[o carro abre-alas]	Apresenta	o tema do enredo ao público.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização – associação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, “público” faz parte da Meta no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por determinação por categorização do tipo associação, além de ser genérico.

Independentemente do tema, existem alas ou figurantes permanentes.

Independentemente do tema,	Existem	alas ou figurantes permanentes.
Circunstância	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, “figurantes” faz parte da Meta no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por determinação por categorização do tipo funcionalização, além de ser genérico.

Toda escola, por exemplo, possui três casais de mestre-sala e porta-bandeira.

Toda escola, por exemplo,	Possui	três casais de mestre-sala e porta-bandeira.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – categorização – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, “casais de mestre-sala e porta-bandeira” faz parte da Meta no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por determinação por categorização do tipo funcionalização, além de ser genérico.

Outras alas fixas são as das baianas, formadas pelas mulheres mais idosas da escola, das crianças e da bateria.

Outras alas fixas	São	as das baianas, formadas pelas mulheres mais idosas da escola, das crianças e da bateria.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo
Ator Social personalização – determinação – categorização – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração relacional atributiva, “baianas” faz parte do Atributo no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por determinação por categorização do tipo funcionalização, além de ser genérico.

Funcionando como a orquestra do desfile, a ala da bateria é composta apenas de instrumentos de percussão acompanhados por violão, cavaquinho e pelos intérpretes do samba-enredo.

Funcionando como a orquestra do desfile, a ala da bateria	é composta	apenas de instrumentos de percussão acompanhados por violão, cavaquinho e pelos intérpretes do samba-enredo.
Ator	Processo material	Meta

A denominação escola de samba nasce no Rio de Janeiro em 1928.

A denominação escola de samba	Nasce	no Rio de Janeiro em 1928.
Ator	Processo material	Meta

O compositor Ismael Silva (1905-1978) é o primeiro a usar a expressão para se referir a seu grupo carnavalesco, o rancho Deixa Falar.

O compositor Ismael Silva (1905-1978)	É	o primeiro a usar a expressão para se referir a seu grupo carnavalesco, o rancho Deixa Falar.
Identificado	Processo relacional identificativo	Identificador
Ator Social personalização – determinação – nomeação		
Agente Social substantivo – nomeado		

Essa oração relacional identificativa apresenta um ator/ Agente Social nomeado, o “compositor Ismael Silva”.

O primeiro desfile oficial é realizado em 1935.

O primeiro desfile oficial	é realizado	em 1935.
Ator	Processo material	Meta

Atualmente há desfiles de escola de samba em todo o país.

Atualmente	Há	desfiles de escola de samba em todo o país.
Circunstância de extensão	Processo material	Meta

O do Rio de Janeiro é o de maior projeção.

O do Rio de Janeiro	É	o de maior projeção.
Identificado	Processo relacional identificativo	Identificador

São cerca de 70 escolas de samba, divididas em seis grupos.

São	cerca de 70 escolas de samba, divididas em seis grupos.
Processo material	Meta

O principal é o grupo especial, formado pelas 14 maiores escolas.

O principal	É	o grupo especial, formado pelas 14 maiores escolas.
Identificado	Processo relacional identificativo	Identificador

A avaliação para a premiação das escolas é feita por 36 jurados, que dão notas de 1 a 10 aos seguintes quesitos: bateria, samba-enredo, harmonia, evolução, enredo, conjunto, alegorias e adereços, fantasia, comissão de frente e mestre-sala e porta-bandeira.

A avaliação	É	feita por 36 jurados, que dão notas de 1 a 10 aos
-------------	---	---

para a premiação das escolas		seguintes quesitos: bateria, samba-enredo, harmonia, evolução, enredo, conjunto, alegorias e adereços, fantasia, comissão de frente e mestre-sala e porta-bandeira.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo
Ator Social personalização – determinação – categorização - funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração relacional atributiva, “jurados” faz parte do Atributo no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por determinação por categorização do tipo funcionalização, além de ser genérico.

A escola deve apresentar-se durante, no mínimo, 65 minutos e, no máximo, 80.

A escola	deve apresentar-se	durante, no mínimo, 65 minutos e, no máximo, 80.
Ator	Processo material	Meta

Cada 5 minutos de atraso sobre o prazo máximo tira 1 ponto da nota final.

Cada 5 minutos de atraso sobre o prazo máximo	Tira	1 ponto da nota final.
Ator	Processo material	Meta

Trios elétricos – Caminhões equipados de palco e aparelhagem de som – com até 100.000 watts de potência – que fazem shows ao vivo se deslocando pela cidade.

Trios elétricos – Caminhões equipados de palco e aparelhagem de som – com até 100.000 watts de potência – que	Fazem	shows ao vivo se deslocando pela cidade.
Ator	Processo material	Meta

Criados na Bahia, saem no Carnaval animando milhões de pessoas que dançam atrás deles.

Criados na Bahia,	Saem	no Carnaval animando milhões de pessoas que dançam atrás deles.
Circunstância de localização	Processo material	Meta
Ator Social personalização – indeterminação		
Agente Social substantivo – genérico		

Nessa oração material, “pessoas” faz parte do Atributo no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização por determinação, além de ser genérico.

O primeiro trio elétrico, o de Dodô e Osmar, surge em 1950.

O primeiro trio elétrico, o de Dodô e Osmar,	Surge	em 1950.
Ator	Processo material	Meta

Com o tempo, passam a comandar o Carnaval de Salvador (BA), ao lado dos blocos afros, afoxés e bandas, como Ilê Aiyê, Filhos de Gandhi, Olodum, Ara Ketu, Timbalada, Chiclete com Banana e, mais recentemente, Cheiro de Amor, Eva e É o Tchan.

Com o tempo,	passam a comandar	o Carnaval de Salvador (BA), ao lado dos blocos afros,
--------------	-------------------	--

		afoxés e bandas, como Ilê Aiyê, Filhos de Gandhi, Olodum, Ara Ketu, Timbalada, Chiclete com Banana e, mais recentemente, Cheiro de Amor, Eva e É o Tchan.
Circunstância de modo	Processo material	Meta

O ponto alto do Carnaval baiano é o encontro dos trios na praça Castro Alves.

O ponto alto do Carnaval baiano	É	o encontro dos trios na praça Castro Alves.
Identificado	Processo relacional identificativo	Identificador

Micareta – Festa carnavalesca comemorada fora da época do Carnaval.

Micareta – Festa carnavalesca	Comemorada	fora da época do Carnaval.
Ator	Processo material	Meta

Atualmente, mais de trinta micaretas acontecem no Brasil durante todo o ano.

Atualmente,	mais de trinta micaretas	Acontecem	no Brasil	durante todo o ano.
Circunstância de extensão	Ator	Processo material	Meta	Circunstância de extensão

As principais são as nordestinas, como a Recifolia (Recife-PE), o Carnatal (Natal – RN), o Fortal (Fortaleza – CE) e a Mícaroa (João Pessoa – PB).

As principais	São	as nordestinas, como a Recifolia (Recife-PE), o Carnatal (Natal – RN), o Fortal (Fortaleza – CE) e a Mícaroa (João Pessoa – PB).
Identificado	Processo relacional identificativo	Identificador

Frevo – gênero musical e tipo de dança característicos do Carnaval de Pernambuco. Música de ritmo bastante acelerado, é tocada por instrumentos de percussão e de sopro e dançada com passos quase acrobáticos.

Frevo – gênero musical e tipo de dança característicos do Carnaval de Pernambuco. Música de ritmo bastante acelerado,	É	tocada por instrumentos de percussão e de sopro e dançada com passos quase acrobáticos.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

Os dançarinos usam pequenos guarda-chuvas em sua coreografia.

Os dançarinos	usam	pequenos guarda-chuvas	em sua coreografia.
Ator	Processo material	Meta	Circunstância
Ator Social personalização – determinação – categorização - funcionalização			
Agente Social substantivo – classificado – genérico			

Nessa oração material, o Ator “dançarino” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por determinação por categorização do tipo funcionalização, além de ser genérico.

No Carnaval de Recife e de Olinda (PE) desfilam clubes de frevo, como o Vassourinhas e o Lenhadores, e blocos, como o Flor da Lira e o Flor da Magnólia.

No Carnaval de Recife	desfilam	clubes de frevo, como o Vassourinhas e o
-----------------------	----------	--

e de Olinda (PE)		Lenhadores, e blocos, como o Flor da Lira e o Flor da Magnólia.
Ator	Processo material	Meta

pg. 200, texto adaptado de Almanaque Abril

Interessante o fato de o texto 4 “Carnaval” estar na última página do livro. Embora essa posição possa não ter sido proposital, como o carnaval do Rio de Janeiro é muito conhecido fora do Brasil, frequentemente brasileiros são associados a essa imagem: festa, música, roupas de carnaval. O texto traz informações sobre o surgimento do carnaval e como é feito, fato que o torna interessante por mostrá-lo como “uma das maiores manifestações de cultura popular no Brasil”, apesar de mostrar apenas o carnaval tradicional com desfile de escolas de samba.

O resultado da análise dos processos do sistema da transitividade é demonstrada na tabela a seguir.

Tipo de processo	Quantidade
Processos materiais	31
Processos relacionais atributivos	10
Processos relacionais identificativos	7
Processos mentais	0
Processo verbal	0
Processo comportamental	0

Nos elementos dos eventos sociais representados, a maioria dos processos são formas de ação (realizar, terminar, misturar, chegar, atirar, lançar etc.). As pessoas são parcialmente incluídas (portugueses, pessoas, funcionários, carnavalesco, público, figurantes, Chiquinha Gonzaga etc.). A relação social entre a escola de samba e o funcionário é evidenciada. Com relação aos participantes, alguns são ativos (como “as pessoas atiravam umas nas outras bexigas com água e farinha”), outros passivos (como em “Mantêm funcionários assalariados”).

Diversas representações diferentes podem ser feitas do carnaval. A abordagem trazida por esse texto é diferente do que geralmente encontramos sobre o carnaval brasileiro. Nesse texto, o foco é a história do carnaval e a descrição de como é a festa, inclusive não há imagens nesse texto.

Esse texto é marcado por representação por meio de impersonalização: “carnaval”, algumas nomeações como Chiquinha Gonzaga “a pioneira a compor especialmente para o carnaval”, o compositor Ismael Silva “o primeiro a usar a

expressão para se referir a seu grupo carnavalesco”; generalização dos Atores Sociais envolvidos no processo de realização do carnaval, como “figurantes” e “dançarinos”.

Nesse texto, os principais Agentes Sociais incluídos são Chiquinha Gonzaga, portugueses, pessoas, funcionários, carnavalesco, público, figurantes, entre outros envolvidos no carnaval. Os Agentes Sociais são participantes (por exemplo, “Em 1989, a pianista Chiquinha Gonzaga (1847-1935) lança a marcha Ó abre alas”) ou estão sobre a forma de substantivo ou são recuperados anaforicamente. Os Agentes Sociais são tanto classificados, como “funcionários” e “figurantes”, quanto nomeados, “Chiquinha Gonzaga” e faz-se referência a grupos quando existe uma classificação.

4.1.5 Texto 5 – Sem título – Tema: progresso da cidade de São Paulo

O segredo dos paulistas: não perder tempo, já dizia um anúncio da Empresa Brasileira de Relógios Horano início da década de 50.

O segredo dos paulistas: não	perder	tempo, já dizia um anúncio da Empresa Brasileira de Relógios Hora	no início da década de 50.
Ator	Processo material	Meta	Circunstância de localização
Ator Social (paulistas) personalização – determinação – categorização – classificação			
Agente Social substantivo – classificado – genérico			

Nessa oração material, o Ator “paulistas” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por classificação, além de ser genérico.

Era a São Paulo do progresso, do desenvolvimento, que começava a dar sinais da megalópole desvairada que viria a ser.

Era a São Paulo do progresso, do desenvolvimento, que	Começava	a dar sinais da megalópole desvairada que viria a ser.
Ator	Processo material	Meta

“São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo”, dizia o entusiasmado slogan criado na exaltação das comemorações do IV Centenário da cidade.

“São Paulo	é	a cidade que mais cresce no mundo”,	dizia o entusiasmado slogan criado na exaltação das comemorações do IV Centenário da cidade.
Identificado	Processo relacional identificativo	Identificador	

Foi nessa capital do trabalho, nessa cidade que não para, que surgiu o célebre sambista e radioator Adoniran Barbosa, autor de canções inesquecíveis como “Saudosa Maloca” e “Trem das Onze”.

Foi nessa capital do trabalho, nessa cidade	Surgiu	o célebre sambista e radioator Adoniran Barbosa, autor de canções inesquecíveis como “Saudosa
---	--------	---

que não para, que		Maloca” e “Trem das Onze”.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – nomeação		
Agente Social substantivo – nomeado		

Nessa oração material, é na Meta que se encontra o Ator Social “Adoniran Barbosa”, que é caracterizado por personalização, determinação, do tipo nomeação, e é um Agente Social nomeado.

Ele, nascido João Rubinato, ousou parar.

Ele, nascido João Rubinato,	Ousou	parar.
Experenciador	Processo mental	Fenômeno
Ator Social personalização – determinação – nomeação		
Agente Social substantivo – nomeado – específico		

Nessa oração relacional, é no Experenciador que se encontra o Ator Social “Ele, João Rubinato”, que é caracterizado por personalização, determinação, do tipo nomeação, e é um Agente Social nomeado.

Parar para ouvir e contar a rotina de uma outra São Paulo que	via e vivia	o “progresso” de um jeito bem diferente.
Ator	Processo material	Meta

Adoniran aparece, então, como narrador, como fonte de uma outra história.

Adoniran	aparece,	então, como narrador, como fonte de uma outra história.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – nomeação		
Agente Social substantivo – nomeado		

Nessa oração material, é no Ator que se encontra o Ator Social “Adoniran Barbosa”, que é caracterizado por personalização, determinação, do tipo nomeação, e é um Agente Social nomeado.

Em um momento em que o rádio se populariza, ele funcionava como uma ponte entre a rua e o rádio.

Em um momento em que o rádio se populariza, ele	funcionava	como uma ponte entre a rua e o rádio.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação		
Agente Social pronome – específico		

Nessa oração material, é no Ator que se encontra o Ator Social “ele”, que é caracterizado por personalização e determinação e é um Agente Social específico.

[Ele] Trazia a poética das ruas para o rádio em forma de personagens, de histórias, de crônicas.

[Ele]	Trazia	a poética das ruas para o rádio em forma de personagens, de histórias, de crônicas.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação		
Agente Social pronome – específico		

Nessa oração material, é no Ator que se encontra o Ator Social “ele”, que é caracterizado por personalização e determinação e é um Agente Social específico.

Adoniran seria então a voz de uma cultura popular, não letrada, que busca sua inspiração na fala.

Adoniran	Seria	então a voz de uma cultura popular, não letrada, que busca sua inspiração na fala.
Identificado	Processo relacional identificativo	Identificador
Ator Social personalização – determinação – nomeação		
Agente Social substantivo – nomeado		

Nessa oração relacional, é no Identificado que se encontra o Ator Social “Adoniran”, que é caracterizado por personalização, determinação, do tipo nomeação, e é um Agente Social nomeado.

Que fala? Aquela que se encontra a poética das ruas para o rádio em forma de personagens, de histórias, de crônicas.

Que fala? Aquela que se	Encontra	a poética das ruas para o rádio em forma de personagens, de histórias, de crônicas.
Ator	Processo material	Meta

Uma cidade respira quando nela existem lugares da palavra, pouco importa sua função oficial – o café da esquina, a praça do mercado, a fila de espera dos correios, a banca do jornaleiro, o portão da escola na hora da saída.

Uma cidade	respira	quando nela existem lugares da palavra, pouco importa sua função oficial – o café da esquina, a praça do mercado, a fila de espera dos correios, a banca do jornaleiro, o portão da escola na hora da saída.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado		

Nessa oração material, é no Ator que se encontra o Ator Social “Adoniran Barbosa”, que é caracterizado por personalização, determinação, do tipo funcionalização, e é um Agente Social nomeado.

A transfiguração da sociedade pelo progresso não para e vai, aos poucos, extinguindo esses “lugares da palavra”.

A transfiguração da sociedade pelo progresso não	para e vai,	aos poucos, extinguindo esses “lugares da palavra”.
Ator	Processo material	Meta

Adoniran viveu isso

Adoniran	Viveu	isso
----------	-------	------

Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – nomeação		
Agente Social substantivo – nomeado		

Nessa oração material, é no Ator que se encontra o Ator Social “Adoniran”, que é caracterizado por personalização, determinação, do tipo nomeação, e é um Agente Social nomeado.

E [Adoniran] foi uma espécie de resistência a esse processo.

E [Adoniran]	Foi	uma espécie de resistência a esse processo.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – nomeação		
Agente Social substantivo – nomeado		

Nessa oração material, também é no Ator que se encontra o Ator Social “Adoniran Barbosa”, que é caracterizado por personalização, determinação, do tipo nomeação, e é um Agente Social nomeado.

Ele não conseguiu, no entanto, fazer essa resistência através do samba até o fim.

Ele não	conseguiu, no entanto, fazer	essa resistência através do samba até o fim.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação		
Agente Social pronome – específico		

Nessa oração material, é no Ator que se encontra o Ator Social “Ele”, que é caracterizado por personalização, determinação, e é um Agente Social específico.

A cidade do progresso crescia e ia engolindo a São Paulo de Adoniran,

A cidade do progresso	crescia e ia engolindo	a São Paulo de Adoniran,
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – nomeação		
Agente Social substantivo – nomeado - passivo		

Nessa oração material, é na Meta que se encontra o Ator Social “Adoniran”, que é caracterizado por personalização, determinação, do tipo nomeação, e é um Agente Social nomeado e passivo.

até que, um dia, ele se viu impossibilitado de continuar compondo.

até que, um dia,	ele se	viu impossibilitado	de continuar compondo.
Circunstância de localização	Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação			
Agente Social pronome – específico			

Nessa oração material, é no Ator que se encontra o Ator Social “ele”, que é caracterizado por personalização, determinação, e é um Agente Social específico.

Me mandaram achar São Paulo

Me	mandaram	achar São Paulo
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação		
Agente Social pronome – específico		

Nessa oração material, é no Ator que se encontra o Ator Social “me”, que retoma Adoniran Barbosa, que é caracterizado por personalização do tipo determinação e é um Agente Social específico.

e eu não achei.

e eu não	achei.	
Ator	Processo material	
Ator Social personalização – determinação		
Agente Social pronome – específico		

Nessa oração material, é no Ator que se encontra o Ator Social “eu”, que é caracterizado por personalização, determinação, e é um Agente Social específico.

Me mandaram achar o Bexiga

Me	mandaram	achar o Bexiga
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação		
Agente Social pronome – específico		

Nessa oração material, é no Ator que se encontra o Ator Social “me”, que retoma Adoniran Barbosa, que é caracterizado por personalização do tipo determinação e é um Agente Social específico.

e não existia mais, a não ser alguma coisa ali pela 13 de Maio, rua Fortaleza.

e não	Existia	mais, a não ser alguma coisa ali pela 13 de Maio, rua Fortaleza.
	Processo material	Meta

O Brás é quem te viu e quem te vê.

O Brás	é	quem te viu e quem te vê.
Atributo	Processo relacional atributivo	Portador

Mas [eu] já não sofro mais,

Mas [eu] já não	sofro	mais,
Ator	Processo material	meta
Ator Social personalização - determinação		

Nessa oração material, é no Ator que se encontra o Ator Social “eu”, recuperado pela flexão no verbo, que é caracterizado por personalização do tipo determinação e é um Agente Social específico.

[eu] estou calejado”, afirmou, melancólico, em uma de suas últimas entrevistas.

[eu]	Estou	calejado”, afirmou, melancólico, em uma de suas últimas entrevistas.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social encobrimento		
Agente Social agente relegado ao segundo Plano		

Nessa oração material, é no Ator que se encontra o Ator Social “eu”, recuperado pela flexão no verbo, que é caracterizado por personalização do tipo determinação e é um Agente Social específico.

O texto 5 não possui título e trata do progresso pelo qual a cidade de São Paulo passou e a visão de um sambista e radioator acerca desse progresso. Trata-se de um assunto interessante, uma vez que o texto traz uma crítica ao crescimento desenfreado pelo qual passou a cidade de São Paulo, processo em que se tornou a maior cidade do país. Um processo de migração tão intenso que de 1900 a 1950, a população de São Paulo saltou de 239.820 para 2.227.512 pessoas (ARAUJO). A questão é a desatualização do texto; atualmente, São Paulo cresce bem menos que outras cidades, conforme Censo de 2010. A análise dos processos demonstrou o seguinte resultado:

Tipo de processo	Quantidade
Processos materiais	22
Processos relacionais atributivos	2
Processos relacionais identificativos	2
Processos mentais	0
Processo verbal	0
Processo comportamental	0

Esse texto é essencialmente construído a partir representação de eventos e ações por meio dos processos materiais, que estabelecem algum tipo de mudança, geralmente mudanças que ocorrem no mundo material, como em “Adoniram viveu isso...”. Exceto alguns processos relacionais, que têm a função de identificar, os demais processos mencionados são formas de ação (perder, começar, viver, funcionar etc.). É

um texto que caracteriza a cidade de São Paulo por meio, principalmente, de formas de ação, representando uma série de atividades. As pessoas são parcialmente incluídas (Adoniran). As relações sociais e as formas institucionais, bem como os meios, os tempos e os espaços, a linguagem dos tipos de eventos representados são excluídos.

É possível considerar que trazer um texto sobre a cidade de São Paulo, uma das mais importantes do Brasil, nesse livro é interessante. No entanto, a questão, já levantada aqui, é a desatualização do texto, textos que refletem como a cidade é hoje, suas belezas, as pessoas que lá vivem, entre outros aspectos.

Em relação aos Atores Sociais envolvidos, os únicos envolvidos são Adoniran e São Paulo, assim a representação é marcada pela impersonalização, como em “São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo” e nomeação realizada por meio de nome próprio, ou seja, representado em termos de sua identidade única: “Adoniran seria então a voz de uma cultura popular”. O povo de São Paulo só aparece em um encobrimento, quando trata da cultura popular: “Adoniran seria então a voz de uma cultura popular, não letrada, que busca sua inspiração na fala”.

Os principais Agentes Sociais incluídos no texto são os paulistas, a sociedade e Adoniran. As pessoas responsáveis pelas mudanças em São Paulo (governantes, por exemplo) são excluídas. Os Agentes Sociais são participantes (por exemplo, “Adoniran viveu isso”) ou estão sobre a forma de substantivo e pronomes (a primeira pessoa e a terceira do plural são usadas anaforicamente para fazer menção a algo já citado. Adoniran Barbosa é representado tanto na forma ativa (como em “Adoniran viveu isso e foi uma espécie de resistência a esse processo” quanto na passiva (por exemplo, “engolindo a São Paulo de Adoniran”). Os Agentes Sociais são tanto classificados quanto nomeados e faz-se referência a grupos quando existe uma classificação. A referência é específica e não genérica.

4.1.6 Texto 6 – Preferência Nacional

Uma pesquisa sobre os personagens folclóricos mais populares no País colocaria no topo da lista, ao lado do saci-pererê, a cuca, que pertence ao chamado ciclo da angústia infantil e não tem características físicas definidas.

Uma pesquisa sobre os personagens folclóricos mais populares no País	colocaria	no topo da lista, ao lado do saci-pererê, a cuca, que pertence ao chamado ciclo da angústia infantil e não tem características
--	-----------	--

		físicas definidas.
Ator	Processo material	Meta

Por várias gerações, crianças que se recusam a dormir

Por várias gerações, crianças que se	recusam	a dormir
Experienciador	Processo mental	Fenômeno
Ator Social personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração mental, o Experienciador “crianças” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por classificação, além de ser genérico.

ou [crianças] insistem em continuar tagarelando quando já estão deitadas

ou [crianças]	insistem	em continuar tagarelando quando já estão deitadas
Experienciador	Processo mental	Fenômeno
Ator Social personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração mental, o Experienciador “crianças” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por classificação, além de ser genérico.

[crianças] São advertidas de que podem ser levadas pela cuca para um lugar misterioso.

[crianças]	São advertidas	de que podem ser levadas pela cuca para um lugar misterioso.
Experienciador	Processo mental	Fenômeno
Ator Social personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração mental, o Experienciador “crianças” no sistema da transitividade é também o ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, categorização por classificação, além de ser genérico.

“ Nana, nenê, que a cuca vem pegar”,

“ Nana, nenê, que a cuca	vem pegar”,
Ator	Processo material
Ator Social personalização – determinação – classificação	
Agente Social substantivo – classificado – genérico	

Nessa oração material, o Ator “nenê” no sistema da transitividade é também um ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, classificação, além de ser genérico.

quem não conhece?

quem não	conhece?
Ator	Processo material
Ator Social personalização – indeterminação	
Agente Social pronome – genérico	

Nessa oração material, o Ator “quem” no sistema da transitividade é também um Ator Social, que é caracterizado por personalização e indeterminação, e é um Agente Social genérico.

Outro campeão de popularidade é o curupira, um duende com cabeleira de fogo e calcanhares para a frente.

Outro campeão de popularidade	é	o curupira, um duende com cabeleira de fogo e calcanhares para a frente.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

[curupira] É conhecido como guardião das florestas

[curupira]	É	conhecido como guardião das florestas
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

e em 1960o padre José de Anchieta já registrava o temor que o mito causava aos índios:

e em 1960	o padre José de Anchieta já	Registrava	o temor que o mito causava aos índios:
	Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – funcionalização e nomeação			
Agente Social substantivo – nomeado – específico			

Nessa oração material, o Ator “padre José de Anchieta” no sistema da transitividade é também um ator/ Agente Social, que é caracterizado por personalização, determinação, funcionalização (padre) e nomeação (José de Anchieta), além de ser um Agente Social nomeado e específico.

“É coisa sabida e pela boca de todos corre que há certos demônios

“É coisa sabida e pela boca de todos corre que	Há	certos demônios
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – indeterminação		
Agente Social substantivo – genérico		

Nessa oração material, o Ator “todos” no sistema da transitividade é também um Ator Social, que é caracterizado por personalização e indeterminação, e é um Agente Social genérico.

e que os brasis chamam de curupira, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhes açoite, machucam-nos e matam-nos.

e que os brasis	Chamam	de curupira, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhes açoite, machucam-nos e matam-nos.
Dizente	Processo verbal	Verbiagem

Ator Social (brasis, índios) personalização – determinação – classificação
Agente Social substantivo – classificado – genérico

Nessa oração verbal, o Dizente “brasis” no sistema da transitividade é também um Ator Social, que é caracterizado por personalização e determinação por classificação, e é um Agente Social classificado e genérico.

São testemunhas disto os nossos irmãos, que viram algumas vezes os mortos por eles”.

São testemunhas disto os nossos irmãos, que	Viram	algumas vezes os mortos por eles”.
Experienciador	Processo mental	Fenômeno
Ator Social personalização – determinação – identificação relacional		
Agente Social substantivo – pessoal – genérico		

Nessa oração mental, o Ator “irmãos” no sistema da transitividade é também um Ator Social, que é caracterizado por personalização e determinação por identificação relacional, e é um Agente Social pessoal e genérico.

Sua fama é tanta que em 11 de setembro de 1970 o então governador de São Paulo Abreu Sodré assinou uma lei instituindo o curupira como guardião das florestas e animais do Estado.

Sua fama é tanta que em 11 de setembro de 1970 o então governador de São Paulo Abreu Sodré	Assinou	uma lei instituindo o curupira como guardião das florestas e animais do Estado.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – funcionalização e nomeação		
Agente Social substantivo – classificado e nomeado		

Nessa oração material, o Ator “governador Abreu Sodré” no sistema da transitividade é também um Ator Social, que é caracterizado por personalização e funcionalização e nomeação, e é um Agente Social classificado e nomeado.

A mula-sem-cabeça também provoca calafrios, não só no Brasil como em toda a América Latina.

A mula-sem-cabeça também	Provoca	calafrios, não só	no Brasil como em toda a América Latina.
Ator	Processo material	Meta	Circunstância de localização

[mula-sem-cabeça] É definida como a forma que toma a concubina do sacerdote.

[mula-sem-cabeça]	É	definida como a forma que toma a concubina do sacerdote.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

Conta a lenda que a infeliz se transforma em um animal que assombra quem encontra.

Conta a lenda que a infeliz se	Transforma	em um animal que assombra quem encontra.
Ator	Processo material	Meta

Seu galope é ouvido longe.

Seu galope	é ouvido	longe.
Experienciador	Processo mental	Fenômeno

[mula-sem-cabeça] Não tem cabeça,

[mula-sem-cabeça] Não	Tem	cabeça,
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

Mas [mula-sem-cabeça] relincha e às vezes soluça

Mas [mula-sem-cabeça]	relincha e às vezes soluça	como gente.
Ator	Processo material	Meta

Uma das formas de se quebrar o encanto é provocar um ferimento na vítima.

Uma das formas de se quebrar o encanto	É	provocar um ferimento na vítima.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

Essa é também uma das maneiras de livrar alguém da sina do lobisomem, uma lenda famosa em todo o mundo,

Essa	É	também uma das maneiras de livrar alguém da sina do lobisomem, uma lenda famosa em todo o mundo,
Atribuído	processo relacional atributivo	Atributo

[lenda] que já serviu de tema para vários filmes e livros.

[lenda] que já	Serviu	de tema para vários filmes e livros.
Ator	Processo material	Meta

A tradição vem da Grécia

A tradição	Vem	da Grécia
Ator	Processo material	Meta

e na África existem tribos que em suas iniciações rituais garantem manter associações com lobos e tigres.

e na África	Existem	tribos que em suas iniciações rituais garantem manter associações com lobos e tigres.
Ator	Processo material	Meta

No Brasil não havia nada a respeito do lobisomem até a chegada dos portugueses.

No Brasil não	Havia	nada a respeito do lobisomem até a chegada dos portugueses.
Dizente	Processo existencial	Meta

Foi importado da Europa

	Foi importado	da Europa
Ator	Processo material	Meta

E ganhou grande fama no País.

E	Ganhou	grande fama no País.
Ator	Processo material	Meta

É sina do oitavo filho de um casal com sete filhas transformar-se em lobisomem, meio lobo e meio homem,

É sina do oitavo filho de um casal com sete filhas	transformar-se	em lobisomem, meio lobo e meio homem,
Ator	Processo material	Meta

Que aparece nas noites enluaradas de terças e sextas-feiras.

Que	aparece	nas noites enluaradas de terças e sextas-feiras.
Ator	Processo material	Meta

No Nordeste dizem que doentes de amarelão também viram lobisomem.

No Nordeste	Dizem	que doentes de amarelão também viram lobisomem.
Dizente	Processo verbal	

O texto intitulado “Preferência nacional” trata dos personagens folclóricos mais populares no Brasil. Em um total 19 processos, 11 são materiais, mas conta com alguns processos relacionais, pois o texto caracteriza esses personagens folclóricos: “[o curupira] [é conhecido como guardião das florestas”

Tipo de Processo	Quantidade
Processos materiais	11
Processos relacionais atributivos	5
Processos relacionais identificativos	1
Processos mentais	0
Processo verbal	0
Processo comportamental	2

Nesse texto há formas de ação (colocar, pegar, registrar), pessoas (crianças, brasis, índios, padre José de Anchieta), relações sociais (relação subtendida entre a criança e o adulto) e lugar (Brasil, São Paulo, florestas), há também processos que identificam (como ser), processos mentais (como ver, ouvir) e processos verbais (como chamar e dizer). Dada a extensão do texto, é rico em tipos de processos, não privilegiando um tipo de processo, quando comparado aos outros textos.

As pessoas são parcialmente incluídas, pois apesar de que a relação entre crianças e adultos possa ser subtendida, os adultos não são representados, apenas as crianças e os personagens folclóricos, como em “(crianças) são advertidas de que podem ser levadas pela cuca para um lugar misterioso”. Ainda quanto aos participantes, há agentes (“Por várias gerações, crianças que se recusam a dormir”) e pacientes (“e em 1960 o padre José de Anchieta já registrava o temor que o mito causava nos índios”).

Nesse texto, os Atores Sociais mais frequentes são as crianças por meio de generalização, por exemplo “[crianças] são advertidas de que podem ser levadas pela cuca...” e os personagens como o curupira e a mula-sem-cabeça representados a partir de determinação e, aqui também aparecem os índios em generalizações como “o temor que o mito causava aos índios”, vale ressaltar a passividade dos índios nesse trecho.

Os principais Agentes Sociais incluídos no texto são as crianças e os personagens folclóricos, como cuca e curupira, mas também aparecem em menor destaque os índios, o padre José de Anchieta e o ex-governador de São Paulo Abreu Sodré. As pessoas responsáveis por falar para as crianças sobre os personagens

folclóricos são encobertas. Os Agentes Sociais são participantes (por exemplo, “os brasis chamam de curupira”). Os Agentes Sociais são tanto classificados quanto nomeados e faz-se referência a grupos quando existe uma classificação.

4.1.8 Discussão dos resultados

A partir da análise dos textos, é possível perceber que os brasileiros representados nesse livro, embora denominados com culturas distintas e “um povo ainda em formação”, são ainda marcados por estereótipos, especialmente relacionados aos tipos regionais e pela visão de que há apenas uma forma correta de se falar.

Livro Bem Vindo! a língua portuguesa no mundo da comunicação

Características dos principais participantes, Atores e Agentes sociais

Principais participantes, Atores Sociais, Agentes Sociais	Categorias sistema da transitividade	Categorias Sociais/ Sociais	Atores Agentes	Alguns termos e atributos a que são relacionados
Brasileiro(s)	Meta Atribuído Ator Fenômeno	Classificação, Genérico Passivação Impersonalização		Resultado de uma mistura Cultura
Índios	Circunstância Verbiagem Meta	Classificação Passivação, Genérico		Alma comum, floresta, principais traços culturais, espírito brincalhão
Nós (inclusão do autor do texto)	Circunstância Possuidor Ator Portador Experienciador	Personalização		Dificuldades financeiras, otimismo, alegria, raízes de nossa formação, fusão de e culturas
Povo (brasileiro)	Portador	Determinação (classificação), substantivo classificado		Português, ainda em formação, união
Mulheres Mulheres negras	Atributo Circunstância	Identificação Física		Bonitas Bonitas, satisfação sexual
Imigrantes (italianos, japoneses e alemães)	Ator	Classificação Classificado, genérico		Região Sul, elementos culturais
Brasil	Possuído Atribuído	Impersonalização*		Nome imponente, país bom, alma comum
Turistas		Generalização		Praias
Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro	Ator	Nomeação, Nomeado		Cabeças mais brilhantes do Brasil
Negro		Identificação Física Classificado, genérico		Influência na formação
Gaúcho	Portador Ator	Classificação, Impersonalização Classificado, genérico		Pampas, solitário, destemido, gado, bombacha, chimarrão, churrasco
Sertanejo	Identificado Experienciador	Classificação Classificado, genérico		Sertão, jegue, vida simples
Caboclo	Ator Atribuído	Classificação Classificado, genérico		Rios, mameluco

Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Euclides da Cunha	Fenômeno	Nomeação	Sertanejo
Caboclo	Ator Atribuído	Classificação	Mameluco, ribeirinho,
Mulato	Atribuído	Identificação Física	Cruzamento entre brancos e negros, beleza (período colonial), símbolo da beleza (atual)
Caipira	Portador Ator Possuidor	Classificação	Roça, modos rústicos, jeca, capiau
Seringueiro	Ator Atribuído	Funcionalização	Floresta Amazônica, látex
Jangadeiro	Identificado Ator	Funcionalização	Pescador, nordeste
Pantaneiro	Ator	Funcionalização	Vaqueiro, Pantanal
Caiçara	Identificado Ator	Classificação	Sudeste, mangue
Mestiço oriental	Ator	Classificação	Fenômeno recente, raro ⁶
Capoeiristas	Ator	Classificação	Cultura negra,
Carnaval	Ator Portador	Impersonalização	Origem portuguesa, composição
São Paulo Paulistas	Ator Identificado	Impersonalização	Progresso, pressa dos paulistas
Crianças	Experienciador	Generalização	Folclore, personagens

Essa tabela demonstra que a maioria das representações dos Atores, Agentes Sociais é feita por classificação, funcionalização, identificação física, nomeação e generalização. Assim, as principais representações são feitas por meio de substantivos que expressam a categoria em termos de idade, gênero, raça, classe, nacionalidade (classificação), de um papel ou atividade institucional (funcionalização), de suas características físicas (identificação física), de seus nomes próprios (nomeação) e de forma genérica (generalização). Além disso, índios e negros aparecem, em quase todas as ocorrências, passivos na oração, participantes na formação do povo brasileiro, porém excluídos do contexto atual.

Em relação aos atributos, não trata de aspectos culturais de índios e negros, os quais são referidos apenas em relação à capoeira e à formação do povo brasileiro, e nem regionalmente, pois apesar de apresentar os tipos regionais (jangadeiro, pantaneiro e caiçara são mais relacionados à profissão e não a tipo regional), não traz muita informação cultural, trata um pouco de cultura brasileira mais genericamente ao trazer interessantes aspectos do carnaval e do folclore.

No contexto de miscigenação dos habitantes do Brasil, caracterizados como mulato (branco + negro); caboclo ou mameluco (branco + índio); cafuzo (índio +

⁶ Não se trata mais de um fenômeno raro nem tão recente.

negro), com o prosseguimento da miscigenação, originaram-se os inúmeros tipos que hoje compõem a nossa população.

4.2 Livro Tudo bem? Português para a nova geração

No livro **Tudo bem? Português para a nova geração** foram extraídos seis textos para análise. Este livro traz textos bem menores, pois se trata de um público iniciante. Os textos possuem diversas origens, alguns foram retirados de revistas, outros parecem ser de elaboração dos autores do livro. A escolha dos textos segue o mesmo critério do livro **Bem vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação**. A análise dos processos e participantes foi feita com base no sistema da transitividade de Halliday, os Atores Sociais foram analisados a partir da teoria proposta por Van Leeuwen e os Agentes Sociais, pela proposta de Fairclough.

Serão apresentadas as análises por oração seguidas de descrição apenas das orações que possuem Ator/ Agente Social. Após cada texto, é apresentada uma análise do sistema da transitividade, dos Atores Sociais e dos Agentes Sociais presentes no texto.

4.2.1 Texto 1 – Os índios brasileiros do Xingu

No norte do Mato Grosso, divisa com o Pará, espalhado por 27 mil quilômetros quadrados, quase do tamanho da Bélgica, está o Parque Nacional do Xingu.

No norte do Mato Grosso, divisa com o Pará, espalhado por 27 mil quilômetros quadrados, quase do tamanho da Bélgica,	Está	o Parque Nacional do Xingu.
Circunstância de lugar	Processo relacional atributivo	Atributo

Lá vivem 3.600 índios que vieram de várias outras tribos.

Lá	Vivem	3.600 índios
Circunstância de localização	Processo material	Meta
Ator Social (índios) personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator Social “índios” está na Meta no sistema da transitividade e é caracterizado por personalização, determinação e classificação, e é um Agente Social classificado e genérico.

Que vieram de várias outras tribos.

Que [índios]	vieram	de várias outras tribos.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (índios) personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator Social “índios” é o Ator no sistema da transitividade e é caracterizado por personalização, determinação e classificação, e é um Agente Social classificado e genérico.

Entre eles estão os jurunas, kamaiurás, trumais, kaiabis, suyás...

Entre eles	Estão	os jurunas, kamaiurás, trumais, kaiabis, suyás...
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo
Ator Social personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – específico		

Nessa oração relacional atributiva, o Ator Social “jurunas, kamaiurás, trumais, kaiabis, suyás” está no Atributo no sistema da transitividade e é caracterizado por personalização e indeterminação, e é um Agente Social classificado e específico.

Graças à sabedoria de algumas lideranças indígenas e brancas, o Xingu é hoje um raro arranjo harmônico entre culturas díspares.

Graças à sabedoria de algumas lideranças indígenas e brancas, o Xingu	É	hoje um raro arranjo harmônico entre culturas díspares.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo
Ator Social (índigenas e brancas) personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – específico		

Nessa oração relacional atributiva, o Ator Social “índigenas e brancas” está no Portador no sistema da transitividade e é caracterizado por personalização, determinação por classificação, e é um Agente Social classificado e específico.

Foram os brancos que escolheram a área da reserva e que, os poucos, levaram pra lá, índios de vários pontos da Amazônia.

Foram	os brancos	que escolheram a área da reserva e que, os poucos, levaram pra lá, índios de vários pontos da Amazônia.
Processo material	Ator	Meta
Ator Social (brancos; índios) personalização – determinação – classificação		

Agente Social substantivo – classificado – genérico

Nessa oração material, o Ator Social “brancos” está no Ator no sistema da transitividade e o Ator Social “índios” na Meta, ambos caracterizados por personalização do tipo determinação por classificação, e Agentes Sociais classificados e específicos.

Mesmo afastada dos centros urbanos e da vida moderna, a geração xinguana, inevitavelmente, convive com sandálias havaianas, pilhas, lanternas, calções de brim, camisetas de time de futebol, tênis, aparelhos de televisão com antenas parabólicas, rádios, barcos com motores...

Mesmo afastada dos centros urbanos e da vida moderna, a geração xinguana	Convive	com sandálias havaianas, pilhas, lanternas, calções de brim, camisetas de time de futebol, tênis, aparelhos de televisão com antenas parabólicas, rádios, barcos com motores...
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (brasileiro) personalização – determinação – categorização		
Agente Social substantivo – classificado – específico		

Nessa oração material, o Ator Social “geração xinguana” está no Ator no sistema da transitividade e é caracterizado por personalização do tipo determinação por categorização, e é um Agente Social classificado e específico.

Mas, apesar de toda essa modernidade, enquanto a civilização ainda engatinha com o v-chip, a solução eletrônica que vai permitir aos pais censurar os programas de televisão inadequados para seus filhos, os caciques do Xingu já resolveram o problema.

Mas, apesar de toda essa modernidade, enquanto a civilização ainda	Engatinha	com o v-chip, a solução eletrônica que vai permitir aos pais censurar os programas de televisão inadequados para seus filhos,
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (civilização) personalização – indeterminação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator Social “civilização” está no Ator no sistema da transitividade e é caracterizado por personalização e indeterminação, e é um Agente Social classificado e genérico.

os caciques do Xingu já	Resolveram	o problema.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – específico		

Nessa oração material, o Ator Social “caciques” está no Ator no sistema da transitividade e é caracterizado por personalização do tipo determinação por classificação, e é um Agente Social classificado e específico.

Foram radicais.

[os caciques]	Foram	Radicais
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (índios) personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator Social “caciques” está no Ator no sistema da transitividade e é caracterizado por personalização do tipo determinação por classificação, e é um Agente Social classificado e específico.

Eles perceberam que as brincadeiras das crianças tornavam-se violentas depois que assistiam a programas de televisão e simplesmente baixaram a ordem: desligar os aparelhos.

Eles	Perceberam	que as brincadeiras das crianças tornavam-se violentas depois que assistiam a programas de televisão
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização		
Agente Social pronome – específico		

Nessa oração material, o Ator Social “eles” está no Ator no sistema da transitividade e é caracterizado por personalização, e é um Agente Social específico.

e [os caciques] simplesmente	Baixaram	a ordem: desligar os aparelhos.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (índios) personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – específico		

Nessa oração material, o Ator Social “caciques” está no Ator no sistema da transitividade e é caracterizado por personalização do tipo determinação por classificação, e é um Agente Social classificado e específico.

Todo mundo obedece.

Todo mundo	obedece.
Ator	Processo material
Ator Social personalização – indeterminação	
Agente Social genérico	

Nessa oração material, o Ator Social “todo mundo” está no Ator no sistema da transitividade e é caracterizado por personalização do tipo indeterminação, e é um Agente Social genérico.

Todos os índios são agricultores. Mandioca, banana, amendoim e milho são cultivos de base. Entre sim, vivem de trocas.

Todos os índios	São	agricultores.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo
Ator Social (índios) personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração relacional atributivo, o Ator Social “índios” está no Portador no sistema da transitividade e é caracterizado por personalização do tipo determinação por classificação, e é um Agente Social classificado e genérico.

Mandioca, banana, amendoim e milho são cultivos de base.

Mandioca, banana, amendoim e milho	São	cultivos de base.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

Entre si, vivem de trocas.

Entre si,	Vivem	de trocas.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (si) personalização		
Agente Social pronome – genérico		

Nessa oração material, o Ator Social “si” retoma índios, está no Portador no sistema da transitividade e é caracterizado por personalização, e é um Agente Social genérico.

Há muitos brancos, médicos, professores, catequistas que lutam e contribuem para a preservação do Xingu, o oásis do Brasil.

Há muitos brancos, médicos, professores, catequistas que	lutam e contribuem	para a preservação do Xingu, o oásis do Brasil.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (brancos) personalização – determinação – classificação(médicos, professores, catequistas) personalização – determinação – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico(médicos, professores, catequistas) substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, os Atores Sociais “brancos, médicos, professores, catequistas” estão no Ator no sistema da transitividade. “Branco” é uma Ator Social caracterizado por personalização, determinação do tipo classificação e é um Agente Social classificado e genérico. “Médico, professores e catequistas” são Atores Sociais marcados pela personalização, determinação do tipo classificação e são Agentes Sociais classificados e genéricos.

E entre os índios, quanto melhor falar o português, maior status na tribo. O português, na região, é o idioma do entendimento, já que as catorze etnias têm línguas próprias.

E entre os índios, quanto melhor falar o português, maior status na tribo. O português, na região,	É	o idioma do entendimento, já que as catorze etnias têm línguas próprias.
--	---	--

Processo verbal	Processo relacional identificativo	Atributo
Ator Social (índios) personalização – determinação – classificação		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração verbal, o Ator Social “índios” está na Circunstância no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por determinação do tipo classificação, e é um Agente Social classificado e genérico.

No texto “Os índios brasileiros do Xingu”, são apresentadas algumas informações sobre os índios brasileiros que vivem no Xingu. A tabela a seguir mostra o resultado da análise dos processos nesse texto.

Tipo de processo	Quantidade
Processos materiais	12
Processos relacionais atributivos	6
Processos relacionais identificativos	1
Processos mental	0
Processo verbal	1
Processo comportamental	0
Processo existencial	0

Na tabela, fica evidente a predominância de processos materiais nesse texto, o que se justifica pelo fato de focar dar informações sobre os índios que vivem no Parque Nacional do Xingu. Dessa forma, em relação aos processos envolvidos nos eventos sociais presentes no texto, a maioria dos processos mencionados no texto são formas de ação (viver, vir, conviver, engatinhar, resolver) bem como objetos dessas formas de ação (índios, tribos, culturas). Também há processos relacionais (como ser), que codificam significados de ser, caracterizando tanto o Xingu: “...o Xingu é hoje um raro arranjo harmônico entre culturas díspares” quanto os índios que lá vivem: “...a geração xinguana convive com sandálias havaianas, pilhas, lanternas...”.

As formas de ação e de identificação são priorizadas em relação às demais, pois esse texto representa uma série de ações e caracterizações. As pessoas incluídas são brancos, índios, geração xinguana, caciques, crianças, médicos, professores, catequistas. Com relação aos participantes, há Agentes Sociais passivos, como, por exemplo, os ‘índios’ (“...foram os brancos que escolheram a área e, aos poucos, levaram pra lá índios de vários pontos da Amazônia”, trecho que demonstra a passividade dos índios no processo de irem para o Xingu), que também aparece como agente em “Todos os índios são agricultores”, e outros agentes, como o ‘cacique’ (“Os cacique do Xingu já resolveram o problema”), geração xinguana, em exemplo já citado,

e brancos, médicos, professores, catequistas (“Há muitos brancos, médicos, professores, catequistas que lutam e contribuem para a preservação do Xingu, o oásis do Brasil).

Esse texto, além de mostrar a influência da cultura dos brancos na cultura indígena, como fica evidente no exemplo: “Mesmo afastada dos centros urbanos e da vida moderna, a geração xinguana, inevitavelmente, convive com sandálias havaianas, pilhas, lanternas, calções de brim, camisetas de time de futebol, tênis, aparelhos de televisão com antenas parabólicas, rádios, barcos com motores...”, mostra também a influência e a predominância da língua portuguesa em relação às línguas indígenas: “E entre os índios, quanto melhor falar o português, maior *status* na tribo. O português, na região, é o idioma do entendimento, já que as catorze etnias têm línguas próprias”.

Os principais Atores Sociais são índios, geração xinguana e o cacique, aparecendo em menor incidência crianças, médicos, professores, catequistas, isto é, os Atores Sociais são representados por meio de personalização por categorização, especialmente por funcionalização na representação dos Atores Sociais médico, professor, catequista, cacique e por identificação física: crianças, índios e identificação relacional: pais. Dessa maneira, pode-se afirmar que entre os Agentes Sociais incluídos estão: brancos, índios, geração xinguana, caciques, crianças, médicos, professores, catequistas, civilização, pais. Os Agentes Sociais são participantes (por exemplo, “Todos os índios são agricultores”) ou estão sobre a forma de substantivo e pronomes. Os índios, principais Agentes Sociais, são representados tanto na forma ativa quanto passiva. Os Agentes Sociais são classificados (índios, professores, brancos, pais, caciques etc.) e faz-se referência a grupos nas classificações, que podem ser específicas ou genéricas.

4.2.2 Texto 2 – Jovens preferem internet à TV, revela estudo

Jovens	Preferem	Internet à TV, revela estudo
Experienciador	Processo mental desiderativo	Fenômeno
Ator Social (jovens) personalização – determinação – classificação (idade)		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Assim como a televisão desempenhou um papel significativo na formação das gerações passadas, a Internet vem se tornando rapidamente a principal fonte de informação para a juventude atual.

Assim como a televisão	Desempenhou	um papel significativo na formação das gerações passadas,
Ator	Processo material	Meta

a Internet	vem se tornando	rapidamente a principal fonte de informação para a juventude atual.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (juventude) personalização – determinação – classificação (idade)		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator Social “juventude” está na Meta no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por determinação do tipo classificação, e é um Agente Social classificado e genérico.

Essa é a conclusão de um estudo realizado pela ICD RKM Research com 302 jovens de 15 a 24 anos no Brasil, nos Estados Unidos e na Rússia.

Essa	É	a conclusão de um estudo realizado pela ICD RKM Research com 302 jovens de 15 a 24 anos no Brasil, nos Estados Unidos e na Rússia.
Portador	Processo relacional identificativo	Atributo
Ator Social (jovens) personalização – determinação – classificação (idade)		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração relacional identificativa, o Ator Social “jovens” está no Atributo no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por determinação do tipo classificação, e é um Agente Social classificado e genérico.

Em geral, os participantes da pesquisa apontaram a televisão como “chata” e “inconveniente”.

Em geral, os participantes da pesquisa	Apontaram	a televisão como “chata” e “inconveniente”.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (participantes) personalização – determinação – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator Social “participantes” está no Ator no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por determinação do tipo funcionalização, e é um Agente Social classificado e genérico.

A Internet, por sua vez, foi classificada como necessária e importante.

A Internet, por sua vez,	foi classificada	como necessária e importante.
Ator	Processo material	Meta

O texto 2 **Jovens preferem internet à TV, revela estudo** é um texto jornalístico, cujo objetivo é mostrar a preferência dos jovens brasileiros e de outras nacionalidades. Na tabela a seguir, é apresentado o resultado da análise dos processos nesse texto.

Tipo de processo	Quantidade
Processos materiais	4
Processos relacionais atributivos	0
Processos relacionais identificativos	1
Processos mentais	1
Processo verbal	0
Processo comportamental	0
Processo existencial	0

Como demonstra a tabela, trata-se de um texto curto, com apenas 5 processos, desses 4 são processos materiais. Em relação aos processos envolvidos nos eventos sociais presentes no texto, os processos mencionados no texto que representam ações são desempenhar, tronar-se, apontar, classificar, bem como objetos dessas formas de ação (papel significativo, Internet, televisão). Há, também, processo relacional ser, que caracteriza o estudo realizado com os jovens que motivou o artigo.

Em relação aos participantes, os jovens, únicos participantes do texto são Agentes Sociais passivos, como, por exemplo, em: “a Internet vem se tornando rapidamente a principal fonte de informação para a juventude atual” ou ativos, como no exemplo em que “jovens” são referidos como “participantes da pesquisa”: “Em geral, os participantes da pesquisa apontaram a televisão como “chata” e “inconveniente”.

A pesquisa pode ser interessante, mas é fato que não teria o mesmo resultado em qualquer estado brasileiro, visto que a Internet não está presente de forma igual nos estados brasileiros. No Maranhão, por exemplo, apenas 11% dos lares estão conectados, segundo Mapa da Inclusão Digital, divulgado em 2012, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). O estudo ainda aponta que, na divisão de classes, a AB é a que mais acessa a internet de casa, 75.8%, enquanto porcentagem de pessoas da nova classe média que se conecta à internet é de 33%. Já as classes D e E (com renda até R\$1.085) representam 9,7% e 6,7%, respectivamente, evidenciando que o acesso à internet se trata de uma questão social.

Os Atores Sociais são os “jovens”, por vezes referidos como “juventude” ou “participantes da pesquisa”, isto é, todos os atores podem ser classificados como uma personalização por determinação e, por fim, classificação. Dessa maneira, pode-se afirmar que os Agentes Sociais incluídos são substantivos, classificados e genéricos.

4.2.3 Texto 3 – Rodeios e Vaquejadas

São provas que mostram a habilidade dos peões e vaqueiros na lida com cavalos e gado.

São provas que	Mostram	a habilidade dos peões e vaqueiros na lida com cavalos e gado.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (peões, vaqueiros) personalização – determinação – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator Social “peões e vaqueiros” está na Meta no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por determinação do tipo funcionalização, e é um Agente Social classificado e genérico.

Os rodeios têm estilo americano.

Os rodeios	têm	estilo americano.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

Têm origem nas viagens de boiadeiros, as comitivas, levando gado para corte ou para invernada.

	Têm origem	nas viagens de boiadeiros, as comitivas, levando gado para corte ou para invernada.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (boiadeiros) personalização – determinação – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator Social “boiadeiros” está na Meta no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por determinação do tipo funcionalização, e é um Agente Social classificado e genérico.

A maior e mais antiga festa de peão de boiadeiro acontece em Barretos (São Paulo), há quarenta anos.

A maior e mais antiga festa de peão de boiadeiro	Acontece	em Barretos (São Paulo), há quarenta anos.
Ator	Processo material	Meta

Há apresentações de grupos folclóricos e provas equestres.

Há	apresentações de grupos folclóricos e provas equestres.	
Processo existencial	Existente	

Na vaquejada, os participantes competem em duplas para apartar e marcar o gado.

Na vaquejada, os participantes	Competem	em duplas para apartar e marcar o gado.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (participantes) personalização – determinação – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator Social “participantes” é o Ator no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por determinação do tipo funcionalização, e é um Agente Social classificado e genérico.

A cada rês dominada, o público comemora, com gritos e foguetes.

A cada rês dominada, o público	comemora,	com gritos e foguetes.
Ator	Processo material	Circunstância de modo
Ator Social (público) personalização – determinação – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator Social “público” está na Meta no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por determinação do tipo funcionalização, e é um Agente Social classificado e genérico.

As vaquejadas acontecem sobre tudo no Nordeste.

As vaquejadas	Acontecem	sobretudo no Nordeste.
Ator	Processo material	Circunstância de localização

A mais famosa é a de Orós (Ceará).

A mais famosa	É	a de Orós (Ceará).
Portador	Processo relacional identificativo	Atributo

O texto 3 “Rodeios e Vaquejadas” propõe-se a mostrar uma tradicional festa brasileira. O resultado da análise dos processos nesse texto é apresentado na tabela abaixo.

Tipo de processo	Quantidade
Processos materiais	6
Processos relacional atributivo	1
Processos relacional identificativo	1
Processos mental	0
Processo verbal	0
Processo comportamental	0
Processo existencial	1

A partir dessa tabela, podemos concluir que a maioria dos processos remete a ações relacionadas aos rodeios e vaquejadas. Em relação aos processos envolvidos nos eventos sociais presentes no texto, a maioria dos processos mencionados no texto são formas de ação (mostrar, acontecer, competir, comemorar). Há processos relacionais que codificam significados de ser, identificando as vaquejadas: “A mais famosa é a de Orós” e ter que caracteriza os rodeios: “...têm estilo americano”.

As principais pessoas incluídas são os peões e vaqueiros e o público. Com relação aos participantes, há Agentes Sociais passivos, como, por exemplo, “São provas que mostram a habilidade dos peões e vaqueiros...” e ativos, “Na vaquejada, os participantes competem em grupo”. Assim, os principais Atores Sociais são “peões” e “vaqueiros”, uma personalização que determina por funcionalização, visto que se trata da ocupação dessas pessoas. Dessa maneira, pode-se afirmar que os Agentes Sociais incluídos são substantivos, classificados e genéricos. Não há, de fato, uma caracterização do estilo de vida dos peões e vaqueiros, apenas informações superficiais acerca da festa que eles participam.

4.2.4 Texto 4 – Você conhece esta história

Você	Conhece	Esta história
Experienciador	Processo mental cognitivo	Fenômeno

Era uma vez um menino pretinho e barrigudo que tinha uma perna só.

Era uma vez um menino pretinho e barrigudo que	tinha	uma perna só.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

Usava um gorro vermelho e fumava cachimbo.

[um menino pretinho]	Usava	um gorro vermelho e fumava cachimbo.
Ator	Processo material	Meta

Ele aparecia e sumia num piscar de olhos.

Ele	aparecia e sumia	num piscar de olhos.
Ator	Processo material	Meta

Gostava de folia e de aprontar: à noite, ia aos currais dar um belo nó no rabo dos cavalos;

[ele]	Gostava	de folia e de aprontar:
Ator	Processo material	Meta

à noite, [ele]

Ia	aos currais dar um belo nó no rabo dos cavalos;	
Ator	Processo material	Meta

Ator	Processo material	Meta
------	-------------------	------

puxava a coberta de quem estava dormindo;

[ele]	Puxava	a coberta de quem estava dormindo;
Ator	Processo material	Meta

na cozinha, deixava a comida queimar no fogão e azedava o leite.

[ele]	na cozinha, deixava	a comida queimar no fogão e azedava o leite.
Ator	Processo material	Meta

Era um verdadeiro pestinha! Seu nome era Saci-Pererê! Só tinha um jeito de pôr o Saci-Pererê pra correr: colocando um rosário ou uma peneira perto dele!

[ele]	Era	um verdadeiro pestinha!
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

Seu nome	era	Saci-Pererê!
Portador	Processo relacional identificativo	Atributo

Só	Tinha	um jeito de pôr o Saci-Pererê pra correr: colocando um rosário ou uma peneira perto dele!
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

No texto 4 “Você conhece esta história”, o assunto é folclore brasileiro, um tema rico e pertinente. A tabela a seguir mostra o resultado da análise dos processos nesse texto.

Tipo de processo	Quantidade
Processos materiais	7
Processos relacionais atributivos	3
Processo relacional identificativo	1
Processo mental	0
Processo verbal	0
Processo comportamental	0
Processo existencial	0

Em relação aos processos envolvidos nos eventos sociais, como demonstra a tabela acima, a maioria dos processos mencionados no texto são formas de ação (usar, aparecer, sumir), ligados às ações do saci-pererê, como: “Ele aparecia e sumia num piscar de olhos”. Também há processos relacionais (ter e ser), que codificam significados de identificação e caracteriza o personagem folclórico: “[ele] Era um verdadeiro pestinha!”.

Nesse texto, como o único ator e Agente Social que aparece é o Saci-Pererê, opto por analisar apenas a **relevância do texto em relação à representação da cultura brasileira**, visto não caracterizar o povo. Pode-se considerar o que é socialmente significativo no que diz respeito ao folclore brasileiro e o Saci-Pererê é, possivelmente, o personagem mais popular do nosso folclore. Acredita-se que a origem do mito está relacionada a tribos de índios no sul do país. Mas a oralidade deu conta de difundir e consolidar o mito em todo o território nacional. Além disso, a obra infantil "O Saci" (da coleção "Sítio do Picapau Amarelo") é bastante conhecida. Dessa maneira, considero relevante a inclusão desse mito em um livro de português para estrangeiros.

4.2.5 Texto 5 – Dia do folclore

Você sabia que no dia 22 de agosto se comemora o Dia do Folclore?

Você	Sabia	que no dia 22 de agosto se comemora o Dia do Folclore?
Experienciador	Processo mental	Atributo
Ator Social personalização – indeterminação		
Agente Social pronome – genérico		

Nessa oração mental, o Ator Social “você” é o Experienciador no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por indeterminação, e é um Agente Social genérico.

O folclore define a alma de um povo.

O folclore	Define	a alma de um povo.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (um povo) personalização – indeterminação		
Agente Social substantivo – passivo – específico		

Nessa oração material, o Ator Social “povo” está na Meta no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por indeterminação, e é um Agente Social passivo e genérico.

São as danças, as comidas, as lendas, os mitos, os contos e os rituais populares típicos de um país que dão identidade particular e diferente a cada povo.

São	as danças, as comidas, as lendas, os mitos, os contos e os rituais populares típicos de um país que dão identidade particular e diferente a cada povo.	
Processo relacional atributivo	Atributo	
Ator Social personalização – indeterminação		
Agente Social substantivo – passivo - genérico		

Nessa oração relacional atributiva, o Ator Social “povo” está na Meta no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por indeterminação, e é um Agente Social passivo e genérico.

O Brasil tem um espírito rico, pois possui todos esses ingredientes cheios de significados para cada um de nós.

O Brasil	Tem	um espírito rico,
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

Pois [o Brasil]	Possui	todos esses ingredientes cheios de significados para cada um de nós.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

Ator Social personalização
Agente Social pronome – genérico

Nessa oração relacional atributiva, o Ator Social “nós” está no Atributo no sistema da transitividade e é marcado pela personalização e é um Agente Social genérico.

Sempre encontramos alguma coisa para festejar e, por isso, somos tão alegres aos olhos do mundo inteiro.

[nós] Sempre	encontramos	alguma coisa para festejar e, por isso,
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (nós) personalização		
Agente Social pronome - genérico		

[nós]	Somos	tão alegres aos olhos do mundo inteiro.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo
Ator Social (ele) personalização		
Agente Social pronome – genérico		

Nessa oração relacional atributiva, o Ator Social “nós” está no Atributo no sistema da transitividade e é marcado pela personalização e é um Agente Social genérico.

O carnaval, as festas juninas, o Réveillon, entre outros, são a grande paixão dos brasileiros.

O carnaval, as festas juninas, o Réveillon, entre outros,	são	a grande paixão dos brasileiros.
Portador	Processo relacional identificativo	Atributo
Ator Social (brasileiros) personalização – determinação – classificação (lugar)		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração relacional atributiva, o Ator Social “brasileiros” está no Atributo no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por determinação do tipo classificação e é um Agente Social classificado e genérico.

Mas também dentro de nosso folclore, encontramos lendas mágicas, brincadeiras com palavras, poesias e contos populares que passam de boca em boca e quase todo mundo conhece.

Mas também dentro de nosso folclore, [nós]	encontramos	lendas mágicas, brincadeiras com palavras, poesias e contos populares que passam de boca em boca e quase todo mundo conhece.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (nós) personalização		
Agente Social pronome - genérico		

Nessa oração material, o Ator Social “nós” está no Atributo no sistema da transitividade e é marcado pela personalização e é um Agente Social genérico.

Vamos conhecer uma delas: a tradição do BUMBA-MEU-BOI!

[nós]	Vamos conhecer	uma delas: a tradição do BUMBA-MEU-BOI!
Ator	Processo material	Meta
Ator Social (nós) personalização		
Agente Social pronome - genérico		

Nessa oração material, o Ator Social “nós” é o Ator no sistema da transitividade e é marcado pela personalização e é um Agente Social genérico.

Bumba-meu-boi é uma tradição do Maranhão comemorada todos os anos no mês de junho.

Bumba-meu-boi	É	uma tradição do Maranhão comemorada todos os anos no mês de junho.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo
Ator Social encobrimento (quem comemora é excluído)		
Agente Social agente relegado ao segundo plano		

Nessa oração relacional atributiva, o Ator Social que representa as pessoas que comemoram o Bumba-meu-boi é encoberto, mas a atividade aparece.

As ruas são enfeitadas com bandeirinhas e balões de todas as cores, mas a atração máxima são as danças e as toadas.

As ruas	são enfeitadas	com bandeirinhas e balões de todas as cores,
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo
Ator Social encobrimento (quem enfeita as ruas)		
Agente Social agente relegado ao segundo plano		

Nessa oração relacional atributiva, o Ator Social que representa as pessoas que enfeitam as ruas é encoberto.

mas a atração máxima	São	as danças e as toadas.
Portador	Processo relacional identificativo	Atributo

Nesta festa, um boi totalmente enfeitado é o personagem principal deste ritual.

Nesta festa, um boi totalmente enfeitado	É	o personagem principal deste ritual.
Portador	Processo relacional identificativo	Atributo

Este festejo está relacionado com uma antiga história: trata-se das desventuras de um casal de escravos.

Este festejo	está relacionado	com uma antiga história: trata-se das desventuras de um casal de escravos.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo
Ator Social (escravos) personalização – determinação – funcionalização		
Agente Social substantivo – classificado		

Nessa oração relacional atributiva, o Ator Social “escravos” está no Atributo no sistema da transitividade e é marcado pela personalização, por determinação do tipo funcionalização e é um Agente Social classificado.

Segundo conta a lenda, ela estava grávida e com desejo de comer língua de boi, e pediu ao seu marido para conseguir uma.

Segundo conta a lenda, ela	estava	grávida e com desejo de comer língua de boi,
Ator	Processo material	Meta

e [ela]	pediu	ao seu marido para conseguir uma.
Ator	Processo material	Meta

Então, o pai Francisco rouba um boi do seu patrão e, quando começa a matá-lo, aparece o capataz dizendo que seu patrão, que já sabia de tudo, pediu para levar o boi vivo ou, do contrário, mataria o escravo.

Então, o pai Francisco	Rouba	um boi do seu patrão
Ator	Processo material	Meta

e, (pai Francisco) quando	Começa	a matá-lo,
Ator	Processo material	Meta

aparece o capataz	dizendo	que seu patrão, que já sabia de tudo, pediu para levar o boi vivo ou, do contrário, mataria o escravo.
Dizente	Processo verbal	Verbiagem

Toda a fazenda se mobilizou e foram chamados pajés e doutores para salvar o animal.

Toda a fazenda se	Mobilizou	e foram chamados pajés e doutores para salvar o animal.
Ator	Processo material	Meta

Depois de várias tentativas, conseguem ressuscitar o boi e pai Francisco também é salvo.

Depois de várias tentativas,	Conseguem	ressuscitar o boi e pai Francisco também é salvo.
Ator	Processo material	Meta

Na maioria das cidades, a festa tem um ritmo vibrante e leva milhares de pessoas aos arraiais.

Na maioria das cidades, a festa	Tem	um ritmo vibrante e leva milhares de pessoas aos arraiais.
Ator	Processo material	Meta

As apresentações do Bumba-meu-boi se estendem até 29 de junho, dia de São Pedro, mas começam a ser organizadas em maio, cada ano.

As apresentações do Bumba-meu-boi	se estendem	até 29 de junho, dia de São Pedro, mas começam a ser organizadas em maio, cada ano.
Ator	Processo material	Meta

Apesar de algumas influências europeias, esta festa tem um espírito muito nacional.

Apesar de algumas influências europeias, esta festa	Tem	um espírito muito nacional.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

É um dos espetáculos mais puros do Nordeste brasileiro.

[esta festa]	É	um dos espetáculos mais puros do Nordeste brasileiro.
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

No texto intitulado “Dia do folclore”, a proposta é caracterizar o folclore e mostrar os contos e lendas mais conhecidos no Brasil. Um texto que, para a finalidade que se destina, é bem interessante, uma observação seria em relação aos personagens pai Francisco e a esposa, que, na versão mais conhecida do conto do bumba-meu-boi, não se tratava de um casal de escravos, mas sim de empregados de uma fazenda, mesmo porque, na versão apresentada no livro, não faz sentido serem escravos, já que logo na frente trata de “patrões”. Abaixo apresento o resultado da análise dos processos nesse texto.

Tipo de processo	Quantidade
Processos materiais	12
Processos relacionais atributivos	9
Processos relacionais identificativos	3
Processo mental	1
Processo verbal	1
Processo comportamental	0

Como demonstra a tabela, a predominância nesse texto é de processos materiais e relacionais atributivos. Assim, a maioria dos processos mencionados no texto são formas de ação (como possuir, encontrar) ou codificam significados de ser, caracterizando o folclore: “São as danças, as comidas, as lendas, os mitos, os contos e os rituais populares típicos de um país...” e o povo brasileiro “...somos tão alegres aos olhos do mundo inteiro”.

Com relação aos participantes, os Agentes Sociais envolvidos são: brasileiros, pessoas, nós, Brasil, povo e personagens do conto narrado. Os Atores Sociais que aparecem no conto relatado não são analisados, optando-se por ressaltar a importância dos personagens folclóricos para a cultura brasileira. Alguns agentes são passivos, como, por exemplo, os “brasileiros” (“O carnaval, as festas juninas, o Réveillon, entre outros, são a grande paixão dos brasileiros”), o “povo” (“O folclore define a alma de um povo”). Na parte que se refere ao conto, por se tratar de uma narrativa dos fatos, as pessoas envolvidas aparecem como ativos nas ações: “Segundo a lenda, ela estava grávida...”. Ao tratar da festa relacionada à tradição do bumba-meu-boi, o Ator Social é encoberto, aparecendo apenas a ação por ele praticada: “As ruas são enfeitadas com bandeirinhas e balões...” e na definição do folclore ocorre indeterminação por meio de pronome em “...se comemora o Dia do Folclore”.

Os principais Atores Sociais são “brasileiros”, como uma determinação, “povo”, por meio de indeterminação, “pessoas”, “Brasil”, ator impersonalizado e “nós”,

uma generalização que inclui o Ator Social autor do texto. Dessa maneira, pode-se afirmar que entre os Agentes Sociais incluídos estão: os “brasileiros”, “nós”, “pessoas”, “Brasil”, “povo”. Os Agentes Sociais são participantes (por exemplo, “O Brasil tem um espírito rico”) ou estão sobre a forma de substantivo e pronomes (“[nós] Somos tão alegres aos olhos do mundo inteiro”). A forma passiva é a mais utilizada quando se trata dos Agentes Sociais “brasileiros”, “nós”, “pessoas”, “povo”.

4.2.6 Texto 6 – A educação pela arte

Na Amazônia, jovens ajudam a preservar a floresta aprendendo música e fabricando instrumentos musicais.

Na Amazônia, jovens	ajudam a preservar	a floresta aprendendo música e fabricando instrumentos musicais.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – classificação (idade)		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator Social “jovens” está no Ator no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por determinação do tipo classificação e é um Agente Social classificado e genérico.

Na Paraíba, a estamparia e a serigrafia elevam a autoestima de meninos e meninas, e, em São Paulo, o teatro reduz a discriminação entre estudantes.

Na Paraíba, a estamparia e a serigrafia	Elevam	a autoestima de meninos e meninas,
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – classificação (idade)		
Agente Social substantivo – classificado – específico		

Nessa oração material, o Ator Social “meninos e meninas” está na Meta no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por determinação do tipo classificação e é um Agente Social classificado e genérico.

e, em São Paulo, o teatro	reduz	a discriminação entre estudantes.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – funcionalização (o que fazem)		
Agente Social substantivo – classificado – específico		

Nessa oração material, o Ator Social “estudantes” está na Meta no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por determinação do tipo funcionalização e é um Agente Social classificado e genérico.

Mestres nessas artes, três educadores usam seu talento para mostrar que a expressão artística ajuda a transformar os jovens em cidadãos capazes de reconhecer os outros, a si mesmas e de seus sonhos.

Mestres nessas artes, três educadores	usam	seu talento para mostrar que a expressão artística ajuda a transformar os jovens em cidadãos capazes de reconhecer os outros, a si mesmas e de seus sonhos.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – funcionalização (o que fazem)		
Agente Social substantivo – classificado – específico		

Nessa oração material, o Ator Social “educadores” está no Ator no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por determinação do tipo funcionalização e é um Agente Social classificado e específico.

Mostram que a arte faz pensar, educa, inclui.

Mostram que a arte	faz pensar, educa, inclui.	
Ator	Processo material	Meta

E que não por acaso ela se torna uma ferramenta cada vez mais valorizada na educação.

E que não por acaso ela	se torna	uma ferramenta cada vez mais valorizada na educação.
Ator	Processo material	Meta

Os jovens são capacitados a transformar recursos naturais em bens.

Os jovens	são capacitados	a transformar recursos naturais em bens.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – classificação (idade)		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator Social “jovens” está no Ator no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por determinação do tipo classificação e é um Agente Social classificado e genérico.

Recebem educação ambiental, discutindo, por exemplo, o manejo indiscriminado das espécies em extinção, como o pau-brasil, insubstituível para o arco do violino, e o mogno, usado para a confecção de braços de violões clássicos.

[os jovens]	Recebem	educação ambiental, discutindo, por exemplo, o manejo indiscriminado das espécies em extinção, como o pau-brasil, insubstituível para o arco do violino, e o mogno, usado para a confecção de braços de violões clássicos.
Ator	Processo material	Meta
Ator Social personalização – determinação – classificação (idade)		
Agente Social substantivo – classificado – genérico		

Nessa oração material, o Ator Social “jovens” está no Ator no sistema da transitividade e é marcado pela personalização por determinação do tipo classificação e é um Agente Social classificado e genérico.

Esse texto, “Educação pela arte”, trata de uma ação em dois estados brasileiros que estão mudando a vida dos jovens. O texto trata de reeducação ambiental e uso de bens naturais. A tabela a seguir mostra o resultado da análise dos processos nesse texto.

Tipo de processo	Quantidade
Processos materiais	8
Processo relacional atributivo	0
Processo relacional identificativos	0
Processo mental	0
Processo verbal	0
Processo comportamental	0

Como demonstra a tabela, esse texto apresenta somente processos materiais, pois trata-se de ações desenvolvidas por “três educadores”. Em relação aos processos envolvidos nos eventos sociais presentes no texto, os processos mencionados no texto são formas de ação (preservar, reduzir, tornar, capacitar) bem como objetos dessas formas de ação (floresta, discriminação, ferramenta, recursos naturais).

Como exposto no capítulo teórico, nesse trecho há formas de ação (preservar), objetos (instrumentos musicais), pessoas (jovens, meninos, meninas), relações sociais (relação entre o estudante e o mestre) e lugar (na Amazônia). Pode-se considerar o que é socialmente significativo no que diz respeito à representação no caso do caipira como parte do povo brasileiro, onde mora, o que faz, suas heranças, no segundo texto, o foco é uma ação de mestres para preservação, que, embora seja uma ação na Amazônia, não inclui os índios.

Os principais Atores Sociais são “jovens”, “mestres”, “meninos”, “meninas”, “cidadãos”, “estudantes”, assim sobressaem-se as determinações por classificação e funcionalização. Dessa maneira, os Agentes Sociais incluídos são “jovens”, “mestres”, “meninos”, “meninas”, “cidadãos”, “estudantes”. Os Agentes Sociais são classificados e específicos, “jovens”, “meninos” e “meninas” e “estudantes” aparecem de forma passiva nas ações: “Os jovens são capacitados”, mas “jovens” aparecem também de forma ativa: “jovens ajudam a preservar a floresta”.

4.2.7 Discussão dos resultados

Com base na análise dos textos do livro **Tudo bem? Português para a nova geração**, é possível perceber que na representação dos brasileiros desse livro não são abordados os tipos regionais, mas traz o Ator Social índio de forma mais real, vinculado a processos verbais e relacionais, com tema relacionado às reservas indígenas. Porém faz generalizações que não retratam a realidade, como “todos os índios são agricultores”. Além disso, a questão da formação do povo brasileiro também não é abordada. O livro traz textos mais gerais sobre aspectos culturais, como festas populares e folclore.

Características dos principais participantes, Atores Sociais e Agentes Sociais

Principais participantes, Atores Sociais, Agentes Sociais	Categorias sistema da transitividade	Categorias Atores Sociais/ Agentes	Alguns termos e atributos a que são relacionados
Branços	Portador Ator	Classificação, Genérico Ativação	Preservação do Xingu
Índios	Meta Ator Portador	Classificação Específico	Culturas díspares, Xingu
Jurunas, Kamaiurás, trumais, caiabis, suyás	Atributo	Classificação	Tribos
Médicos, professores, catequistas	Ator	Funcionalização	Preservação do Xingu
Jovens	Meta Atributo Ator	Classificação	Internet, informação, floresta amazônica
Peões e vaqueiros	Meta	Funcionalização	Rodeios e vaquejada
Povo	Meta	Indeterminação Específico, passivo	Alma de um povo, folclore, identidade
Brasil	Portador	Impersonalização	Elementos folclóricos
Nós	Ator Portador	Personalização	Alegre
Brasileiros	Atributo	Classificação	Carnaval, festas juninas, Réveillon
Educadores	Ator	Funcionalização	Arte, recursos naturais

A tabela demonstra que a maioria das representações do atores, Agentes Sociais são feitas por classificação, indeterminação, funcionalização e impersonalização. Assim, as principais representações são feitas por meio de substantivos que expressam a categoria em termos de idade, gênero, raça, classe, nacionalidade (classificação), de um papel ou atividade institucional (funcionalização),

de grupos não determinados, indefinidos (indeterminação), de Atores Sociais que são representados por meio de referência para um lugar ou coisa intimamente associada com as pessoas ou com a ação em que eles são representados como sendo engajados (impersonalização por Objetivação).

Em relação aos atributos, traz mais aspectos culturais relativos às festas e ao folclore brasileiro, não trazendo muita informação sobre o povo brasileiro. Nesse livro, os índios são representados de forma mais real, relacionando a questões indígenas atuais, como a designação de terras para os índios, mas o texto é claro: “os brancos que escolheram a área da reserva”.

Já os negros não aparecem nesse livro, um livro inclusive em que quase todas as imagens são de pessoas brancas. A exclusão dos negros, pardos e outras “cores” é, a meu ver, uma forma de representação dos brasileiros que pode gerar um estereótipo totalmente equivocado, não para o estrangeiro que está no Brasil, mas talvez para aquele que está estudando o português para depois vir ao Brasil. Além disso, a não representação dos tipos regionais deixa incompleta a representação do povo brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a visão de Neves (2011) em relação à adequação dos livros e materiais didáticos que veiculam a língua e a cultura brasileira em língua portuguesa para estrangeiros ao contexto de ensino e as definições propostas para a questão: o que é ser brasileiro?, as análises apresentadas fundamentam-se nas categorias apresentadas na teoria da transitividade, de Halliday (1994), a vertente da ADC utilizada nesta pesquisa, relativa aos Agentes Sociais, baseia-se na teoria linguística sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1994), que “vê e analisa a língua, levando em consideração que ela (mesmo em sua gramática) é modelada pelas funções sociais a que tem serventia. Assim, fica relativamente fácil observar como categorias de análise social conectam-se com categorias de análise linguística (FAIRCLOUGH, 2012). Além disso, as categorias de representação dos Atores Sociais, propostas por van Leeuwen (2008) também repousam nos pressupostos da LSF.

Recupero as questões de pesquisa inicialmente propostas para apresentar as respostas às quais as análises me foram guiando. As questões que norteiam esta pesquisa são:

- 1 Como a cultura e o povo brasileiro são representados nesses livros?
- 2 Que imagem do povo e da cultura brasileira essas representações apresentam?

O foco da pesquisa são os participantes, isto é, atores e Agentes Sociais. Para responder à primeira questão, a análise da transitividade mostrou os participantes e estes foram classificados com base na representação dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 2008) e dos Agentes Sociais (FAIRCLOUGH, 2003). Essa análise permitiu compreender que a maioria das representações dos atores, Agentes Sociais são feitas por classificação, funcionalização, identificação física, nomeação, generalização, indeterminação e impersonalização. Assim, nas principais representações encontradas, os Atores Sociais são expressos através de substantivos que expressam a categoria em termos de idade, gênero, raça, classe, nacionalidade (classificação), de um papel ou atividade institucional (funcionalização), de suas características físicas (identificação

física), de seus nomes próprios (nomeação) e de forma genérica (generalização), de grupos não determinados, indefinidos (indeterminação), de Atores Sociais que são representados por meio de referência para um lugar ou coisa intimamente associada com as pessoas ou com a ação em que eles são representados sendo engajados (impersonalização por Objetivação).

A segunda e mais intrigante questão respondo parcialmente nessa pesquisa, por não incluir a visão de professores e a reação de alunos de portugueses como segunda língua quanto a esses materiais.

Em geral, é possível concluir que a cultura brasileira é intensamente marcada pelo processo de formação, isto é, pela confluência de portugueses, índios e negros e suas respectivas culturas. Fortemente mestiçado, como define Ribeiro (1970), o povo brasileiro é caracterizado pelas diversas etnias, crenças e costumes, bem como pelas diferenças regionais. Além disso, a formação da identidade brasileira foi algo construído pelos órgãos governamentais no século XX, introduzindo na nossa cultura elementos como o futebol, o carnaval, a feijoada etc., e definindo-o como um povo alegre, cordial e bem-humorado. Alguns desses elementos são retratados nos livros, em especial o carnaval que aparece nos dois livros, e a ideia de um povo alegre é percebida nas imagens, que trazem sempre pessoas sorrindo, o que retrata a despreocupação, por parte dos autores, em se retratar a realidade dos problemas sociais vivenciados no Brasil.

É possível perceber, nos livros analisados, que prevalece a representação dos brancos em detrimento dos negros, índios, mestiços e imigrantes. Essa questão parece resquício do período colonial pelo qual o Brasil passou, o que corrobora com Holanda (1999), que aponta um “exíguo sentimento de distância entre os dominadores, aqui, e a massa trabalhadora constituída de homens de cor”. Ribeiro (1970) ressalta o sentimento dos brasileiros de pertencer a uma mesma etnia, apesar de não haver uniformidade na cultura brasileira. A ideia de representação homogênea que os brasileiros possuem do país e de si mesmos produz uma contradição que passa despercebida, como a crença de que vivemos em um país sem discriminação de raça (CHAUI, 2000).

Embora seja perceptível, no livro **Tudo bem? Português para a nova geração**, a preocupação de tentar mostrar a importância do processo de formação do povo brasileiro e os tipos regionais e, no livro **Bem Vindo! a língua portuguesa no mundo da comunicação**, a representação de índios, a imagem dos brasileiros retratada

nesses livros pode construir estereótipos, pois a representação, em geral, é: branco, feliz, rico, excluindo, dessa maneira, negros, mestiços – índios e negros aparecem mais quando se fala em formação do povo brasileiro e, em geral, não são agentes, sempre passivos na oração –, não há, em nenhum dos livros, nenhum texto que fale ou aborde qualquer tema que se relacione à desigualdade social existente no Brasil, a pobreza é escondida em rostos alegres e bonitos. Dessa forma, a não representação da pluralidade de cores, etnias, classes pode, sim, construir estereótipos, pois não representa o brasileiro como ele é, sendo o Brasil um país de muitas “caras” e a miscigenação de etnias e de culturas é o que mais nos define como povo brasileiro. Nesse sentido, corroboro com Gripp (2005), pois

analisar os aspectos culturais e interculturais envolvidos no aprendizado do português como língua estrangeira a partir da forma como nós brasileiros usamos a língua, pode contribuir para um ensino muito mais eficiente. Ou seja, ensinar ao aprendiz de PLE as principais expressões utilizadas e os aspectos socioculturais que estão presentes nesse tipo de interação pode contribuir para um melhor entendimento do comportamento linguístico e social do brasileiro.

Essa pesquisa reforça as evidências de que materiais didáticos, muitas vezes, demoram em retratar certos avanços na sociedade em que são produzidos, principalmente no que diz respeito a conquistas de minorias sociais. Esses materiais, por vezes, continuam a expor estereótipos que não fazem mais sentido dentro do contexto social em que

são empregados, através dos textos selecionados e das representações das categorias sociais. Um exemplo disso é a representação da mulher nesses textos: ela aparece duas vezes, no texto **O país e o idioma**, “mulher” aparece relacionada à beleza e ao Rio de Janeiro, assim como a paisagem “o Rio de Janeiro, com sua belíssima vista, a estátua do Cristo Redentor e... suas mulheres bonitas” e no texto **Quem somos afinal?**, no qual “mulheres negras” aparecem relacionadas a beleza e satisfação sexual, ainda no período colonial: “o senhor de engenho que escolhia na senzala as mulheres negras mais bonitas para sua satisfação sexual”.

Dessa forma, apresentar ao aprendiz de português do Brasil como segunda língua o povo e a cultura brasileira como eles realmente são não só evita a construção de estereótipos, mas também facilita a aprendizagem, pois o conhecimento de aspectos culturais e interculturais contribuem para um ensino mais eficiente (ALMEIDA FILHO, 2003).

Gottheim e Pereira (2013) afirmam que, embora ensinar uma segunda língua seja considerada por muitos uma atividade menos complexa do que o ensino de uma língua em contexto em que não se fala a língua alvo, há alguns aspectos desse processo que merecem destaque. Um deles refere-se às dificuldades encontradas na busca de um material adequado que retrate a realidade de uso da língua ensinada.

A tarefa de ensinar uma segunda língua exige uma constante atualização não só de conhecimentos, mas de postura e atitudes diante da difícil incumbência de ensinar uma língua com toda sua complexidade a falantes de outras línguas não menos complexas. Assim, aponto a necessidade em se abordar textos que integram os livros didáticos de maneira crítica e buscando evitar as consequências que uma interpretação equivocada pode gerar na formação de conceitos e preconceitos expressos discursos ideológicos na sala de aula e fora dela. As ideias e valores expressos nas representações de gênero e outras categorias sociais têm forte influência na produção e reprodução dos discursos por ela veiculados, discursos estes que, na maioria das vezes, segundo Gottheim e Pereira (2013), são reforçados e legitimados nas interações entre sujeitos e textos de livros didáticos, na sala de aula.

A imagem abaixo é uma homenagem ao povo brasileiro, tão plural e tão igual ao mesmo tempo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Roberto Carlos de. **A representação de europeus e de africanos como Atores Sociais em *Heart of darkness (O coração das trevas)* e em suas traduções para o português: uma abordagem textual da tradução.** Tese. UFMG, 2009.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **O ensino de português como língua não-materna: concepções e contextos de ensino.** 2003. Disponível em: <http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_4.pdf>.

BAUER, Martin; W. GASKELL, George. ALLUM, Nicholas C. ***Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões.*** In: Bauer, Martin W. Gaskell, George (ED.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____, W. AARTS, Bas. ***A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos.*** In: Bauer, Martin W. Gaskell, George (ED.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CARVALHO, Orlene Lúcia Saboia de. **Aspectos da identidade brasileira em livros didáticos de português para estrangeiros: um estudo lexical.** Disponível em:

CASTILHO, Ataliba T. de. ***O que se entende por língua e por gramática.*** In: CASTILHO, Ataliba T. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.

CELLARD, A. ***A análise documental.*** In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: questões epistemológicas e metodológicas.** Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. Coleção História do Povo Brasileiro, 2000.

CUNHA, M.J. & SANTOS, P. *Perspectivas contemporâneas na formação de professores de português língua estrangeira*. In: CUNHA, M.J. & SANTOS, P. (orgs.) **Tópicos em português língua estrangeira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p.27-39.

_____. *O certificado de proficiência em língua portuguesa para estrangeiros (CELPE-Bras): a possibilidade de um diagnóstico na universidade de Brasília*. In: CUNHA, M.J. & SANTOS, P. (orgs.) **Ensino e pesquisa em português para estrangeiros**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999, p.113-122.

FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis as a method in social scientific research**. *Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica*. Tradução para o português: Iran Ferreira de Melo. *Linha d'água*, n.25, p. 307-329, 2012.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse – textual analysis for social research**. *Routledge*. London; New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FERRAZ, Janaina de A. et al. **A importância da sistematização do trabalho com textos multimodais nas aulas de língua estrangeira**. (2008) *Revista Intercâmbios dos Congressos de Humanidade*. Disponível em: www.onda.eti.br/revistaintercambio.

FIRTH, J. R. *Context of situation*. In: Watts & Co. **The tongues of men**. London: 1937. P. 110-114.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49ª Ed. São Paulo: Global, 2004.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

GHIO, E.; FERNÁNDEZ, M. D. **Linguística Sistêmico Funcional: aplicaciones a la lengua española**. 1ª Ed. Santa Fe: Universidad Nacional Del Litoral, Waldhuter, 2008.

GRIPP, Maristela dos Reis Sathler. **Aspectos interculturais no ensino de português língua estrangeira**. 2005. Disponível em: <<http://www.siple.org.br/>>. Acesso em: 25/10/2013.

HABERMAS, J. **Knowledge and Human Interests**. Cambridge: Polity Press, 1987.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed., Oxford, Londres: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K. **Language as social semiotic**. London: Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Context of situation**. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1990.

HALLIDAY, M. & HASAN, H. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1985, p. 3-14.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. **An introduction to functional grammar**. 3. ed., Oxford, Londres: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. **Construing Experience Through Meaning: a language based approach to cognition**. Londres: Continuum Intern. Publ. Group, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MARIN, Cássia C. F. **Povos no Brasil: quem são eles nos livros didáticos de português como língua estrangeira?** Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Discurso, cognição e gramática nos processos de textualização.** In: SILVA, D.E.G. (org) **Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras.** Brasília: Ed. UnB, 2005 p. 21-35.

NÓBREGA, Maria Helena da. **O avanço da língua portuguesa.** Revista Língua Portuguesa. Internet: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/66/artigo249072-1.asp>>.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico.** 12^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LIPSON, Maxine. **Exploring Functional Grammar.** Bologna: Centro di Studi Linguistico-Culturali (CeSLiC), 2004 pgs 5-15 e 46-77.

REIS, K.C. BROCK, M.P.S. **Inter-relação cultura e língua para professores de língua inglesa.** 2010. Disponível em: http://www.uricer.edu.br/new/site/pdfs/perspectiva/128_139.pdf.

RESENDE, V. **Análise de Discurso Crítica: uma perspectiva transdisciplinar entre a linguística sistêmica funcional e a ciência social crítica.** Artigo apresentado no 33rd International Systemic Functional Congress, 2006.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** 2. ed. São Paulo, Companhia das letras, 1999. 476 p.

PARDO, Neyla Graciela. **Cómo hacer análisis crítico del discurso: una perspectiva latinoamericana. Una perspectiva latinoamericana.** Santiago de Chile: Frasis Ed., 2007.

PEDRO, Emília Ribeiro (Org.). **Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional.** Lisboa: Caminho, 1998.

PEREIRA, Ariovaldo Lopes, GOTTHEIM, Liliana (organizadores). **Materiais didáticos para ensino de língua estrangeira: processos de criação e contextos de uso.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa.** Campinas: Pontes, 2011.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica.** São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, V. M. **Análise do discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares.** SP: Pontes Editores, 2009.

SALVIOLI, Sayonara. **Conheça os principais personagens do folclore nacional.** Disponível em: <<http://br.noticias.yahoo.com/conhe-os-principais-personagens-folclore-nacional>> Acesso em 2-3-2014.

SATHLER, Maristela dos Reis. **“Imagine, não precisava...” ou rituais de agradecimento no português do Brasil com aplicabilidade em português como segunda língua para estrangeiros.** Rio de Janeiro, 2005. 104p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SCHIFFRIN, D. **Approaches to discourse.** Oxford: Blacwell, 1994, p. 21-42.

SILVA, Denise Elena. **Critical Discourse Analysis and the Functional Bases of language.** In: Leila Barbara e Tony Berber Sardinha (eds.), **Proceedings of the 33rd International Systemic Unctional Congress.** São Paulo: PUC-SP, 2007, pp. 932-949.

SILVA, Edna Cristina Muniz da. **Do discurso à gramática: um enfoque crítico e funcional de gêneros.** Cadernos de linguagem e sociedade. Volume 11 (2), 2010.

VAN LEEUWEN, Theo. **A representação dos Atores Sociais.** In: PEDRO, Emília Ribeiro (Org.). **Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional Lisboa:** Caminho, 1998, p. 169-222.

WEISS, Gilbert; WODAK, Ruth. *Introduction: theory, interdisciplinarity and Critical Discourse Analysis*. In: **Critical Discourse Analysis**. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2007.

WODAK, R. e MEYER, M. (Orgs.). **Methods of critical discourse analysis**. Londres, Thousand Oaks, Nova Delhi: Sage Publications, 2001, 200 págs.

SÍTIOS

Disponível em: <http://www.culturabrasil.pro.br/serbrasileiro.htm>. Acesso em 22/12/2013.

Disponível em: <http://pt.globalvoicesonline.org/2012/06/11/brasil-impressoes-ser-brasileiro>. Acesso em 05/12/2013.

Disponível em: <http://jupersichetti.blogspot.com.br/2012/05/historia-e-patrimonio-cultural-brasil.html>>. Acesso em 10/01/2014.

Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese>>. Acesso em: Acesso em 05/12/2013.

ORTIZ, Fabíola. “Distrito Federal, São Paulo e Rio de Janeiro são os estados mais conectados, diz FVG”. Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/16/distrito-federal-sao-paulo-e-rio-de-janeiro-sao-os-estados-mais-conectados-a-internet-diz-fgv.htm>> Acesso em 2-3-2014.

Apêndice I – Textos originais do livro Bem Vindo! a língua portuguesa no mundo da comunicação!

UNIDADE 8

Voz Passiva

O PAÍS E O IDIOMA



Esta imensidão cercada pelo Oceano Atlântico, pelas Guianas, pelo Suriname, pela Venezuela, pela Colômbia, pelo Peru, pela Bolívia, pelo Paraguai, pela Argentina e pelo Uruguai tem um nome imponente: REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. É um país bom para nós, brasileiros, e para todos que nos visitam ou que mudam para cá: não temos guerras nem grandes catástrofes naturais. Muitos de nós, contudo, passam por muitas dificuldades financeiras, mas é da nossa gente enfrentá-las sempre com otimismo e alegria. O Brasil é dividido em 5 regiões e cada qual é conhecida dentro e fora do país por algumas características bem marcantes. O Norte abrange a Amazônia, com seu grande rio, afluentes, sua linda e rica floresta, seus índios, seus botos-cor-de-rosa e demais lendas. É num estado Nordestino que se fala o português mais correto do Brasil: no Maranhão. É também no Nordeste que se encontram algumas das praias mais famosas e tão bonitas que atraem turistas do mundo inteiro. Na Região Sudeste está uma das cidades mais conhecidas do mundo, verdadeiro cartão-postal do Brasil: o Rio de Janeiro, com sua belíssima vista, a estátua do Cristo Redentor e... suas mulheres bonitas. A capital do país, Brasília, se situa no Distrito Federal que está na Região Centro-Oeste. Já boa parte dos imigrantes italianos, japoneses e alemães optou por habitar na Região Sul, onde provavelmente o clima se aproxima mais ao das suas terras de origem. Um grande elo de união do nosso povo é que em todas as regiões do Brasil fala-se português!

No decorrer desta unidade você terá oportunidade de conhecer muito, muito mais sobre esta linda terra onde canta o sabiá!!



Ouçã o áudio, preencha os espaços em branco e pratique o diálogo: 

A: Você já estudou para a sua prova de conhecimentos gerais de amanhã?

B: Já. Estudei ontem e hoje o dia inteiro.

A: Vamos ver! Vou fazer algumas perguntas pra você...

B: Tudo bem. Pode começar.

A: Quando a presidência do Brasil foi assumida por Fernando Henrique Cardoso?

B: Em _____, com mandato até o fim de 1998. Foi então reeleito para novo mandato.

A: Certo! Quando o Muro de Berlim, na Alemanha, foi derrubado?

B: Em _____. O muro separava a Alemanha Ocidental da Oriental.

A: Exato! Quando a Estátua da Liberdade, em Nova Iorque, foi inaugurada?

B: Em _____. E foi um presente dos franceses para os americanos.

A: Qual foi o único presidente do Brasil deposto pelo processo de "impeachment"?

B: Fernando Collor, em _____.

A: Muito bem. Agora uma última questão. Quando a Torre Eiffel foi concluída?

B: Ah, esta é fácil também. Ela foi construída para comemorar os cem anos da

Revolução Francesa. A Torre Eiffel ficou pronta em _____.

A: Parabéns! Você acertou todas as questões. Sua prova vai ser moleza!

A BANDEIRA BRASILEIRA

VERDE = MATAS

AMARELO = OURO

AZUL = CÉU

BRANCO DAS ESTRELAS = ESTADOS



psiu!

73

setenta e três



QUEM SOMOS, AFINAL? (1)

Uma fusão de raças e culturas que já dura meio milênio deu aos brasileiros traços e personalidade próprios. Mas basta olhar mais de perto para perceber que, apesar de tudo, não perdemos contato com as raízes de nossa formação.

Algumas das cabeças mais brilhantes do Brasil, de Gilberto Freire a Darcy Ribeiro, gastaram décadas de trabalho tentando resolver a questão "o que é ser brasileiro?" e não chegaram a uma resposta definitiva.

De algumas coisas, porém, temos noções suficientes para darmos palpites: somos um povo ainda em formação, que junta num vasto território raças e culturas distintas, numa imensa massa humana que já chega a 160 milhões de pessoas - e que costumamos chamar de povo brasileiro.

O brasileiro é isso: o resultado de uma mistura que, mesmo submetida a tantos contrastes históricos e geográficos, manteve-se unida. E não só por causa da língua portuguesa que todos os brasileiros entendem, pois nossos vizinhos hispano-americanos acabaram se fragmentando em vários

países. O que temos no Brasil é, por falta de um termo mais apropriado, uma alma comum.

Mas de onde vem essa alma? "Dos nossos índios", arrisca o sociólogo Roberto Gambini, "apesar da importante influência portuguesa e negra na nossa constituição, os principais traços culturais que distinguem o brasileiro dos outros povos foram herdados dos índios. Nosso espírito brincalhão, por exemplo, que não consegue ver limites muito claros entre o que é trabalho e o que é diversão, pode ser ainda hoje encontrado nas aldeias indígenas espalhadas pelo país".

Segundo essa hipótese, os tipos regionais brasileiros, dos gaúchos do sul aos caboclos do norte, dos caçaras do litoral aos pantaneiros do Mato Grosso, possuem em comum um estrato básico de cultura indígena. Não só aquele facilmente comprovado nos nomes das cidades, nas técnicas de cultivo, nos utensílios ou no folclore de sacis e curupiras, mas algo mais profundo, que moldou nosso inteiro jeito de ser.

O CAIPIRA



De um modo geral, é quem mora no interior de São Paulo e Minas Gerais, vivendo de cultivar a roça. Planta principalmente o milho, do qual fabrica o fubá, mas também retira a palha para o chapéu e o cigarro. Seus modos rústicos, herdados da convivência com os índios, provocavam desdém quando visitava a cidade. Tem mais de setenta sinônimos, a maior parte deles pejorativos, como jeca, capiau, matuto e pé-duro.

O GAÚCHO



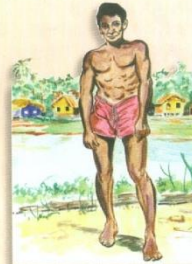
O tipo gaúcho está diretamente ligado às vastas pastagens dos pampas do Rio Grande do Sul. Solitário e destemido, essa figura surgiu em busca do gado que, trazido pelos jesuítas, ficou abandonado depois da destruição das missões, reproduzindo-se de maneira selvagem. A bombacha nas pernas, a boleadeira no lugar do laço, o chimarrão e o churrasco são as suas marcas registradas.

O SERTANEJO



É o morador das zonas secas do país, principalmente das chapadas e da caatinga nordestina. Enfrenta a dureza do sertão com uma vida simples, baseada na criação de umas poucas cabeças de gado e no plantio de subsistência. Sua figura sobre o jegue, de facão na cintura, chapéu e gibão de couro e capanga inspirou obras de escritores como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha.

O CABOCCLO



A palavra caboclo também é usada como sinônimo de mame-luco - a mistura entre brancos e índios. Como tipo cultural, no entanto, o caboclo é o ribeirinho, ou seja, o morador das margens dos rios, principalmente os da região Norte, da bacia amazônica. Vive basicamente da pesca e do pequeno roçado aberto em clareiras, e mora em palafitas por causa das frequentes cheias a que está sujeito.

Claro que o Brasil não se esgota na herança indígena, como também não está tão permeado pela cultura negra como se chegou a afirmar nas últimas décadas, graças principalmente à intensa produção cultural dos baianos.

Nos centros urbanos vivem hoje 76% dos brasileiros, o que teve um impacto gigantesco na forma de encararmos o mundo. Em 1900, éramos pouco mais de 17 milhões de pessoas, a grande maioria espalhada pelo interior do país, vivendo em contato com a natureza. Não tínhamos televisão, as estradas eram poucas e quase ninguém tinha a chance de viajar por outras partes do país. Quem morava no sul nem sonhava com o estilo de seus conterrâneos do norte. Hoje, porém, vivemos num Brasil bem

diferente. Primeiro, experimentamos a chegada de milhares de imigrantes convocados para trabalhar nas lavouras de café de São Paulo ou, então, colonizar as zonas desabitadas do sul brasileiro. Foi um incremento populacional importante, que, além da força de trabalho, introduziu novos elementos culturais.

Quem anda pelas ruas das cidades brasileiras neste final de século sente-se tentado a dizer que estamos cada vez mais parecidos. Mas, se olharmos mais de perto esses brasileiros, veremos que ainda é possível encontrar gente que leva consigo a alma de caipiras, sertanejos e tantos outros personagens que fizeram a história do povo brasileiro.

Fonte: revista TERRA - 1998 - resumo do texto de Vinicius Romanini



QUEM SOMOS, AFINAL? (2)

Outros personagens típicos entre o povo brasileiro são:

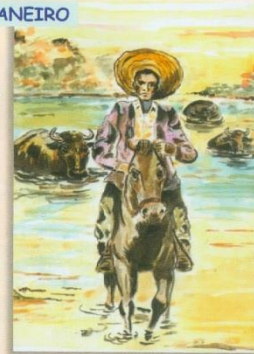
O MULATO

É a mestiçagem mais comum no Brasil, fruto do cruzamento entre brancos e negros. No período colonial, o mulato era quase sempre a prova do abuso do senhor de engenho, que escolhia na senzala as mulheres negras mais bonitas para sua satisfação sexual. Hoje, o mulato é um símbolo da beleza brasileira cada vez mais numeroso.



O PANTANEIRO

O homem pantaneiro, que é basicamente um vaqueiro adaptado para as pastagens úmidas, nasceu com a chegada da criação extensiva de gado ao Pantanal. O sistema de cheias e vazantes do rio Paraguai obriga o constante deslocamento dos rebanhos das terras baixas e alagáveis para as altas e secas. Ao contrário do gaúcho, que só come carne, o pantaneiro também aprecia a fartura de peixe da região.



O SERINGUEIRO



Vive recluso no meio do mato, nas regiões da Floresta Amazônica, onde as seringueiras nascem espontaneamente, como no Acre. Seu trabalho é abrir vincos nos troncos para extrair o látex e, em seguida, defumá-lo até que se transforme em borracha. Como a seringueira só nasce na mata preservada, o seringalista passou a ser um combativo defensor da floresta, denunciando queimadas e a atuação de madeireiras.

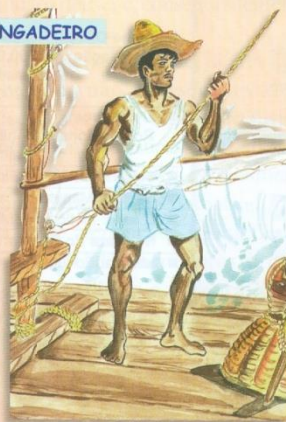
O CAIÇARA



É o morador do litoral sudeste brasileiro, que povoa as matas de restinga próximas aos manguezais. Vive da pesca na foz dos rios e do cultivo de subsistência. Adotou muitos hábitos indígenas, como a roça de coivara e a pesca artesanal com covas. Preserva palavras do português quinhentista e alguns são loiros porque descendem de aventureiros franceses e suíços que se instalaram ali no período colonial.

O JANGADEIRO

É o pescador dos mares nordestinos, que vive nas comunidades do litoral. Especializou-se na pesca de rede a bordo de jangadas, pequenas embarcações de vela triangular feitas de seis paus roliços retirados das matas da região. Singrando as águas verdes e ensolaradas, no amanhecer ou no pôr-do-sol, o jangadeiro virou elemento típico da paisagem da região e símbolo de Alagoas.



O MESTIÇO ORIENTAL

O termo mestiço serve para definir qualquer tipo de mistura de raças, mas nos últimos anos tem sido mais usado para o caso dos orientais. O fenômeno ainda é recente e, em certa medida, raro, pois a raça amarela - da qual os japoneses são maioria no Brasil - viveu décadas organizada em colônias fechadas, o que dificultou a mistura.



Fonte: revista TERRA - 1998 - resumo do texto de Vinícius Romanini

UNIDADE 19

Uso do Dicionário

CAPOEIRA



Não são todos os capoeiristas ou capoeiras que se consideram atletas. Para os grupos mais tradicionais de Salvador, ela é forma de expressão da cultura negra. Tanto que, para eles, trata-se de uma arte marcial afro-brasileira. “Reduzir a capoeira ao esporte é diminuir seu lado subjetivo, sua história e sua filosofia”, diz Pedro Moraes Trindade, o mestre Moraes. “Capoeira é a fusão de corpo e mente. Em comparação a outras artes marciais, corresponde ao tai chi chuan chinês, no qual você não precisa ser forte, mas inteligente.”

Manoel Nascimento Machado, ou mestre Nenê, de Salvador, batizado na capoeira como “Sá Pererê”, também insiste em ressaltar aspectos que extrapolam a mera habilidade física. “O capoeira nunca joga contra o outro, mas com o outro”, explica. “Assim, ele se prepara para enfrentar a vida lá fora.”



A capoeira começou a ser ensinada regularmente nos anos 30 e já naquela época estava dividida em duas vertentes. A de Angola, nome que homenageia as tradições dos escravos angolanos e a Regional, chamada assim por ter nascido na região da Bahia.

Em comum, a capoeira Angola e a Regional têm alguns princípios fundamentais. Quem joga sempre deve começar cumprimentando o parceiro ao pé do berimbau, quer dizer, agachado perto do instrumento que dará o ritmo dos golpes. Ambos devem estar limpos, decentemente trajados e jamaiz sem camisa. Deve-se procurar a harmonia, na qual um movimento de defesa já é o começo de outro, de ataque, sem ferir o companheiro. Os oponentes não se atacam, mas lutam por aproximação, respeitando a hora de entrar e sair da roda. E ninguém deve aprender capoeira para sair batendo nos outros.(...)

Fonte: revista Super Interessante – 1996

1



Você acha que os **ADVÉRBIOS** podem ou não modificar o sentido de uma frase? Transcreva as frases onde aparecem advérbios (sublinhados no texto) e discuta com seu colega se há alguma/muita diferença de sentido nas frases com e sem os advérbios.



2

Leia os trechos abaixo e adivinhe a que esporte se referem. Traga outros artigos de jornais ou revistas para um jogo de adivinhação em sala de aula.



1. “Tive uma chance de ultrapassá-lo na largada, mas sabia que poderia tocar nele e comprometer a corrida dos dois, por isso desisti.”
2. A Seleção Brasileira conquistou seu nono título mundial, dos dez realizados, ao derrotar a Espanha na final por 6 a 4, na praia de Copacabana. Os gols brasileiros foram marcados por Benjamin (2), Júnior Negão, Neném, Buru e Bruno.
3. O cavaleiro Rodrigo Pessoa venceu o Grande Prêmio de Paris, com o cavalo Baloubet de Rouet, e foi o último a entrar na pista zerando o percurso com o tempo mais rápido da competição, 36s6’.
4. Daiane dos Santos sobrou na prova de solo, e ficou com a medalha de ouro na competição. Ela inovou ao incluir o duplo *twist* esticado na coreografia no lugar de uma tripla pirueta, o que lhe garantiu 9,762 pontos.

Fonte: jornal O Estado de S. Paulo – 2004

FUTEBOL

ATAQUE
CARTÃO AMARELO
CARTÃO VERMELHO
CENTROAVANTE
DEFESA
FALTA
GOL
GOLEIRO
PÊNALTI...




psiu!



183

cento e oitenta e três

UNIDADE 20

Ouçã o áudio e identifique o desenho que corresponde ao evento folclórico. 



Leia o artigo abaixo e discuta com seus colegas as vantagens e as desvantagens das transformações de uma metrópole como a de São Paulo, por exemplo. Discuta também o significado das palavras ou expressões destacadas no texto.

O segredo dos paulistas: não perder tempo, já dizia um anúncio da Empresa Brasileira de Relógios Hora no início da década de 50. Era a São Paulo do progresso, do desenvolvimento, que começava a dar sinais da **megalópole desvairada** que viria a ser. "São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo", dizia o entusiasmado slogan criado na **exaltação** das comemorações do IV Centenário da cidade. Foi nessa capital do trabalho, nessa cidade que não para, que surgiu o célebre sambista e **radiador** Adoniran Barbosa, autor de canções inesquecíveis como "Saudosa Maloca" e "Trem das Onze". Ele, nascido João Rubinato, ousou parar. Parar para ouvir e contar a rotina de uma outra São Paulo que via e vivia o "progresso" de um jeito bem diferente. Adoniran aparece, então, como narrador, como fonte de uma outra história. Em um momento em que o rádio se populariza, ele funcionava como uma ponte entre a rua e o rádio. Trazia a poética das ruas para o rádio em forma de personagens, de histórias, de crônicas.

Adoniran seria então a voz de uma cultura popular, não letrada, que busca sua inspiração na fala. Que fala?

Aquela que se encontra "nos **lugares da palavra**". Uma cidade respira quando nela existem lugares da palavra, pouco importa sua função oficial – o café da esquina, a praça do mercado, a fila de espera nos correios, a banca do jornalista, o portão da escola na hora da saída.

A **transfiguração da sociedade** pelo progresso não para e vai, aos poucos, extinguindo esses "lugares da palavra". Adoniran viveu isso e foi uma espécie de resistência a esse processo. Ele não conseguiu, no entanto, fazer essa resistência através do samba até o fim. A cidade do progresso crescia e ia engolindo a São Paulo de Adoniran, até que, um dia, ele se viu impossibilitado de continuar compondo. "Me mandaram achar São Paulo e eu não achei. Me mandaram achar o Bexiga e não existia mais, a não ser alguma colínia ali pela 13 de Maio, rua Fortaleza. O Brás é quem te viu e quem te vê. Mas já não sofro mais, **estou calejado**", afirmou, **melancólico**, em uma de suas últimas entrevistas.

Fonte: Texto adaptado de artigo de Kiko Manduca no jornal da USP – 2002

Responda às perguntas.

1. Qual é a imagem que você faz de São Paulo nos anos 50?
2. Quais foram as mudanças contra as quais lutou Adoniran Barbosa?
3. Quem venceu a batalha, São Paulo ou Adoniran Barbosa?
4. O que você acha das mudanças ocorridas na cidade de São Paulo?
5. Pesquise na Internet quem foi Adoniran Barbosa e quais eram as suas peculiaridades.



PROVÉRBIOS (3)

A ESPERANÇA É A ÚLTIMA QUE MORRE.
A GALINHA DO VIZINHO É SEMPRE MAIS GORDA.
A MENTIRA TEM PERNAS CURTAS.
AS PAREDES TÊM OUVIDOS.
A PRESSA É INIMIGA DA PERFEIÇÃO.



195

cento e noventa e cinco

UNIDADE 20

Amplie seu vocabulário



Festa móvel realizada em fevereiro ou março, 40 dias antes da Semana Santa, contados a partir do Domingo de Ramos. Oficialmente é comemorado durante três dias, de domingo a terça-feira, e termina na Quarta-Feira de Cinzas. Mas, na realidade, tem duração variada. Uma das maiores manifestações de cultura popular do Brasil, mistura festa, espetáculo, arte e folclore. Além do brasileiro, são famosos o Carnaval de Veneza, na Itália, e o de Nova Orleans, nos Estados Unidos.

O Carnaval tem origem pagã em festas e orgias da Antiguidade, nas danças da Idade Média e nos bailes de máscara do Renascimento. Chega ao Brasil no século XVII trazido pelos portugueses. Chamado de entrudo, era uma brincadeira na qual as pessoas atiravam umas nas outras bexigas com água e farinha. No fim do século XIX surgem sociedades carnavalescas, como os cordões, os blocos, os ranchos e os corsos, que desfilam, dançam e cantam músicas anônimas. Em 1899, a pianista Chiquinha Gonzaga (1847-1935) lança a marcha *Ó Abre-Alas*. É a pioneira a compor especialmente para o Carnaval.

Escolas de samba – São agremiações que desfilam durante o Carnaval com fantasias, alegorias e coreografias relacionadas ao tema escolhido a cada ano. Muitas têm organização quase empresarial e mantêm funcionários assalariados. Os figurantes desfilam ordenados em setores (alas), cantando o samba-enredo da escola. A concepção das fantasias e a ordem das alas e dos carros alegóricos são determinadas pelo carnavalesco – o diretor do espetáculo.

A primeira ala é a comissão de frente, cuja função é apresentar a escola. Em seguida vem o carro abre-alas, que carrega o símbolo da escola e apresenta o tema do enredo ao público. Independentemente do tema, existem alas ou figurantes permanentes. Toda escola, por exemplo, possui três casais de mestre-sala e porta-bandeira. Outras alas fixas são as das baianas, formadas pelas mulheres mais idosas da escola, das crianças e da bateria. Funcionando como a orquestra do desfile, a ala da bateria é composta apenas de instrumentos de percussão acompanhados por violão, cavaquinho e pelos intérpretes do samba-enredo.

A denominação escola de samba nasce no Rio de Janeiro em 1928. O compositor Ismael Silva (1905-1978) é o primeiro a usar a expressão para se referir a seu grupo carnavalesco, o rancho Deixa Falar. O primeiro desfile oficial é realizado em 1935. Atualmente há desfiles de escola de samba em todo o país. O do Rio de Janeiro, no entanto, continua sendo o mais tradicional e o de maior projeção. São cerca de 70 escolas de samba, divididas em seis grupos. O principal é o grupo especial, formado pelas 14 maiores escolas. A avaliação para a premiação das escolas é feita por 36 jurados, que dão notas de 1 a 10 aos seguintes quesitos: bateria, samba-enredo, harmonia, evolução, enredo, conjunto, alegorias e adereços, fantasia, comissão de frente e mestre-sala e porta-bandeira. A escola deve apresentar-se durante, no mínimo, 65 minutos e, no máximo, 80. Cada 5 minutos de atraso sobre o prazo máximo tira 1 ponto da nota final.

Trios elétricos – Caminhões equipados de palco e aparelhagem de som – com até 100.000 watts de potência – que fazem shows ao vivo se deslocando pela cidade. Criados na Bahia, saem no Carnaval animando

milhões de pessoas que dançam atrás deles. O primeiro trio elétrico, o de Dodô e Osmar, surge em 1950. Com o tempo, passam a comandar o Carnaval de Salvador (BA), ao lado dos blocos afros, afoxés e bandas, como Ilê Aiyê, Filhos de Gandhi, Olodum, Ara Ketu, Timbalada, Chiclete com Banana e, mais recentemente, Cheiro de Amor, Eva e É o Tchan. O ponto alto do Carnaval baiano é o encontro dos trios na praça Castro Alves.

Micareta – Festa carnavalesca comemorada fora da época do Carnaval. Atualmente, mais de trinta micaretas acontecem no Brasil durante todo o ano. As principais são as nordestinas, como a Recifolia (Recife-PE), o Carnatal (Natal-RN), o Fortal (Fortaleza-CE) e a Micaróia (João Pessoa-PB).

Frevo – gênero musical e tipo de dança característicos do Carnaval de Pernambuco. Música de ritmo bastante acelerado, é tocada por instrumentos de percussão e de sopro e dançada com passos quase acrobáticos. Os dançarinos usam pequenos guarda-chuvas em sua coreografia. No Carnaval do Recife e de Olinda (PE) desfilam clubes de frevo, como o Vassourinhas e o Lenhadores, e blocos, como o Flor da Lira e o Flor da Magnólia.



Fonte: Texto adaptado do Almanaque Abril – 1998 – Foto: Ormuzd Alves/Folha Imagem

200

dezessete

UNIDADE 20

Revise o Estudo de... da Unidade 11 (Tempos Compostos) e complete:

1. Eles _____ (ir) a Brasília uma vez por semana.
2. No dia da eleição, nós já _____ (escolher) o nosso candidato.
3. Se ele já _____ (concluir) o trabalho, poderá sair para o lanche.
4. Meu pai ainda não _____ (chegar) quando telefonei.
5. Ela não será admitida na empresa embora _____ (fazer) um bom teste.
6. Mesmo que eu _____, (avisar) eles não teriam me escutado.
7. José _____ (fazer) ginástica todas as manhãs, desde o mês passado.
8. Quando a guerra _____, (terminar) todos poderão viver em paz.
9. Daqui a cinco anos, _____ (juntar) dinheiro suficiente para comprar uma casa nova.
10. Se você _____ (falar) eu teria tomado as devidas providências.
11. Espero que ela _____ (entender) a explicação de ontem.
12. Se eu o tivesse convidado, você _____ (participar) da festa?
13. Até a próxima quinta-feira, ele _____ (terminar) este trabalho.
14. Quando _____ (pagar) toda a dívida, vou sentir-me aliviado.

Ouçã as lendas e reconte as histórias com suas palavras.

Preferência Nacional

Uma pesquisa sobre os personagens folclóricos mais populares no País colocaria no topo da lista, ao lado do saci-pererê, a cuca, que pertence ao chamado ciclo da angústia infantil e não tem características físicas definidas. Por várias gerações, crianças que se recusam a dormir ou insistem em continuar tagarelando quando já estão deitadas são advertidas de que podem ser levadas pela cuca para um lugar misterioso. "Nana, nenê, que a cuca vem pegar", quem não conhece?

Outro campeão de popularidade é o curupira, um duende com cabeleira de fogo e calcanhares para a frente. É conhecido como guardião das florestas e em 1560 o padre José de Anchieta já registrava o terror que o mito causava aos índios: "É coisa sabida e pela boca de todos corre que há certos demônios e que os brasis chamam de curupira, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhes de açoite, machucam-nos e matam-nos. São testemunhas disto os nossos irmãos, que viram algumas vezes os mortos por eles". Sua fama é tanta que em 11 de setembro de 1970 o então governador de São Paulo Abreu Sodré assinou uma lei instituindo o curupira como guardião das florestas e animais do Estado.

A mula-sem-cabeça também provoca calafrios, não só no Brasil como em toda a América Latina. É definida como a forma que toma a concubina do sacerdote. Conta a lenda que a infeliz se transforma em um animal que assombra quem encontra. Seu galope é ouvido longe. Não tem cabeça, mas relincha e às vezes soluça como gente. Uma das formas de se quebrar o encanto é provocar um ferimento na vítima.

Essa é também uma das maneiras de livrar alguém da sina do lobisomem, uma lenda famosa em todo o mundo, que já serviu de tema para vários filmes e livros. A tradição vem da Grécia e na África existem tribos que em suas iniciações rituais garantem manter associações com lobos e tigres. Platão e Santo Agostinho falam dele. No Brasil não havia nada a respeito do lobisomem até a chegada dos portugueses. Foi importado da Europa e ganhou grande fama no País. É sina do oitavo filho de um casal com sete filhas transformar-se em lobisomem, meio lobo e meio homem, que aparece nas noites enluaradas de terças e sextas-feiras. No Nordeste dizem que doentes de amarelo também viram lobisomem.

Qual é o seu conceito de folclore?

Qual é o personagem folclórico mais popular no seu país?

Algum personagem folclórico é usado para tornar as crianças mais obedientes?

Existe algum personagem folclórico do seu país que tenha alguma semelhança com os nossos?

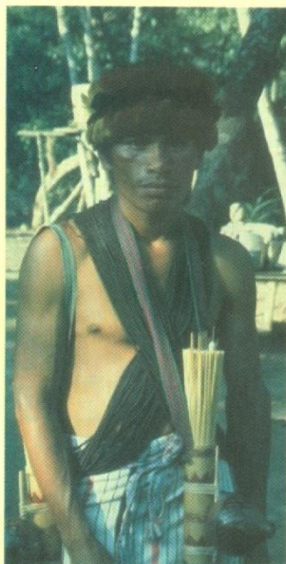
FOLCLORES (2)

UNIDADE 3

OS ÍNDIOS BRASILEIROS DO XINGU

EXERCÍCIO 11. Antes de ler o texto abaixo, trabalhe o seguinte vocabulário. Relacione as duas colunas e substitua as definições pelas palavras em negrito do texto.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| 1. arranjo harmônico () | a. povos |
| 2. díspares () | b. paraíso |
| 3. cultivos de base () | c. diferentes |
| 4. oásis* () | d. espetáculo |
| 5. etnias* () | e. principais plantações |



No norte do Mato Grosso, divisa com o Pará, espalhado por 27 mil quilômetros quadrados, quase do tamanho da Bélgica, está o Parque Nacional do Xingu. Lá vivem 3.600 índios que vieram de várias outras tribos. Entre eles, estão os jurunas, kamaiurás, trumais, kaiabis, suyás... Graças à sabedoria de algumas lideranças indígenas e brancas, o Xingu é hoje um raro **arranjo harmônico** entre culturas **díspares**. Foram os brancos que escolheram a área da reserva e que, aos poucos, levaram pra lá, índios de vários pontos da Amazônia. Mesmo afastada dos centros urbanos e da vida moderna, a geração xingua, inevitavelmente, convive com sandálias havaianas, pilhas, lanternas, calções de brim, camisetas de times de futebol, tênis, aparelhos de televisão com antenas parabólicas, rádios, barcos com motores... Mas, apesar de toda essa modernidade, enquanto a civilização ainda engatinha com o v-chip, a solução eletrônica que vai permitir aos pais censurar os programas de televisão inadequados para seus filhos, os caciques do Xingu já resolveram o problema.

Foram radicais. Eles perceberam que as brincadeiras das crianças tornavam-se violentas depois que assistiam a programas de televisão e simplesmente baixaram a ordem: desligar os aparelhos. Todo mundo obedece. Todos os índios são agricultores. Mandioca, banana, amendoim e milho são **cultivos de base**. Entre si, vivem de trocas.

Há muitos brancos, médicos, professores, catequistas que lutam e contribuem para a preservação do Xingu, o **oásis** do Brasil. E entre os índios, quanto melhor falar o português, maior status na tribo. O português, na região, é o idioma do entendimento, já que as catorze **etnias** têm línguas próprias.

(texto adaptado: Os Guardiões do Verde - revista Veja, 30/06/99)

* Oásis: região com vegetação e água em meio a um grande deserto. No texto, oásis aparece com um sentido figurativo.

* Etnia: grupo biológico e culturalmente homogêneo.

EXERCÍCIO 12. Responda.

1. Como vocês acham que os brancos contribuem para a preservação do Xingu?

LAR, DOCE LAR BAGUNÇA? NÃO!

VERBOS (Pretérito Perfeito do Indicativo)
PRONOMES POSSESSIVOS - PRONOMES INDEFINIDOS
PRONÚNCIA DE /V/ e /B/

Jovens preferem Internet à TV, revela estudo

Assim como a televisão desempenhou um papel significativo na formação das gerações passadas, a Internet vem se tornando rapidamente a principal fonte de informação para a juventude atual.

Essa é a conclusão de um estudo realizado pela IDC/RKM Research com 302 jovens de 15 e 24 anos no Brasil, nos Estados Unidos e na Rússia. Em geral, os participantes da pesquisa apontaram a televisão como "chata" e "inconveniente". A Internet, por sua vez, foi classificada como "necessária" e "importante".

(<http://commento.cartello.com.br/?p=82>)



Você concorda com o resultado da pesquisa acima?
Você acha mesmo que a televisão pode ser "chata" e "inconveniente" e a Internet "necessária" e "importante"?
Você acessou a Internet esta semana?
Quanto tempo você ficou em frente à telinha ontem?

EXERCÍCIO 1. Na reportagem abaixo você verá dados sobre os jovens "conectados" no Brasil. Compare essas informações com informações sobre seu país de origem.

Oito em dez jovens têm Internet em casa nas grandes capitais brasileiras

Nas grandes capitais brasileiras, praticamente oito em cada dez jovens (78%) têm acesso à Internet em suas casas, segundo dados do Target Group Index, estudo realizado pelo Ibope Mídia, em parceria com a Kantar Media Research.

Os dados correspondem a mais de 9,2 milhões de jovens, com idade entre 12 e 17 anos, nos mercados de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Curitiba, Brasília, Salvador, Recife e Fortaleza, além de aglomerações urbanas com mais de 50 mil habitantes do interior de SP e das regiões Sul e Sudeste.

Neste universo, 63% dos adolescentes enviam e-mail para amigos e 52% utilizam aplicações de mensagem instantânea. Os jogos on-line e as páginas de humor e piada são os temas prediletos dos mais jovens na rede, com 55% e 43% de preferência, respectivamente.

No entanto, ao buscar informações, esses jovens ainda recorrem mais às mídias tradicionais, como a TV (46%), o jornal (41%) e a revista (38%). A Internet, nesse quesito, fica somente na 4ª posição, com 24% da preferência.

A pesquisa revela ainda que 28% desses jovens já possuem cartão de crédito e mais de 48% têm um celular.

(texto adaptado de MÍDIA DIGITAL - <http://idgnow.uol.com.br>)

VOCÊ SABIA QUE...?

Rodeios e Vaquejadas

São provas que mostram a habilidade dos peões e vaqueiros na lida com cavalos e gado. Os rodeios têm estilo americano. Tornaram-se cada vez mais populares nos últimos anos, em especial no interior paulista. Têm origem nas viagens de boiadeiros, as comitivas, levando gado para corte ou para internada. A maior e mais antiga festa de peão de boiadeiro acontece em Barretos (São Paulo), há quarenta anos. Há apresentações de grupos folclóricos e provas equestres. Na vaquejada, os participantes competem em duplas para apartar e marcar o gado. A cada rês dominada, o público comemora, com gritos e foguetes. As vaquejadas acontecem sobretudo no Nordeste. A mais famosa é a de Orós (Ceará).

PIADAS



1. CORREIO

Um maluco estava escrevendo uma carta em seu quarto.

O enfermeiro percebeu e, observando o endereço no envelope, perguntou:

- Você está escrevendo uma carta para você mesmo?
- Estou, qual é o problema?
- Nenhum. E o que diz a carta?
- Não sei. Ainda não recebi.

2. Dois ladrões procuravam uma casa para roubar, mas, em todas, havia o aviso "cuidado com o cão".

Em uma delas, no entanto, eles encontraram a recomendação "cuidado com o papagaio".

Sem levar a sério a advertência, os dois entraram na casa. Logo, o tal papagaio começou a gritar:

- Pega, Rex!



3. Joãozinho, o que você está estudando?

- Geografia, mamãe
- Então me diga: "Onde fica a Inglaterra?"
- Na página 83.

UNIDADE 5

VOCÊ CONHECE ESTA HISTÓRIA?

Era uma vez um menino pretinho e barrigudo que tinha uma perna só. Usava um gorro vermelho e fumava cachimbo. Ele aparecia e sumia num piscar de olhos. Gostava de folia e de aprontar: à noite, ia aos currais dar um belo nó no rabo dos cavalos; puxava a cobertura de quem estava dormindo; na cozinha, deixava a comida queimar no fogão e azedava o leite. Era um verdadeiro pestinha! Seu nome era Saci-Pererê! Só tinha um jeito de pôr o Saci-Pererê pra correr: colocando um rosário ou uma peneira perto dele!



VOCÊ SABIA QUE...?

Esta história faz parte do folclore brasileiro. Você sabe o que é folclore? É muito simples: são as lendas, mitos e histórias contadas pelo povo de várias regiões de um país. Saci-Pererê é um personagem do folclore brasileiro, que a maioria dos brasileiros conhecem. Se acreditam ou não na sua existência, já é outra história...

EXERCÍCIO 6. VAMOS USAR A IMAGINAÇÃO? Você foi a uma festa ontem à noite e conheceu uma pessoa que impressionou muito você. Descreva como essa pessoa era. Use Verbos como os do quadro abaixo.

era/tinha/usava/gostava
bebia/falava/dançava/fazia...

Exemplo: Ele era alto e moreno.
Tinha olhos azuis e cabelos castanhos.

EXERCÍCIO 7. Agora descreva o local da festa. Use Verbos como os do quadro abaixo.

estava/tinha/era/havia/
acendia/apagava/tocava...

Exemplo: O salão era enorme! Estava decorado com balões e fitas multicoloridas.

UNIDADE 7

HOJE É UM DIA ESPECIAL!

VAMOS COMEMORAR

VERBOS (Presente/Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo)
PRONOMES PESSOAIS DO CASO OBLÍQUO
PRONÚNCIA DE /LH/

Dia do Folclore

Você sabia que no dia 22 de agosto se comemora o Dia do Folclore? O folclore define a alma de um povo. São as danças, as comidas, as lendas, os mitos, os contos e os rituais populares típicos de um país que dão uma identidade particular e diferente a cada povo. O Brasil tem um espírito rico, pois possui todos esses ingredientes cheios de significados para cada um de nós. Sempre encontramos alguma coisa para festejar e, por isso, somos tão alegres aos olhos do mundo inteiro. O carnaval, as festas juninas, o Réveillon, entre outros, são a grande paixão dos brasileiros. Mas também dentro do nosso folclore, encontramos lendas mágicas, brincadeiras com palavras, poesias e contos populares que passam de boca em boca e quase todo mundo conhece. Vamos conhecer uma delas: a tradição do BUMBA-MEU-BOI!


Bumba-meu-boi é uma tradição do Maranhão comemorada todos os anos no mês de junho. As ruas são enfeitadas com bandeirinhas e balões de todas as cores, mas a atração máxima são as danças e as toadas. Nesta festa, um boi totalmente enfeitado é o personagem principal deste ritual. Este festejo está relacionado com uma antiga história: trata-se das desventuras de um casal de escravos. Segundo conta a lenda, ela estava grávida e com desejo de comer língua de boi, e pediu ao seu marido para conseguir uma. Então, o pai Francisco rouba um boi do seu patrão e, quando começa a matá-lo, aparece o capataz dizendo que seu patrão, que já sabia de tudo, pediu para levar o boi vivo ou, do contrário, mataria o escravo. Toda a fazenda se mobilizou e foram chamados pajés e doutores para salvar o animal. Depois de várias tentativas, conseguem ressuscitar o boi e pai Francisco também é salvo. Na maioria das cidades, a festa tem um ritmo vibrante e leva milhares de pessoas aos arraiais. As apresentações do Bumba-meu-boi se estendem até 29 de junho, dia de São Pedro, mas começam a ser organizadas em maio, cada ano. Apesar de algumas influências europeias, esta festa tem um espírito muito nacional. É um dos espetáculos mais puros do Nordeste brasileiro.

(revista *Chiquititas*, editorial Atlântida, nº 14, 1998)

EXERCÍCIO 1. Faça um resumo da tradição do Bumba-meu-boi completando as frases abaixo.

1. A esposa do escravo pai Francisco _____
2. Pai Francisco, então, _____ e _____
3. O capataz _____
4. Pajés e doutores _____
5. O boi _____
6. Pai Francisco _____
7. Os preparativos e as representações do Bumba-meu-boi vão desde _____ até _____
8. Bumba-meu-boi é uma tradição do Estado de _____, região _____

UNIDADE

 **EXERCÍCIO 14.b.** Vamos dar uma volta por aí? Ouça o diálogo e pratique-o com seu colega.

A: Lucas, meu pai vai me levar pra ver um show de carnaval brasileiro lá no Clube Beta. Você tá a fim de ir?

B: Que show é esse, Márcia?

A: É uma escola de samba que vai ficar aqui uns cinco dias fazendo apresentações em vários clubes da cidade.

B: E é muito caro pra entrar?

A: É de graça!

B: Nossa, que legal! Assim é mais fácil minha mãe deixar eu ir. Vou falar com ela e te ligo em seguida. Ah, e a que horas vai ser?

A: O show começa às 7 da noite, mas vamos sair por volta das 5h15.

B: Por que tão cedo?

A: Pra ver se a gente pega um lugar bom pra sentar. Acho que o campo do clube vai estar lotado.

B: É, você tem razão... Dizem que é o maior barato ouvir a bateria da escola de samba ao vivo.

A: Vai ser o máximo!



EXERCÍCIO 15.a. Substitua as palavras grifadas no texto por um Pronome Oblíquo.

A educação pela arte

Música, artes visuais e teatro são as armas de três educadores para transformar a vida de jovens. Ruben Gomes (foto) ensina a produzir instrumentos e a preservar a floresta amazônica.



Na Amazônia, jovens ajudam a preservar a floresta aprendendo música e fabricando instrumentos musicais. Na Paraíba, a estamperia e a serigrafia elevam a autoestima de meninos e meninas, e, em São Paulo, o teatro reduz a discriminação entre estudantes. Mestres nessas artes, três educadores usam seu talento para mostrar que a expressão artística ajuda a transformar os jovens em cidadãos capazes de reconhecer os outros, a si mesmos e de assumir seus sonhos. Mostram que a arte faz pensar, educa, inclui. E que não por acaso ela se torna uma ferramenta cada vez mais valorizada na educação. Os jovens são capacitados a transformar recursos naturais em bens. Recebem educação ambiental, discutindo, por exemplo, o manejo indiscriminado das espécies em extinção, como o pau-brasil, insubstituível para o arco de violino, e o mogno, usado para a confecção de braços de violões clássicos.

(texto adaptado de <http://ondajovens.terra.com.br/>)